

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**

**CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
DOUTORADO EM PSICOLOGIA**

**A RUA EM REBELIÃO.**

**Ou, para que a nossa casa estremeça.**

**JOSÉ RODRIGUES DE ALVARENGA FILHO**

Niterói

Junho de 2015

**JOSÉ RODRIGUES DE ALVARENGA FILHO**

**A RUA EM REBELIÃO.**

**Ou, para que a nossa casa estremeça.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-  
graduação Em Psicologia da  
Universidade Federal Fluminense  
como requisito parcial para  
a obtenção do grau de doutor em psicologia.

Orientadora: Dra. Cecilia Maria Bouças Coimbra

Niterói

Junho de 2015

Aos ninguéns que perambulam pelas ruas.

*Ao Eduardo Galeano, Manuel de Barros e Rubens Alves, In memoriam.*

*A rua é bonita.*

*(Pichação na Rua São Francisco Xavier, Rio de Janeiro).*

*A poesia está na rua.*

*(Pichação escrita no antigo Elevado da Perimetral, Rio de Janeiro).*

## RESUMO

Esta tese caminha. Escrita na e com as ruas do Rio de Janeiro num momento de intensa transformação urbana e social – Megaeventos esportivos, remoção de comunidades, instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), etc.– esboça análises de algumas linhas que atravessam essas ruas. Esta tese é um exercício de experimentação. Marco Polo, o explorador italiano, veio ao Rio a pedido de Kublai Kah para conhecer as maravilhas da “cidade olímpica”. Ao chegar, descobre uma cidade polifônica: encantadora e, também, violenta e desigual. Com uma narrativa que mistura ensaios, ficção e poesia, a tese se propõe a pensar as ruas estando nas ruas. É sobre as misturas, as andanças, as vidas descartáveis, descartadas; sobre os ninguéns “que valem menos que as balas que os matam”. É, também, sobre aquilo que escapa; sobre a efervescência das micro-rebeliões despreziosas; a potência dos encontros inusitados/inesperados e a ousadia de se deixar misturar, contaminar, afetar por outros olhares, outras sensibilidades, outros mundos. Enfim, para que a nossa casa estremeça e não sejamos mais os mesmos de então. “Deixe-me ir, preciso andar”.

Palavras Chaves: Ruas, Rio de Janeiro, Produção de subjetividades.

## Abstract

This thesis walks. Written in and the streets of Rio de Janeiro at a time of intense urban and social transformation - sporting mega-events, removal of communities, units of installation Pacification Police (UPP), etc.- to sketch analysis of some lines crossing the Rio streets . This thesis is an experimentation exercise. Marco Polo, the Italian explorer, came to Rio at the request of Kublai Kah to discover the wonders of the "Olympic city". Upon arriving, he discovers a polyphonic city: Lovely and also violent and different. With a narrative that mixes essays, fiction and poetry, the thesis proposes to think the street being streets. It's about mixtures, the wanderings, discarded lives, discarded; on the nobodies "who are worth less than the bullets that kill." It is also about that which escapes; on the effervescence of unpretentious micro-rebellions; the power of unusual / unexpected encounters and daring to leave mix, contaminate, affect other looks, other sensitivities, other worlds. Anyway, so our house tremble and be no more the same then. "Let me go, I need to walk."

Key words: Streets, Rio de Janeiro, subjectivities production.

## CAMINHOS

1. **Uma tese, uma cidade: descaminhos. 12**
2. **As vozes das ruas I: ninguém se importa com o lixo. 14**  
A solidão de Kublai Khan. 23
3. **As vozes das ruas II: cuidado com os pretos. 24**  
O olhar estrangeiro. 31
4. **A janela da rua: o girassol e o necrotério. 32**  
Da vergonha sem nome. 37
5. **(N) O lixo das ruas. 38**  
Da violência sem susto. 44
6. **No meio do caminho: o Elevado da Perimetral e os meninos que atiram pedras. 45**  
Do perigo da mistura. 52
7. **O Impressionismo de pés sujos: o menino de Acari. 53**  
A flor da pele. 58
8. **Um preto no Jardim do Alah: a carne mais barata do mercado. 59**  
As almas minguadas. 64
9. **O comandante quer sangue (ou, sobre a dor de escrever/pesquisar). 65**  
Da miséria que olha nos olhos. 72
10. **O violino e a lata. A mochila e o olhar: Severinos. 73**  
A plataforma da estação. 78

- 11. Padre Miguel e o nome na pedra: Jesus, a Liga e a súplica suburbana. 79**  
Central do Brasil. 90
- 12. Entre bombas e rojões: nosso bloco na rua. 91**  
As grades e os gatos. 99
- 13. Arrastões, rolezinhos e ostentação: quando o seu olhar encontra o meu. 101**  
Iracema você travessou na contramão. 108
- 14. “Eu não, meu senhor”: sobre as políticas do ódio. 110**  
Tão próximo. Tão distante. 115
- 15. Quando uma flor rompe o asfalto, ou, quanta dor cabe numa vida só? 116**  
A Praça da Cruz Vermelha e os seus fios. 123
- 16. O menino e a vitrine. 124**  
Augusto e Kelly. 127
- 17. Mundo Kit Kat. 128**  
Os fios que nos tecem. 130
- 18. Mas queriam que ele morresse mesmo. 132**  
Porto, mas que maravilha? 134
- 19. Saco preto. 136**  
O som do helicóptero. 138
- 20. O bagulho é doido. 139**  
Tropa de Choque e o choque de realidade. 150  
Efervescências. 151  
Rojão. 152

PORRA! 153

Foragido. 154

Abrir espaços. 155

**21. Deixe-me ir, preciso andar. 156**

**22. Efervescências, estilhaços e amoladores de faca: notícias de uma cidade em produção. 165**

**23. Agradecimentos. 302**

**24. Referências. 303**

**Uma tese, uma cidade: descaminhos.**

**A rua em rebelião.**

**Ou, para que a nossa casa estremeça;**

**Ou, escritas peripatéticas;**

**Ou, as aventuras de Marco Polo.**

A cidade.

A cidade pulsa, ainda.

Sorrisos, andanças, pequenos destinos.

O Rio transborda. O corpo vibra. A vida descaminha-se.

Há uma centena de faíscas e fagulhas no ar. As ruas gritam.

Tijolos, mega projetos, flashes. Vias expressas. Grandes obras.

Remoções. Vida de gado. Povo marcado. Humanos descartáveis.

Especulação imobiliária/\$. Unidades de Polícia Pacificadora/Cale-se!

Afasta de nós este cala-se! Pai? De vinho tinto de sangue. De corpos caídos no chão.

Em meio a tantos gases lacrimogênicos os sonhos insistem, não envelhecem.

*“Nossas mães não choram mais”. “Eu quero ser alguém um dia”, as ruas falam.*

*“Senhor, vinte centavos?” “Deus vai lhe dar em dobro”, as ruas suplicam.*

A “cidade olímpica” é um comercial bem feito. Um trailer de uma superprodução.

Esta tese é urbana. Não porque se propõe a falar sobre a cidade; mas por ser também uma maneira de habitar a cidade, suas ruas e misturas. A tese caminha.

É dos encontros nas ruas do Rio que nascem os ensaios. Escrevemos com as pernas,

com o corpo todo em movimento. A escrita dança, samba, chora, ri.

A escrita precisa ir. E vai! Com Marco Polo e tantos outros anônimos.

Que nossa escrita seja mais Guimarães Rosa do que Descartes; mais Manoel de Barros do que Augusto Comte.

Não há capítulos lineares. Não há manual. Não há entrevistas. Há encontros.

Não há respostas. Não há estatísticas. Há ensaios, ficções, assobios.

E algo sempre escapa, desvia, transborda.

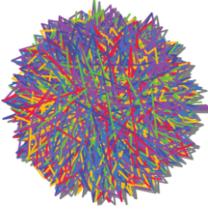
Esta tese é uma pergunta.

Nosso pulso ainda...

A cidade pulsa.

Pulsa.

Ir.



## As vozes das ruas I: Ninguém se importa com o lixo

---

*“Eu quero ser alguém um dia”  
(Pichação no suporte do antigo Elevado da Perimetral, na altura da Rodoviária Novo Rio).*

## **As vozes das ruas I: Ninguém se importa com o lixo.**

Não sei o nome dele. Na verdade, nunca parei para perguntar. Busco na memória se algum dia dei alguma esmola para ele, mas em vão, não me lembro. Neste texto, o chamarei apenas de “Ele”. Falo de um desconhecido bem conhecido nas ruas do centro do Rio de Janeiro. Já cruzei com Ele várias vezes. Na praça XV, bem perto da saída das barcas. Ele estava lá, com as pernas adormecidas sobre a velha cadeira de rodas enferrujada. A multidão passou feito um furacão – sim, eu fazia parte daquela multidão – e aquele homem, sem nome, sem grana, sem cara bonita, sem namorada, sem quase nada, insistia em esticar as mãos e numa voz cortante, porém já enfraquecida, dizia:

- Senhores, dez centavos, por favor! Senhores, dez centavos, por favor!

Ele pede de maneira curiosa, pois diminui a velocidade com que pronuncia as palavras no início para acelera-las no final. Em outras ocasiões, o vi perto de um dos sinais da Avenida Rio Branco. O sinal estava vermelho e ele passava entre a faixa de pedestres, já subindo pelo asfalto, e a calçada. Uma multidão, novamente, parada esperando o verde do sinal e ele passava em frente com a mão esticada e a mesma voz cortante suplicando míseros dez centavos. Duas ou três pessoas, entre cinquenta, talvez tenham dado algumas moedas para ele. Não sei que doença ele tem, se é que possui alguma doença, muito menos, porque ele está em cima de uma cadeira de rodas. Há quem diga que a cadeira é apenas para conseguir mais esmolas! Não conheço sua história. Apenas desconfio de sua dor expressa diariamente em sua miséria. Esta está à mostra para todos verem e cruzarem polidamente para o outro lado da rua. Sim. Fugimos dos miseráveis que atravessam nossos caminhos como quem foge enojado da peste. Fingimos que não os vemos ou os vemos com receio de sermos assaltados ou interpelados por eles. Os miseráveis são perigosos, astutos e pedintes; delinquentes em potencial, dizem. Pessoas com quem não devemos nos relacionar ou confiar. Aceleremos o passo. Sequer olhamos para trás. Fugimos do encontro. Contudo, se nos perguntarem jamais admitiremos nosso racismo, nosso preconceito e nossos fascismos. Jamais

admitiremos que “Ele”, filho da miséria, é antes de tudo, um filho negado de nossa sociedade. Filho direto das relações de poder que produzem tanto novas tecnologias como pobreza e pessoas transformadas em lixo (BAUMAN, 2005). Corpos com músculos milimetricamente esculpidos com o que há de mais avançado e caro em suplementos alimentares ou corpos moribundos, sujos e fedidos. Ambos os corpos, o desejado e o repelido, são produtos das relações de poder que atravessam nossa sociedade de controle (DELEUZE, 1992). Sociedade da vigilância ininterrupta e do descarte; da tecnologia e da miséria. Na era do biopoder (FOUCAULT, 2005), o poder que regula os fenômenos da vida também se torna o poder que aniquila a vida (PELTBART, 2010; AGAMBEM, 2007). Da biopolítica à tanatopolítica, as estratégias de poder desenham os contornos dos corpos e das ruas. Adornam a vida ou esculpem os caminhos para a morte.

As relações de poder produzem anormais (FOUCAULT, 2001), bem como, dispositivos para controlá-los ou mantê-los à distância. Nas ruas do centro da cidade, todos se misturam. De mendigos a empresários. E o quanto isso nos assusta. Próximo à entrada do Metrô da Carioca, um homem balança o braço ao contrário. Ele exibe uma deformação em seu corpo e vai ao encontro das pessoas que saem ou entram no Metrô. Insistente ele anda rente aquelas até ganhar alguns centavos ou interceptar outra pessoa. Na Av. Rio Branco, em frente ao número 156, um homem com uma imensa bola no pescoço e sem as duas pernas vende balas sobre uma frágil cadeira de rodas. Ao seu lado, um homem sem as pernas se arrasta pelo chão usando um skate sobre os braços. Perto do Edifício garagem Menezes Cortes, um homem se arrasta feito cachorro. Sem os pés e parte das pernas, ele engatinha usando uma simples proteção de pano nos joelhos. No Paço Imperial, uma velha senhora usa uma pequena cartolina com algumas palavras para pedir esmola. Prática esta pouco comum no centro do Rio de Janeiro. Na Av. Paulista, em São Paulo, praticamente todos os pedintes usam placas com palavras de súplica e ajuda. Os miseráveis, pobres, negros, pardos, anormais e fodidos estão nas ruas. Cruzando por elas. Vivendo nelas. Suplicando e cagando nos canteiros. Os “ninguéns” (GALEANO, 2005) ameaçam a estética da cidade higienizada. Despertam a ira das

peças que não querem se misturar. A mistura é um problema político para a cidade que se faz “olímpica” e que se quer perigosamente higienizada.

Nosso protagonista trás em seu corpo os embates de inúmeras lutas históricas vividas pelos negros e pobres. Os poderes incidem sobre os corpos. As disciplinas produzem corpos economicamente úteis e politicamente submissos. Ou seja, corpos dóceis (FOUCAULT, 2004). Uma história de violências, saques, torturas, zombarias e racismos está escrita com tintas borradas em seu corpo. Poderes que desenham os contornos de seu corpo empobrecido; poderes que demarcam um lugar social para pessoas como ele; poderes que o castram e o perseguem. Em cima da cadeira de rodas, ele roda pelo centro carioca. Entre os prédios decrepitos do Rio Antigo e os arranha-céus da Rio Branco, ele surge como mais uma estranha atração para turistas com câmeras caras tirarem suas fotos em alta resolução. Lembrança de uma miséria que os cariocas insistem em evitar. As lentes se voltam para os pobres (SONTAG, 2003, 2008). Ele deve dormir embaixo de alguma marquise. De dia, talvez alguém jogue creolina no local onde o “crioulo” dormiu. Fazem isso com pessoas como ele. Quem caminha pela manhã na Avenida Presidente Vargas pode se deparar com porteiros de prédios despejando creolina no chão. Jogam o produto mesmo com pessoas dormindo na calçada. Crianças vestidas com trapos de roupas. Mulheres, homens, velhos. Quem passa no local se desvia dos “corpos negros caídos no chão” (FLAUZINA, 2008) Uma senhora exclama: “Meu Deus”! Um homem retruca: “vagabundos”! Adolescentes cantam rock enquanto seguem em frente. Mulheres de salto alto e roupa social andam em passo acelerado. O fedor do produto só não é maior do que o cheiro do nosso racismo histórico.

Para Flauzina (2008, p. 107), o corpo negro é o alvo preferencial do sistema penal genocida e de suas políticas de repressão e extermínio das classes pobres. Como defende a autora, a modernidade “acolheu a pauta genocida que lhe foi entregue, com zelo, pelo regime Imperial”. O extermínio anda pelas ruas. Algumas ruas têm cheiro de sangue.

Dizem que os moradores de rua se tornam invisíveis. Passamos por eles, mas não os vemos? Eles aparecem diante de nós, nos interpelam, pedem esmolas e,

ainda assim, não os vemos? Não? Discordamos desta ideia. Eles são visíveis, localizáveis, até, previsíveis em sua circulação. Nós os enxergamos muito bem. Não é uma questão de “invisibilidade social”, mas de produção social de seres humanos refugados (BAUMAN, 2005). O lixo humano não é transparente. Ele é produzido para ser sujo, fedorento e ensejar nojo e repugnância. Ele é fabricado para nos causar temor, medo e insegurança. A existência de seres humanos refugados perambulando por aí nos dizem o quanto as ruas são sujas e perigosas; o quanto não estamos seguros nos espaços urbanos. O quanto vivemos numa “Fobópole” globalizada (SOUZA, 2008): Cidade amedrontada que revela na arquitetura de seus espaços urbanos, no comportamento de seus moradores, nos discursos da mídia, o medo que empresta novos contornos aos espaços, bem como, aos encontros e às relações sociais. Medo que atravessa os modos de subjetivação. Medo que é condição de possibilidade para o controle da população e para a fabricação de subjetividades. Medo generalizado. Como escreve Carlos Drummond de Andrade (2012a, p. 20): “E fomos educados para o medo/ Cheiramos flores de medo/ Vestimos panos de medo/ De medo, vermelhos rios vadeamos”.

A fabricação de lixo se dá através de vários dispositivos e dinâmicas: das prisões aos abrigos. É sobre esta produção histórica e estratégica que vemos se desenhar um árduo clamor punitivo e políticas ditas públicas de perseguição, repressão e extermínio dos pobres. Agora que o Rio de Janeiro se tornou uma “cidade olímpica” – cidade de milionários e midiáticos, Megaprojetos e Megaeventos – o processo de limpeza urbana dos indesejáveis é intensificado. Como nos diz Mike Davis (2006, p. 111): “os favelados sabem que são a ‘sujeira’ ou a ‘praga’ que seus governos preferem que o mundo não veja”.

A segurança, esta estranha sensação tão almejada, pode ser “comprada”, feito mercadoria, em grandes centros comerciais e condomínios fortificados. Nestes, pessoas refugadas não podem entrar e passear. Não há o risco do encontro indesejado com a miséria indigesta. Ninguém nos pedirá esmola e não teremos que fingir que não os vemos e cruzar para o outro lado da rua. Neste caso, a rua nos pertence. Apenas nós podemos trafegar sobre elas. Ruas fechadas para nosso deleite. Espaços privatizados para o nosso estranho sossego. Podemos ficar

comodamente atrás das grades e relaxarmos. Estamos seguros, enfim. Afinal, não temos nada a ver com isso. O shopping é duplamente o templo favorito do consumo e da segurança. Ele não foi feito para pobres.

Um acontecimento que corrobora esta afirmação foi registrado no documentário “Hiato” (SEIXAS, 2008). Na ocasião, três de agosto de 2000, aproximadamente 300 pessoas, integrantes de movimentos sociais e moradores de comunidades pobres do Rio de Janeiro, fizeram um passeio pelo Shopping da zona sul carioca. O objetivo do grupo era conhecer o lugar, visitar as lojas, provar roupas, comer na praça de alimentação etc. O passeio ao shopping gerou grande repercussão e o desconforto de quem passeava no local. Como disse uma estudante gaúcha de 16 anos: "Esses sem-terra quiseram entrar na minha fazenda em Minas Gerais, mas eu jamais esperaria encontrar esse povo aqui". Ela desistiu de lanchar na Praça de Alimentação, ocupada pelos manifestantes.

A pobreza não nos interessa. Ela nos ameaça, mas pagamos para ficar longe, bem longe, dela e de seus filhos tão sujos, tão pedintes, tão maltrapilhos. Esta é uma rua de mão única. As ruas higienizadas dos condomínios e os espaços aromatizados dos shoppings nos inspiram uma estranha segurança feita através de câmeras, homens armados e grades. Dispositivos dúbios da sociedade de controle que ensejam a produção de novas lógicas de visibilidade e regulação. O tempo todo estamos sendo vigiados, mas é para garantir a nossa segurança, dizem. É para intimidar os bandidos, ameaçar os mafiosos, identificar os delinquentes. Produtos da política de circulação da cidade amedrontada. O medo é um potente dispositivo de controle. Historicamente usado e sofisticado no Brasil (BATISTA, 2003). Ironicamente, as grades que nos ensejam segurança, também nos cerceiam. Uma prisão? Ficamos “presos” e “seguros” dentro do pequeno e limitado perímetro quadrado que nos é garantido, com ressalvas, pela capacidade de nossa conta bancária. Como canta o Rappa: “as grades dos condomínios são para nos trazer proteção, mas também trazem a dúvida se é você que está nesta prisão<sup>1</sup>”. Nos custa bem caro mantermos os pobres na miséria.

---

<sup>1</sup> Trecho da canção “Minha alma (a paz que eu não quero)”, de Marcelo Yuka.

Semana passada, passei pelo Largo da Carioca. Ao cruzar a Avenida Evaristo da Veiga encontrei Ele em sua cadeira de rodas. Estava diferente do habitual. Não pedia esmolas. As mãos estavam caídas sobre o corpo negro e a roupa suja. Ele olhava para as pessoas que passavam apressadas ao seu lado e dizia com a voz rouca:

- “Papo reto meu irmão: você sabe que você é o meu oposto!”.

- “Meu irmão! Você é o meu oposto!”.

- “O meu oposto”!

- ...

De fato, Ele é o oposto do projeto de cidade olímpica higienizada que vemos se desenhar no Rio de Janeiro. O oposto do tipo de pessoa que estamos acostumados a adicionar no “Facebook” ou a atender em nossas clínicas psiquiátricas. O oposto daquilo que chamamos hipocritamente de “pessoa de bem”, “pessoa honesta”. O oposto do tipo de gente que convidamos para nossos debates sempre tão previsíveis e acadêmicos. O oposto dos direitos humanos propagados em inúmeras declarações. Todas de papel. O oposto da beleza que almejamos; do corpo que esculpimos; dos artigos que escrevemos. O oposto de muitas coisas. Ele sabe que é produzido não para ser pessoa, mas para virar lixo e ser tratado como tal. E a sujeira é o oposto da sociedade da higiene, da saúde e do bem-estar. Ele é feito “bicho” que cata o que comer no chão. E ninguém se importa com o “bicho”. “E o bicho meu Deus era um homem” (BANDEIRA, 2013).

## **Pistas**

*Ao som do Rappa.*

*De acordo com Michel Foucault (2005), um dos principais fenômenos políticos do qual o século XIX foi palco é a tomada da vida pelos mecanismos de poder. Ou seja, a vida, o biológico, os fenômenos da existência, se transformam em alvo e objeto de uma tecnologia de poder que não se interessa mais, especificamente, pelo corpo individual,*

mas, sobretudo, pelo corpo social – o corpo espécie. Disciplinas do corpo e biopolítica das espécies. Duas estratégias do biopoder que vemos se atualizar na fabricada “cidade olímpica” carioca.

Entretanto, a biopolítica descrita por Foucault (2003, 2005), transforma-se em “tanatopolítica” (AGAMBEN, 2007). De acordo com Pelbart (2010, p. 3), “o biopoder contemporâneo, segundo Agamben -e nisso ele parece seguir, mas também "atualizar" Foucault- já não se incumbe de fazer viver, nem de fazer morrer, mas de fazer sobreviver. Ele cria sobreviventes. E produz a sobrevida”. Que “sobrevidas” as práticas de preparação para os megaeventos ensejam?

Para Deleuze (1992), a Sociedade de Controle é o momento no qual as dinâmicas de poder forjam novos dispositivos de controle e vigilância, bem como, novos modos de atravessar os corpos, as subjetividades, as cidades etc. Controles mais sofisticados e precisos são inventados. Novas políticas de visibilidade e circulação pelos espaços urbanos. Na Sociedade de Controle os dispositivos de regulação são tão sofisticados que passamos a pedir por eles. Os mesmos se confundem com a defesa da vida, a “liberdade”, a “democracia”.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault (2004) coloca em análise o corpo enquanto local de incidência das relações de poder. As disciplinas produzem corpos economicamente úteis e politicamente submissos. Ou seja, corpos dóceis.

No filme “174” (dirigido por José Padilha), Luís Eduardo Soares fala sobre a “invisibilidade dos ‘moradores de rua’”.

*Para Bauman (2005), a modernidade se caracteriza tanto pela produção incessante do novo como pela produção de lixo. Um dos principais tipos de lixo produzidos é o refugo humano. Vidas descartáveis ao funcionamento do sistema. A fabricação diária de vidas refugadas não é por acaso. É o efeito de um conjunto de práticas e poderes que majoram, esquadrinham, rotulam, dividem, hierarquizam os seres humanos. Práticas estas diretamente ligadas ao modo de produção capitalista e a sociedade de controle e a fabricação de subjetividades submissas.*

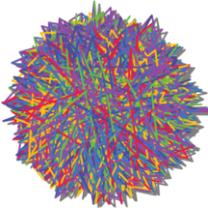
*Marcelo Lopes de Souza (2008), coloca em análise a cidade enquanto uma “fobópoles”, isto é, uma cidade atravessada pelo medo da violência criminal. Cidade amedrontada que revela na arquitetura de seus espaços urbanos, no comportamento de seus moradores, nos discursos da mídia, o medo que empresta novos contornos aos espaços, bem como, aos encontros e as relações sociais. Medo que atravessa os modos de subjetivação. Medo que é condição de possibilidade para o controle da população e para a fabricação de subjetividades. Medo generalizado.*

Junho, 2012

## ||||| A solidão de Kublai Khan

---

A vida de um imperador não é nada fácil. Depois de conquistada inúmeras cidades e de ver seu poder se expandir por terras distantes, o Imperador dos Tártaros, Kublai Khan, sente-se sozinho. A solidão se expressa numa língua sem palavras. Sua solidão é estrangeira. De repente, acontece. Seus olhos se perdem na figura pintada de seu avô **Genghis Khan** ou na janela entreaberta do salão de seu palácio. Nuvens desenhavam rabiscos no céu azul do oriente. O dia está bonito, se insinua colorido e radiante. Não interessa. Não há mais nada a conquistar! Lamenta-se. Isso importa. Tudo já foi explorado e capturado. Cada centímetro averiguado e catalogado por seus cientistas reais. O imperador esboça um sorriso, mas logo o aborta. Não vale a pena sorrir assim, impunemente demonstrar uma afetação que é apenas miragem. A tristeza é uma velha companheira que vai, mas sempre retorna com seu abraço comprido e inefável. Kublai anda de um lado para o outro. Está ansioso. Algo necessita acontecer, e com demasiada urgência. Seus passos esticam o chão. Quanto mais anda mais se tem a andar. Pior, nada parece querer acontecer. Anda em círculos. Os dias seguem, como que fadados há uma mera repetição inebriante e fugaz. Faz três anos que os Polo se foram e até agora nenhuma notícia do Vaticano. O tempo congela a paisagem numa moldura que o próprio império inventou para si mesmo, feito espelho a reproduzir o que Kublai queriaver. Um império grandioso, austero e invejável! Kublai Khan adormece sentando em seu trono real. Sonhos efêmeros o visitam e, pelo menos nestes, a fantasia o leva a diante; sempre além.



## As vozes das ruas II: cuidado com os pretos

---

“- Não gosto de pretos, Kindzu.

- Como? Então gosta de quem? Dos brancos?

- Também não.

- Já sei: gosta de indianos, gosta da sua raça.

- Não. Eu gosto de homens que não tem raça.

É por isso que eu gosto de si, Kindzu”.

(Mia Couto, Terra Sonâmbula, 2007)

## **As vozes das ruas II: cuidado com os pretos.**

Uma pequena multidão sai apressada de dentro do metrô da Estação São Francisco Xavier, Tijuca. Ao lado desta, a Igreja de São Francisco. Atravessam até a praça e esperam, impacientes, o sinal abrir. Como tantas outras praças, poucas pessoas estão sentadas sobre os seus bancos de cimento cinza. O espaço público parece pouco convidativo. Não nos convida a ficar, mas a passar apressados. Muitos não aguentam esperar alguns minutos e atravessam correndo desviando dos carros em alta velocidade. “Ando devagar porque já tive pressa”, como diz a letra da canção “tocando em frente<sup>2</sup>”. Bela frase, aliás. Para que tanta pressa? Por que tanta pressa? Por que nas ruas as pessoas parecem estar sempre atrasadas? O tempo é curto e, por isso, eterno. “Quanto tempo dura o eterno?”, perguntou Alice. “Às vezes apenas um segundo”, disse o Coelho (CARROLL, 2002). Que produção de subjetividades é esta que instaura a pressa incessante enquanto vetor de subjetivação nas grandes cidades? Pressa de passar, medo de ficar. Todos têm muita pressa e poucos têm tempo. Não há tempo para parar, para pensar, para questionar ou discutir. O “tempo livre” é um luxo, para nós. O tempo é curto. A insegurança das ruas ajuda a comprimir o tempo, talvez. A lição estadunidense nos alerta: tempo é dinheiro. No final das contas, é isso que importa mais do que a própria vida. Guerras são travadas, templos são erguidos, pessoas são mortas ou torturadas por dinheiro. Enfim, depois de uma curta pausa, o sinal fica verde e a multidão pode novamente correr a passos largos. A canção de Almir Sater não faz sentido, pelo menos não para aquela multidão. Apressados, seguimos em frente.

Atravessamos para o outro lado da rua, seguindo em direção a Rua Conde de Bonfim. De repente, um garoto aparece correndo paralelo ao grupo de pessoas. Ele, entretanto, é diferente destas. Ele não está vestido com roupa social. Não usa camisa da Nike. Não está de sapatos Mr. Cat. Celular Smartphone da Aple, da moda, não tem. Ele corre carregando uma pequena caixa de balas. Pela roupa, pelo andar, pela cor da pele, pelo jeito de falar sabemos que ele é pobre, miserável. Ele corre, mas desacelera visivelmente incomodado e começa a andar rápido. Olha para trás,

---

<sup>2</sup> Canção de Almir Sater e Humberto Teixeira.

para os lados e começa a dizer com ar de revolta e desdém: “é meu irmão eu esqueci que preto correndo só pode ser ladrão”. Preto igual a ladrão é uma equação histórica fabricada em nossas terras brasilis. O racismo está desenhado, perigosamente, em nossos corpos e nas ruas por onde andamos. Ao correr o garoto chamou a atenção das pessoas apressadas. Elas olharam para ele como quem olha para um animal perigoso solto nas ruas. Olharam com temor, com receio. E se ele vier nos assaltar? Ele deve querer nossa carteira? Cadê a mãe do pivete? Ele é preto e pobre, por isso muito cuidado com ele. A negritude de seu corpo somada a pobreza material de sua família tiram o sono dos segmentos médios e altos. O garoto apenas correu, pois como nós ele tinha pressa. Contudo, nós podemos correr pelas ruas sem que sejamos olhados com temor. Se corremos estamos com muita pressa ou fazendo exercício físico. Temos o direito de correr. O que naquele pobre garoto nos assusta tanto? Por que temos tanto medo dele? Por que ele não pode transitar pelos espaços urbanos como nós? Ele que deveria ter medo da gente e de nossos aparelhos repressivos montados para vigiar, punir e exterminar pessoas como ele. O desconhecido, porém, temido menino, seguiu seu caminho levando consigo a certeza que vive numa sociedade hipócrita e racista. Nenhuma novidade para ele, é claro. O jeito de olhar que as pessoas lançaram o inquiriram em silêncio: “você não vai nos roubar hoje não, não é? ” Ao mesmo tempo, o condenavam, a priori: “seu pivete ladrão! ” Marginalizado e temido pela sutileza do olhar racista o garoto deixou de correr. Como este olhar é doloroso. Apesar da pressa aparente, ele continuou o seu caminho andando. Ele não pode correr. Ele não pode transitar em locais como shoppings centers sem ser importunado pelos seguranças. À noite, vamos dormir sossegados e nos esquecemos do preto correndo solto pelas ruas. As grades dos condomínios não permitem que os pretos andem ou vendam balas na calçada de nossas casas fortificadas. Que alívio. As ruas são deles, por enquanto.

A Tijuca é o bairro carioca que possui a maior quantidade de favelas. Isso, por si só, já impressiona muita gente. Como diz Saint-Exupéry (S/d), as pessoas grandes adoram números e explicações detalhadas. O número parece importar mais do que a análise da situação. A Tijuca está pacificada, nos diz sorridente a propaganda do governo do estado. A suposta e estranha pacificação se dá através da

implementação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) nas temidas e perigosas favelas do bairro. Não por acaso, desde sua pacificação desejada a Tijuca vem sofrendo, como acontece em toda zona sul, um aumento vertiginoso no valor de venda, compra e aluguel dos imóveis. A inflação imobiliária no Rio de Janeiro já ultrapassou São Paulo. Está muito caro morar na cidade maravilhosa<sup>6</sup>. A cidade dos megaeventos esportivos (Copa e Olimpíadas) e dos megaprojetos (COMPERJ, TKCSA) é uma cidade cara. Nas ruas do Rio Olímpico a pobreza aparece como um desenho borrado, sem ornamentos ou glamour. É feio e perigoso ser pobre. As ruas estão cheias de crianças pretas vendendo balas, suplicando esmolas. Elas denunciam todos os dias aquilo que preferimos esquecer: a violência da pobreza e a pobreza de nossa reflexão sobre nós mesmos. Por outro lado, a paz de que falamos e ouvimos falar no Rio não significa a luta pela erradicação da pobreza, por exemplo, mas a sofisticação do controle e regulação biopolíticos sobre esta. A paz, neste caso, é a possibilidade de remover comunidades, retirar das ruas pedintes e miseráveis e abrir caminho para os investimentos do capital financeiro globalizado. A paz é um nome bonito a preencher discursos que não passam de mera retórica política. No mercado, paz significa estabilidade econômica para investimentos do capital. O que importa é o dinheiro. O garoto preto continua andando apressado atrás de fregueses para suas balas de um real. As pessoas continuam correndo assustadas do garoto preto vendendo suas balas. O sinal está vermelho. Ele demora a ficar verde. De vez em quando, alguém é atropelado. A bala custa apenas um real.

Na movimentada Rua Conde de Bonfim, uma mulher está sentada na calçada. No seu colo, um pacote de balas e uma criança pequena. Os dois se confundem e se misturam. Ela consola o filho enquanto pede que alguém compre suas balas. Tem as roupas sujas e velhas e um ar de sofrimento e cansaço estampado na face. Deve ter apenas vinte e poucos anos, mas está com a aparência envelhecida. O sofrimento acelera o envelhecimento. As pessoas que passam desviam do corpo pedinte. O problema não é a bala de um real que ela vende, pois no shopping compramos doces muito mais caros do que estes. O problema é ela. Não queremos travar contato com pessoas como ela. Queremos, sim, manter distância. Uma segura distância que nos impede de nos misturarmos. Isso, contudo,

talvez não seja uma regra geral. Não há regras explícitas de como tratamos os pobres nas ruas. Simplesmente cruzamos por eles. Naquele dia, uma senhora passou pela pedinte. Diante das súplicas desta a velha mulher retrucou em tom ameaçador: “eu vou chamar o conselho tutelar! Você está usando esta criança!” A mãe, ofendida, imediatamente respondeu dizendo que não, ela não usa o seu pobre filho, mas a criança tem fome. Ela, inclusive, também tem fome. Ela está trabalhando, apesar de muita gente achar que não. Ela vende balas. Ela vende a imagem do filho empobrecido junto com as balas? Ela nos quer comover usando a criança? Vamos chamar o Conselho Tutelar. Tiraremos a guarda daquela mãe. Afinal nos importamos com o desenvolvimento saudável das crianças. Somos muito humanistas com as pessoas pequenas. A criança irá parar num abrigo e, se tiver sorte, será um dia adotada por um casal classe média que dará a ela as condições para ser um adulto, também, saudável e feliz. Um “adulto saudável” não fica sentado nas ruas. Quanto a pedinte, possivelmente ela continuará vendendo balas ou o que lhe for possível trazendo no colo outro de seus inúmeros filhos pequenos. Porque os pobres têm muitos filhos. É comum encontrar mulheres com crianças pequenas no colo vendendo algo. A pobre mulher usa os filhos para tentar comover e chamar a atenção das pessoas que atravessam o seu caminho. Isso ofendeu a moradora da Tijuca. Mas nós usamos os pobres e isso não nos ofende. Abusamos de sua mão-de-obra barata. Eles estão nos apartamentos limpando as casas, fazendo faxina e cuidando de nossas crianças. Há sempre uma Maria, preta e pobre, fazendo a comida na cozinha. Há sempre um José, nordestino e baixinho, trabalhando enquanto porteiro e subindo e descendo do prédio pelo elevador dos fundos. Os pobres nos servem muito bem. Precisamos deles. Sem eles, nossa sociedade não funcionaria. Eles carregam nossos lixos e empacotam nossas compras no supermercado. Eles constroem nossos prédios, mas depois não podem entrar. À noite, eles se vão nos trens lotados da Central. Na manhã seguinte, estão de volta. O pobre limpinho e trabalhador, isto é, o pobre domesticado para o nosso bel prazer é suportável e aceito. O pobre desordenado das ruas, o insistente pedinte, aquele que joga em nossas caras a cara da miséria de nossa sociedade, este não suportamos. Com este não queremos papo. Este precisa ser controlado, regulado e abrigado. Ele suja nossos caminhos enquanto sonhamos acordados com uma cidade

limpa. Uma cidade não sem pobreza, mas onde a pobreza não nos interpele. A mulher continua na Rua Conde de Bonfim vendendo balas a um real e segurando seu filho no colo. Ela não se importa com o Conselho Tutelar? “Senhor, compra uma balinha pra me ajudar?” Apenas um real.

“O Rio de Janeiro virou vitrine no cenário internacional”. Pelo menos, isso é o que nos dizem diariamente os grandes meios de comunicação. Sede de inúmeros eventos e projetos, a cidade maravilhosa (para o capital financeiro) definitivamente não suporta seus filhos pobres. Durante a realização da Conferência Rio+20, moradores de rua – o politicamente correto seria: “pessoas em situação de rua”, mas ao andarmos pelos espaços públicos só cruzamos com “moradores de rua”. Estes que não valem nada, um centavo sequer; que são queimados vivos e espancados. Definitivamente, eles não são “pessoas” – foram “removidos” do centro e da zona sul. No Palácio Tiradentes (centro, Rio de Janeiro), atividade do Rio+20 juntou parlamentares e empresários. Em cada esquina havia uma viatura da polícia. Anúncio de um Rio que se quer seguro, bonito e confiável para o capital. Prelúdio de uma cidade que nega sua pobreza e persegue seus pobres. Um Rio que limpa suas ruas dos miseráveis despejando-os para bem longe das delegações, dos turistas e da mídia internacional. Limpeza urbana das pessoas transformadas em lixo que não servem mais ao funcionamento do sistema. No Castelo (centro) estranhamente não vi um morador de rua sequer. Sumiram todos. Para onde foram levados? Quem os levou? Só ficaram os seus vira-latas. Órfãos sem glamour da festa da “Rio-20”. As ruas estavam limpas, vigiadas e estranhamente tranquilas.

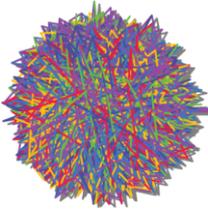
Julho, 2012

### **Pistas**

*Segundo Sennett (1988), com a emergência da sociedade burguesa, os espaços públicos foram se fabricando enquanto espaços da insegurança e do perigo. Espaços meramente da passagem. Hoje, a criação de dispositivos eletrônicos de vigilância registram o que se passa nas ruas. O perigo agora é vigiado por câmeras presas no alto*

*de postes e prédios. A insegurança fabricada alimenta a lucrativa indústria da segurança privada, bem como, a produção de subjetividades amedrontadas.*

Marco Polo desembarga no Aeroporto Internacional Antônio Carlos Jobim, Rio de Janeiro. Chega sem grandes malas. Na pequena bolsa um caderno onde anota o que lhe cativa o olhar. Ser estrangeiro lhe trás benefícios e lhe oferece o próprio estranhamento enquanto método de exploração. Parado, sem pressa, ele observa os pormenores ao seu redor. Ele se interessa pelos arranhões, fissuras, pegadas e pequenas faíscas que advém do seu encontro com o diferente/a cidade. Exercício constante de quem se faz explorador. No saguão do aeroporto línguas e sotaques diversos se misturam, como se, juntos, num instante fugaz, compusessem uma improvisada melodia em contraponto. É bonito de se ouvir, mas é difícil de entender. O encontro com a estranheza aguça os sentidos e desperta nestes a possibilidade de estrangeiros caminhos. A tensão que desterritorializa é um convite a sair de onde se está e pisar outros arredios chãos. Marco Polo observa. Em silêncio, ele dança.



## A janela da rua: o girassol e o necrotério

---

“Viva intensamente ou desista”

(Pichação no Elevado da Perimetral, 2012)

## **A janela da rua: o girassol e o necrotério**

A casa é antiga, modelo século passado. A cor que a banha é um pálido e desbotado cinza. A casa está morta, penso. Sobre a sacada um solitário girassol num pequeno vaso marrom. A flor, esta insistente promessa de beleza, era a única coisa que aparentava vida na velha casa. As janelas cerradas, as portas fechadas, o muro com agressivos arames farpados. De frente a construção, do outro lado da rua, o Instituto Médico Legal (IML). Tudo ali, aliás, emanava um ar fúnebre. A Rua Mem de Sá tinha movimento intenso, muitos carros e pessoas. Mas era um movimento triste de quem vai e sabe que terá de voltar. Ou, de quem fica e sabe que não poderá ir. A morte, esta desconhecida companheira, parecia espreitar-se por aquela rua, morar naquela casa, ganhar vida no necrotério. Do ponto de ônibus, eu olhava para aquela casa cinza e era como se o girassol olhasse para mim. Ele era um raio sutil de vida onde quase tudo parecia estar morto e desbotado. A planta dança ao ritmo do sol. Ela é potência. Afetos de alegria. Desconfio: há vida mesmo onde tudo parece estar morto. Há resistência onde tudo parece estar dominado. Se não há girassóis, precisamos inventá-los.

A região da Lapa está inchada. A bolha da especulação imobiliária carioca faz com que pessoas se mudem da zona sul para bairros, a princípio, menos valorizados. Um formigueiro de gente entra e sai diariamente do pequeno Bairro de Fátima. Um bom observador notaria o aumento significativo da quantidade de lixo nas ruas do bairro. Os lixeiros notaram, com certeza. As ruas estão mais sujas e mais movimentadas. Está bem caro morar no Rio de Janeiro. A justificativa para a insensata inflação no preço dos imóveis é a realização dos megaeventos esportivos. A cidade está ganhando em infraestrutura e segurança, dizem. O Rio tornou-se uma mercadoria valorizada no mercado global. Cidade dos megaeventos e megaprojetos reluz cintilante aos olhos de especuladores e empresários. Nas ruas um sussurro, não mais que isso, expressa a desconfiança sobre os “benefícios” da produção do Rio Olímpico: “como será depois de 2016? ”, perguntam. Não sabemos bem como será o amanhã; se haverá girassóis nas janelas ou bandeiras da seleção brasileira. Talvez, ambos.

Há ruas que tem cheiro de praia (Ipanema); ruas com cheiro de calmaria, mas, ao mesmo tempo, de intolerância (Urca); ruas com nariz em pé (Leblon); fabricadas ruas sem charme e glamour (Santo Cristo); ruas dissonantes (Copacabana); ruas com enormes prédios (Centro); ruas musicais (Lapa); Ruas sem vergonha (Praça XV); ruas desconfiadas (Tijuca); ruas quentes (Sulacap). No final, muitas se misturam, se completam e se majoram. Há tantas ruas e em cada uma delas um pulsar diferente. A Lapa pulsa feito carnaval. Não importa que seja agosto ou novembro. Há sempre algo acontecendo no bairro mais boêmio do Rio. Sobre os Arcos já não se vê o bondinho trafegar. Embaixo dos mesmos, próximo ao lendário Circo Voador e ao festivo Fundação Progresso, já não há mais anfiteatro. Local onde se montavam palcos e epopeias musicais eram vividas. Nos dias de semana, inúmeros moradores de rua dormiam sobre os degraus do teatro de rua. Recentemente passei em frente aos Arcos e percebi que haviam sequestrado o anfiteatro! Parei. O chão estava liso! Olhei para um lado e para o outro. Nem um sinal do teatro, de suas escadarias. Na cabeça, a lembrança do último carnaval e da folia vivida naquele espaço: o show com o grupo Boitatá. Havia um teatro aqui, repeti em silêncio. O espaço musical e, até certo ponto, espaço da “sujeira social” se tornou coisa do passado. Espaço estranhamente liso, agora. A Prefeitura não quer mendigos em frente aos Arcos. Não importa, eles arrumam outro lugar para ficar. Eles sabem plantar girassóis.

Em Niterói, embaixo do viaduto que liga a Alameda São Boa Ventura, a Ponte Rio Niterói, pesadas pedras ferro foram colocadas, faz anos, no local que servia de dormitório a moradores de rua. No terminal de ônibus João Goulart, os bancos de madeira são divididos por pontiagudos pedaços de ferros. Ninguém fala, não há placas, mas os bancos reformados nos dizem: é proibido dormir aqui. Em São Paulo, a Prefeitura também investiu em políticas anti-mendigos. Que as ruas e os espaços públicos sejam tão somente locais da mera passagem. Locais que ensejam medo e insegurança e que dificultem ao máximo a vida de todos aqueles que, desobedientes, tentam habitar sobre bancos, marquises, viadutos e portas de lojas. As ruas têm cheiro de fascismo. Deste que é produzido e aplaudido enquanto política pública. O que salva as ruas é que estas têm também um cheiro forte de

desobediência. Uma irreverência e criatividade que salta aos olhos de quem, sem medo ou preconceito, observa o pulsar das multidões. Sobre o suporte do Elevado da Perimetral escreveram: “Viva intensamente ou desista”. As ruas são intensas.

A política do choque de ordem – ou seria um choque que não mais nos choca? – é irmã direta da política de tolerância zero estadunidense. Ambas almejam limpar as ruas dos fabricados indesejáveis sociais. Ambas são aplaudidas pela classe média e pelas grandes corporações de mídia. Há poucos anos criaram em Copacabana a operação “copabacana”. Havia, inclusive, um número 0800 (gratuito) para o qual os moradores poderiam ligar para denunciar a existência de moradores de rua. Ao vivo, o noticiário RJ TV, da TV Globo, flagrava pessoas dormindo ou pedindo esmolas na “Princesinha do Mar”. Idosas com forte maquiagem na face e enormes anéis nos dedos, davam depoimento aos jornalistas. “Tirar esta gente daqui” é o que mais se ouvia. Hoje, contudo, a “copabacana” foi absorvida pelo choque de ordem. Faltam-nos ordem! É o que nos diz esta política. Intensificar aquela significa ordenar as ruas; abrigar os pedintes; afastar os vagabundos e prender os delinquentes. A ordem/repressão enquanto condição para a melhor venda da mercadoria Rio de Janeiro. Vende-se uma cidade que está sendo limpa, ordenada, estruturada, pacificada e perfumada. Uma cidade bonita e feliz. O vídeo clip da candidatura do Rio de Janeiro às olimpíadas mostra uma cidade que estranhamente sorri o tempo todo. Uma cidade sem favelas, sem problemas e sem miséria. Uma cidade a venda. E há muita gente querendo comprar. O preço é caro, mas não importa. Como diz a canção: “negócio bom assim ninguém nunca viu<sup>3</sup>”.

O Rio virou uma cidade cara até para os turistas, afirma notícia do Globo Online. Supostamente a cidade está mais rica, mais cheia de esperanças e promessas, e, ao mesmo tempo, nós estamos mais pobres; mais cansados; mais estressados; mais engarrafados. Em vídeo da Tv Folha, o reeleito prefeito Eduardo Paes confessa que: “esse negócio de Olimpíadas é sensacional. Serve como desculpa para tudo...tem coisa que tem a ver e tem coisa que não tem nada a ver, mas eu uso!” Eduardo Paes ri, satisfeito. Diz, sem nenhuma vergonha, que “todo

---

<sup>3</sup> Trecho da canção “Aluga-se”, de Raul Seixas e Claudio Roberto.

governante tem inveja de mim, inclusive a Dilma<sup>4</sup>”. “O Rio aos seus pés”, diz em letras brancas a matéria da TV Folha. A Prefeitura carioca produz necrotérios, mas desobedientes e dançantes girassóis brotam pela cidade. Eles não têm preço. Não estão a venda. Eu planto girassóis. Outubro, 2012

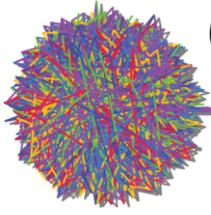
---

<sup>4</sup> Entrevista de Eduardo Paes a TV Folha: <<http://www.youtube.com/watch?v=jtcwnOlq5mA>>

## ||||| Da vergonha sem nome.

---

Marco pega um táxi para a Zona Sul carioca. Vai para o hotel. O taxista é um sujeito de baixa estatura e fala ligeira. Sua barriga saliente torna curta a distância do seu corpo ao volante. Ele se diz um bom bebedor. Logo, puxa conversa com o passageiro que tem ar de distraído. Quer saber de onde veio, para onde vai. O Rio é uma cidade muito bonita, repete como um mantra. O explorador está mais interessado nas pessoas que vê através da Avenida Brasil do que no discurso turístico do motorista. De repente, pede que este pare. Ali mesmo, onde os carros passam zunindo violenta velocidade. O taxista para o carro no acostamento. Olha desconfiado para o italiano. O que este homem quer? Nos conta o desenho confuso de sua face avermelhada. Marco aponta para um enorme palácio. O contraste gritante entre a imponente construção e o seu redor produz no explorador uma sensação estranha. A beleza estética do palácio realça a pobreza do seu entorno dando a esta um ar ainda mais dramático de entranhada miséria. Esta, no grito sem voz de sua crônica desolação, enseja nas curvas da arquitetura palaciana uma vergonha que não tem nome. Como? Pergunta-se o explorador. Como? É a Fiocruz, diz o enfadado e confuso taxista. O nome não conta nada a Marco Polo que decide ficar ali mesmo. O hotel pode esperar. Há rabiscos no caderno.



## (N) o lixo das ruas: o bicho era um homem

---

“Nos lugares frios os mendigos morrem gelados nas ruas’, diz Augusto”.

“É uma pena que o calor não mate eles também’, diz Kelly”.

“As putas não gostam de mendigos, Augusto sabe”.

(Rubem Fonseca, *a arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro*, 2011).

**(N) O lixo das ruas: o bicho era um homem<sup>5</sup>.**

Passamos por ele na Rua Treze de Maio, na altura do prédio que desabou ao lado do Teatro Municipal. Ele era um homem parado no meio da multidão. Um corpo imóvel, cansado e inerte. Uma figura que de tão comum, em sua miséria, não era visto. As pessoas desviavam dele como se desvia de um poste. O rosto expressava certa dose de sofrimento e desespero. Olhamos para ele, mas ele devia estar pensando em quem ele abordaria. Não olhou para nós. Estava aflito. Não nos escolheu, desta vez. Passamos direto em direção a Lapa. Mas nós o conhecíamos? Já o tínhamos visto antes? Ficamos com a sensação de que nós já tínhamos cruzado com aquele cara. Nos esforçamos para lembrar de onde, mas foi em vão. Seguimos em frente até a Avenida Mem de Sá. Na volta, fizemos o mesmo caminho em direção a Cinelândia. Quando retornamos pela Treze de Maio lembramos! Aquele homem com rosto cansado, olhos azuis e roupa gasta, estava a mais ou menos três semanas num sinal da Avenida Rio Branco suplicando ajuda.

- Moro lá na Zona Oeste e vim para o Centro colocar currículo. Você me dá uma ajuda para a minha passagem? Já estou ficando desesperado, desabafou o desconhecido.

A roupa era a mesma: uma camisa social amarela e velha; uma calça jeans desbotada e dois sapatos gastos. Nada mais. Os olhos de súplica eram os mesmos. Quando, enfim, lembramo-nos de onde conhecíamos o estranho, ele já havia desaparecido. Ainda olhamos para os bares para vermos se o encontrávamos. Mas por que nós o procurávamos? Talvez, quiséssemos confirmar que, de fato, era o sujeito com quem cruzamos há três semanas. Será que ele ainda vem ao centro deixar currículo? Ou, será que ele ainda está no centro? Vai ver, está dormindo nas ruas e não voltou mais para casa.

Na Região Portuária, anúncios da Prefeitura e do governo do estado anunciam a fabricação de um Rio de Janeiro maravilhoso e belo: grandes obras, projetos e oportunidades para “todos”. Operários trabalham em tempo integral nas

---

<sup>5</sup> Texto publicado com alterações no livro: Alvarenga Filho, J. R. A Chacina do Pan. A produção de vidas descartáveis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2013.

obras do Museu de Arte do Rio (MAR). Diariamente, operadores de trânsito paralisam o tráfego de veículos na Avenida Rodrigues Alves. Inconformados, motoristas buzina. Malditas buzinas! Em vão gastam seus dispositivos de fazer barulho. Mais uma explosão acontece na produção dos túneis que servirão como alternativa ao trajeto rodoviária – centro. Com a destruição da Perimetral, em 2013, todo o trânsito que hoje passa pela Rodrigues Alves e por aquela, será desviado para os túneis. Prenuncio de grandes engarrafamentos no grandioso Porto Maravilha.

Tudo parece ser tão grandioso, austero e milionário na produção do “Rio, cidade olímpica”. Tudo tão belo, sublime e espetacular: as favelas “pacificadas” como num toque de mágica; as comemoradas obras – com suas contas não aprovadas pelo Tribunal de Contas da União (TCU) – para os megaeventos; a limpeza urbana dos indesejáveis sociais; a remoção de comunidades inteiras como se estas não possuíssem o direito de ficar onde estão; a privatização da saúde pública; a militarização das questões sociais. Tudo tão “bonito” e tão estranho. A festa olímpica não chega ao homem de olhos azuis que suplica nas ruas. Não encontra o morador da comunidade removida. Esta festa é para poucos. Apenas alguns são convidados e podem desfrutar de suas alegrias. A grandiosidade dos projetos contrasta com a miséria das ruas. Mas quem se importa com estas? Como escreve João do Rio (2008, p. 29) nos dicionários e enciclopédias “a rua era para eles apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações”. Mais do que isso, as ruas são produzidas como espaços do medo e da insegurança. Locais onde circulam miseráveis, pedintes, putas, bandidos em potencial, vendedores ambulantes, etc. Nas ruas todos se misturam. E como temos medo disso! Ainda assim, as ruas não se resumem a locais de passagem. “As ruas têm alma”, observa João do Rio (2008).

A rua é um soluço, um grito, uma súplica, um riso, um aplauso, um tiro, um abraço. “A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte” (DO RIO, 2008, p.29). Caminhamos pelas ruas do centro do Rio enquanto estas caminham por nós. No horário do almoço, de segunda a sexta, as ruas fervem. Tanta gente. Parece até que não há lugar ou comida para todos. Bolivianos enchem

as ruas com suas bancas improvisadas sobre panos nas calçadas. Eles são morenos, pequenos e tem o cabelo liso. Chegaram vários de uma vez. De um dia para outro apareceram no centro e por lá ficaram. Foram trazidos pelo vento? Como vieram para cá? De onde vieram? Como vivem? Quais são seus sonhos? Do que tem medo? Qual é a cor de seus sorrisos? Que música dançam? Será que cantam? Isso as ruas não nos dão conta de dizer. As ruas nos conta que eles chegaram e que tem produzidos estratégias para sobreviver no Rio. Nos fins de semana à tarde e à noite, o centro está vazio. Mendigos e vira – latas dormem sossegados nas calçadas. Se não há consumidores, não há vendedores ambulantes. As ruas respiram, suam, gemem. Elas nunca dormem.

A Rua do Carmo é estreita e sempre há muita gente passando apressada por ela. À noite ela esvazia, mas se enche de catadores que reviram o lixo acumulado e colocado nas esquinas para a coleta da Prefeitura. Enquanto os garis não chegam, uma pequena multidão de homens, mulheres e crianças remexem no lixo atrás de produtos aproveitáveis. Abrem as sacolas e separam os materiais. Nada escapa de suas mãos e olhares seletivos. Um catador nos disse com um sorriso no rosto:

- As pessoas jogam muita coisa boa fora. A gente não sabe aproveitar as coisas que tem. Acho muita coisa nova e perfeita aqui no lixo. É um grande desperdício.

A sabedoria do catador de latinhas se evapora com o lixo que ele cata. Ninguém se importa com o que ele fala. Sequer prestamos atenção no que ele pensa. Gostamos e nos deleitamos com os discursos sabidos dos especialistas, jornalistas e doutores. Estes sim merecem ser ouvidos e reverenciados. Subjetividades paráliticas: ouvimos com dificuldade o que as ruas nos dizem diariamente. Andamos sempre pelas mesmas ruas, mas as enxergamos, as sentimos, as respiramos? Andamos com medo, olhamos com receio, enxergamos com os olhos racistas e hipócritas tão historicamente produzido em nós. Desprezamos o lixo que diariamente produzimos. Nisto, incluímos o lixo humano.

À noite do dia quatorze de agosto de 2012, cruzamos pela Rua do Carmo. Um grande caminhão de coleta de lixo industrial estava parado num dos pontos do

local. Três homens recolhiam o lixo produzido por uma obra. Enquanto jogavam este no caminhão, olhavam com ar de estupefação para um homem sentado sobre sacolas de lixo. Ele abriu um saco, catou, catou e comeu os pequenos restos de comida que encontrou nestes. De alguns sacos escorriam sangue. De sua mão negra também. O homem, alto, negro e magro, comia e catava com urgência. Seu corpo todo saltava para dentro do lixo. Ele próprio parecia fazer parte daquele lixo. As mãos desesperadas percorriam apressadas e tremulas os sacos sujos e pretos como ele. O preto comia o que encontrava. Não parecia fazer muita seleção dos alimentos. Meu Deus, quanta fome! Seus olhos pareciam saltar para fora do rosto sujo e abatido. O homem já não era um homem. Não era humano, não era carioca, não era nada. O homem era a fome, o desespero e a sujeira. Estava desesperado. Os “Ninguéns” são um dos produtos de nossa sociedade. Eles andam pelas ruas, remexem nossos lixos e pedem nossas esmolas. Eles estão por aí. São fabricados para viverem na miséria. E a miséria não entrará na festa olímpica. O preto era a personificação dos versos de Manoel Bandeira:

*Vi ontem um bicho  
Na imundice do pátio  
Catando comida entre os detritos  
Quando achava alguma coisa  
Não examinava nem cheirava  
Engolia com veracidade  
O bicho não era um cão  
Não era um gato  
Não era um rato  
O bicho meu deus era um homem.*

O Rio jamais será olímpico para os pretos, pobres e fodidos que catam o que comer no lixo que produzimos e desprezamos. Para eles, maravilha é encontrar comida jogada fora enquanto “nós” assistimos o Jornal Nacional, a Novela e, depois, mais um episódio da Gabriela. O Rio, “cidade Olímpica” é seletivo e racista. Os pretos perambulam com fome. Os travestis fazem ponto nas esquinas da Lapa e

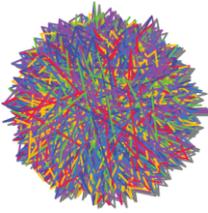
da Glória. Passam com a bunda de fora, enormes seios e salto altos. Meninos sujos dormem sobre papelões na Rua do Passeio. À noite dormimos, e as ruas permanecem acordadas. Às vezes temos insônia.

Agosto, 2012

### **Pistas**

*Um filme: no documentário “Estamira” (Direção de Marcos Prado, 2006) vemos o quanto há potência e vida no lixo. Inclusive, naquela que foi fabricada enquanto “lixo”. Diz Estamira: "Eu sou à beira do mundo".*

O explorador se permite ficar próximo a Avenida Brasil. Olha para os carros velozes, sente o ar do lugar, repara nas pessoas que atravessam a grande avenida através da passarela envergada. Tosse, o dióxido de carbono penetra nos seus pulmões. Uma tristeza, destas que vem com o vento vadio, o alcança. A visão da miséria lhe nutre águas nos olhos castanhos. Um ônibus destino Ilha do Governador estaciona. Alguns passageiros descem e outros entram se empurrando na condução. A briga é para conquistar um assento. Um homem, destes que carrega consigo um ar de fúnebres intenções, xinga o motorista. Gesticula com os braços morenos. Quando o ônibus se prepara para partir, o motorista coloca a cabeça para fora da janela e grita soberano todos os palavrões que se lembra. Naquele momento, o passageiro era apenas uma visão distorcida em seu distorcido retrovisor. A distância segura de seu alvo fez nascer ousada coragem na atitude do motorista. *Houve uma violência, anotou Marco Polo. As pessoas parecem odiar umas as outras. Os vínculos se dão através de um modo de conviver violento. Tudo se dá como se fosse assim mesmo. É como se houvesse um acordo silencioso e invisível que ditaria um conjunto de regras guerreiras e ásperas sobre o contato de uns com os outros nas ruas. Quem briga, dos dois lados, se sente dono de uma razão, talvez de uma evidente verdade. Curioso é que quem assiste a briga não apenas não se mete no assunto, não se assusta com o acontecimento, como até observa com ar de enamorada atenção. Como se aquilo não passasse de um teatro da vida real. O ingresso é de graça. Marco Polo Tosse.*



## No meio do caminho: o Elevado da Perimetral e os meninos que atiram pedras

---

*“Loucos como nós morrem cedo, mas vivem como querem”*

*(Pichação feita no antigo suporte superior do Elevado da Perimetral).*

*“Assim como havia sentença de morte a cartomante lhe decretara sentença de vida”*

*(Clarice Lispector, A hora da estrela, 1998).*

### **No meio do caminho: o Elevado da Perimetral e os meninos que atiram pedras.**

No meio do caminho tinha várias pedras e alguns meninos. Meninos feitos de pedras? Funcionários da Prefeitura coordenam a reversão de faixa da Av. Rodrigues Alves sentido Ponte e Avenida Brasil. São feitos como pedras para ficarem parados, ou quase. Orientam o trânsito na costumeira desorientação das políticas públicas de mobilidade urbana. Ônibus e carros passando velozes como pedras atiradas por estilingues. Buzinas ensurdecedoras, canos de descargas, irritação. Pessoas com pressa correndo para a Rodoviária Novo Rio. No meio do caminho havia frases escritas com tinta spray branca em altura duvidosa e arriscada. Frases anônimas, mas não tão anônimas assim: com um estranho tipo de assinatura em seu redor. Há tantas coisas no meio do caminho e tantos caminhos nos meios das palavras: “Mas nada vai conseguir mudar o que ficou”, diz a letra da Legião Urbana (“Por enquanto”) escrita no suporte superior da Perimetral, altura do Centro Cultural Branco do Brasil (CCBB). Os caminhos têm pedras e as pedras também falam. O que elas têm tentado nos dizer? Pedras analisadoras. Escrever é como quebrar pedras, diz Clarice Lispector (1998). Há faíscas e fagulhas no ar.

Tinha um garoto no meio do caminho. O garoto anda cambaleante rente a grade da passarela interdita sob o Elevado da Perimetral, na agora valorizada Região Portuária do Rio de Janeiro. Abaixa-se com lerdeza e volta trazendo em suas mãos uma pequena pedra cinza. Nós o observamos de dentro do ônibus ao lado da Rodoviária Novo Rio. Caminha em frente. Parece não ter pressa. Também não temos pressa. Nada abala o pequeno percurso de seu corpo magro e negro. Olha para um lado, como se procurasse a garantia de que ninguém o esteja vendo. Nós o vemos, mas ele não nos encontra refletido na retina de seus olhos escuros. Afinal, garotos como ele são supostamente invisíveis para nós. Pelo menos, quando nos é conveniente fingir que não o vemos; que não sabemos de sua produção histórica enquanto “menino de rua”, “pivete”, “trombadinha”; enquanto perigo iminente. De fato, olhamos para garotos como aquele e vemos uma ameaça e não uma promessa (GALEANO, 2013). Ele olha para a direita, depois para a esquerda. De repente, como quem já tomou uma irrefutável decisão, morde os lábios finos e joga com raiva a pequena pedra que trazia entre os dedos magros. Viro a cabeça para

olhar melhor e tentar seguir com dificuldade o destino da pedra lançada. É uma declaração de guerra? O estampido inconsequente de uma revolução surda? O prelúdio de uma estranha melodia? Uma experimentação artística? Um agenciamento coletivo de enunciação? Era só um menino com uma pedra no meio do caminho. Uma faísca que ascende e logo se apaga. Depois da ação, ele ainda olha o desfecho desta. Nada parece acontecer e tudo acontece ao mesmo tempo. Os carros continuam passando velozmente pela Av. Rodrigues Alves. Nada os abala em seu destino previsível, em seu veículo confortável e refrigerado. O garoto pega outra pedra e continua, com raiva, tentando acertar os carros que passam, mas que parecem sequer sentir a existência daquele menino. Carros feitos de pedra, talvez. Atrás do primeiro garoto, outros repetem o ato das pedras. Seria uma brincadeira? Garotos gostam de brincar com pedras. Há tantas pedras no meio do caminho. Há tantos garotos no meio das pedras. Meu ônibus segue pela Av. Rodrigues Alves engarrafada. No meio do caminho tinha um monte de carros.

No meio do caminho há este texto. Quando, enfim, for publicado já não haverá Elevado da Perimetral. Não haverá passarela e, muito menos, crianças jogando pedras – pelo menos não no Elevado. O projeto do Porto Maravilha estará quase finalizado. A Copa do Mundo de Futebol (2014) já terá acontecido. Nesta atualidade que escrevo, falo de algo que será destruído em breve. É como se eu escrevesse para o “futuro”, isto é, para ser lido daqui a quatro anos apenas. Demora que produz estranheza e desconforto em mim. Não, isto não é um diário com confissões intimistas. É um analisador da invenção desta tese: parte importante dela. “Cartas para o futuro”, diria se se tratasse de um filme. Assim funciona uma tese, desconfio. Meus textos circulam apenas entre alguns amigos e não ultrapassam o círculo de amizades. Uma tese precisa ser inédita, dizem. Uma tese precisa ser acadêmica, muito chato isso. Tão somente depois do aval da banca – os especialistas reconhecidos e renomados – é que meus textos poderão, quem sabe, ganhar o mundo. Na Academia produzimos textos pesados como pedra. Carregamos pedras no mestrado e no doutorado. Nossas costas doem, nossos olhos ardem, nossas mãos tremem e no final nossos textos são como pedras eruditas esquecidas na Biblioteca (“depósito de pedras”). A instituição Academia

segura nossas mãos na hora que escrevemos. Aprendemos também a nos tornar pesados, enfim. Ah, como sonhamos em fazer textos mambembes; textos desobedientes, leves e atrevidos. Textos-faíscas. Textos que ultrapassem os muros acadêmicos, as normas fajutas, a burocracia disciplinar estéril. Textos que quebrem pedras, não que as constitua. Textos escorregadios que driblem as formas prontas e os chatos especialistas de plantão. Escrevemos na imanência de um presente escorregadio. Escrevemos para driblar.

“Nunca me esquecerei desse acontecimento/na vida de minhas retinas tão fatigadas” (ANDRADE, 2013). Os meninos na passarela embaixo do Elevado da Perimetral vivem a driblar. Não as normas acadêmicas, pois este é um espaço que eles não conhecem. Nós acadêmicos, entretanto, gostamos de imaginar que conhecemos o mundo de meninos como aqueles, isto é, de dentro de nossas salas com ar condicionado nada escapa de nosso olhar de especialista. Conhecemos aqueles meninos sujos e pobres que jogam pedras nos carros que passam na Avenida Rodrigues Alves? Adoramos nossas enormes pilhas de conhecimento erudito. Aquelos meninos não são eruditos, não falam francês, não escutam Bach, não estudam Foucault. Eles não são do tipo “cult”. Eles também não são “objetos de estudo”. São apenas meninos tentando sobreviver em nossa cidade olímpica. Ou melhor – quer dizer, pior –, são como a nordestina “Macabéia”: “um parafuso dispensável” (LISPECTOR, 1998, p. 29) Quando ouvimos o governo afirmar que a cidade será limpa para os megaeventos, garotos como estes que serão expulsos de seus lares improvisados e jogados, feito lixo, resto de gente, na Zona Oeste, na Baixada Fluminense, ou, em outro lugar qualquer menos nobre e valorizado. O governo tenta driblar a miséria chutando-a para bem longe dos espaços valorizados para o capital; para muito longe das milionárias obras construídas com dinheiro público. Diante de uma cidade que se quer olímpica e, perigosamente, limpa e higienizada vemos pulular alardeadas políticas públicas de repressão, controle e extermínio dos pobres. Estes tentam driblar as balas e os funcionários da Prefeitura.

“Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra” e, também, um menino jogando pedras. Sobre a parte interdita da passarela da Perimetral, uma dezena de pessoas vive. Todos negros, magros e miseráveis. Um

amontoado de corpos “desbotados” (BAPTISTA,2013). Quanto mais se fala (ou, foge) deles, mas eles parecem desaparecer. Aquarela da miséria tupiniquim carioca que insistimos em preferir não encarar de frente. A qualquer hora do dia andam de um lado para o outro da passarela com uma pequena garrafa de cola rente ao nariz. Vivem entorpecidos, parece. E como não se deixar entorpecer numa realidade tão dura e cruel como esta? Eles se entorpecem com cola barata de sapateiro. Veneno para suportar a “sentença de vida”. Temos medo dos garotos entorpecidos perambulando na rua entre nós; tão perigosamente soltos, sem nada a perder, sem controles, sem amarras. Uma idosa no Largo do Machado, ao se referir a política de recolhimento compulsório, nos disse: “pelo menos estão fazendo alguma coisa”. Uma psicóloga, num cursinho preparatório para o concurso do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE), disse que viu no Programa da Cidinha Campos que o recolhimento “é bom sim”. Nós, classe média, nos entorpecemos com as drogas da lucrativa indústria farmacêutica. Nos deixamos prender em receituários de psiquiatras e em síndromes produzidas. Presos estamos nas malhas do medo cotidianamente fabricado. Entorpecidos pelo noticiário da grande mídia. As pedras jogadas pelos garotos sequer arranham os carros que passam velozmente pela Av. Rodrigues Alves. Jogam com raiva, com aparente ódio. Eles cairão junto com os alicerces de cimento da Perimetral. Em 2016, nem o cimento, nem os meninos das pedras estarão por ali para contar história. Haverá outras pedras, outros meninos, outros caminhos. Algo sempre escapa. Haverá faíscas no ar.

A “história” dos ninguéns dificilmente aparece. Não nos importamos com os fabricados infames, anormais ou delinquentes. Ou melhor, nos incomodamos com eles. Algo neles nos tenciona; faz ligar um sinal de advertência; um arrepio de medo que vem a alimentar um perigoso clamor punitivo. A sociedade os pari todos os dias em escala industrial. Todos eles, definitivamente, não nos interessam. As fabricadas “histórias oficiais” tomam as páginas dos jornais de grande circulação e silenciam sobre a vida dos garotos que jogam pedras. Estes aparecerão, na “melhor” das hipóteses, nas sangrentas páginas policiais. Quando eles morrem, como Macabéia, não há choro nem vela. Muito menos fita amarela. Os garotos feitos de pedra também choram. Também tem medo. No meio da caminho há uma pedra, alguns

meninos e o projeto do Porto Maravilha. No meio do caminho há sempre algo que escapa; uma pedra que se solta; um sussurro que quase não se ouve; uma efêmera faísca. Uma flor-menino – travessa, brincalhona, resistente, desconcertante – nasce todos os dias entre as pedras. Como diz Drummond (2012b, p. 14):

“Uma flor nasceu na rua! (...)  
Uma flor ainda desbotada  
Ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralitem os negócios,  
Garanto que uma flor nasceu”.  
“Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
É feia. Mas é realmente uma flor”.

No meio do caminho tinha um menino com uma pedra. Tinha um menino com uma pedra no meio do caminho. Jamais esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra, um menino, faíscas e uma flor resistente. Uma cigarra canta na nascente primavera que se engraça. Canta enquanto escrevo e penso no menino no meio do caminho com a pedra nas mãos. Será que ele escuta a cigarra? No meio do caminho tinha um menino. Levo comigo as faíscas daquele encontro.

Setembro de 2012

### **Pistas**

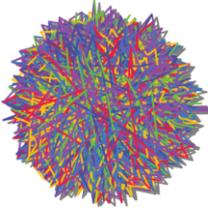
*Um trecho: Como diz Eduardo Galeano (2013): “Este é um mundo que te domestica para que desconfies do próximo, para que seja uma ameaça e nunca uma promessa. É alguém que vai te fazer dano e, para isso, é preciso defender-se. Assim se justifica a indústria militar, nome poético da indústria criminosa. Esse é um exemplo claríssimo*

de violência”. Os meninos que atiram pedras são sempre ameaça e nunca promessa. E enquanto forem tratados e fabricados como ameaça jamais poderão se mostrar enquanto potência de vida.

Outro trecho: René Lourau (1993, p. 70), alerta que ‘(...) a instituição segura a nossa mão e escreve o produto final de nosso trabalho’. Aqui, não se trata de uma postura fatalista e submissa diante daquilo que se mostra inevitável ao processo de uma pesquisa, mas do reconhecimento das forças que atravessam a mesma. Sobretudo, da necessidade de colocá-las em análise. A gente vai inventando jeitos de dobrar a mão da Academia sobre nós.

Mais um trecho: Como questiona Maria Clara Fernandes (2011, p. 27): “O que estas outras histórias, de jovens nas ruas, de existências-clarão, de poemas-vida, oferecem de interrupção às identidades, que não lhe dão mais do que destinos bem traçados, histórias com início, meio e fim, e as políticas de ordem?”

Dentro do campus da Fiocruz, confundem Marco com um professor. Seu ar de pensador, seus óculos redondos e seu caderno seguro entre os dedos, lhe rendem uma imagem de acadêmico. Sem graça, ele despista quem lhe interroga. Ele não é ninguém e prefere continuar sendo ninguém para poder se inventar enquanto outros. Não ser nomeado e reconhecido é uma estratégia. *Sou apenas um passante.* O lugar é grande e o explorador caminha por um longo tempo. Enormes muros circulam a Fiocruz como se fossem uma muralha a murar o medo do imaginado inimigo iminente. Polo lembra saudoso de seu encontro, ainda pelos idos do século XVI com outro muro... A muralha da China. Muros para espantar e não deixar entrar. Guaritas com seguranças armados não deixam a insegurança entrar. Todos apresentam seus documentos. *Ganhei o crachá de visitante. Pois é isso que eu estou. Alguém que está visitante, mas o que me faz ser visitante é a minha atitude e não o crachá. E se não houvesse muros? E se não houvesse guaritas e guardas armados? E se não houvesse crachás? E se todos pudessem livremente circular por aqui? Os muros separam a academia palaciana do mundo de miséria que a cerca. Ao mesmo tempo, muros sem cor, sem cimento, sem tijolos ou guarita, porém pesados e quase intransponíveis, separam aqueles que naquela região vivem daquele mundo composto pela Fiocruz. Onde os doutores hermeticamente falam de pobreza – estando a poucos metros dela e utilizando de afamados pesquisadores e livros de outras línguas – os pobres se doutoram na arte de escapar das artimanhas da miséria. Os muros, de cimento ou invisíveis, trazem a segurança contra o perigo da inevitável mistura. Marco ainda tosse.*



## O impressionismo de pés sujos: o menino de Acari

---

- “Fui expulso lá da favela”.

- “Eu, minha mãe e meu irmão pequeno ‘tamos’ na rua”.

- “A gente morava em Acari”.

- “A gente mora ali na Central, agora”.

- “Cê’ me arruma um trocado”?

- “Deus vai lhe retribuir em dobro”.

(Menino dos pés sujos, Presidente Vargas, 2012).

## **O impressionismo de pés sujos: o menino de Acari**

Domingo pela manhã. Quase vazia, a Avenida Presidente Vargas dorme um sono sem alegrias. Poucos carros trafegam naquela hora. No azul do céu a promessa de um dia quente e de praias lotadas. Saio do metro da Uruguaiana e caminho pela Av. Presidente Vargas, em direção ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Talvez, naquela hora, de um domingo ainda germinando, nós conseguíssemos ver a exposição “Paris e a Modernidade”. sem pegar fila. Vamos atrás dos traços impressionistas. Pintor das horas vagas, vagueamos atrás de outros jeitos de se inventar pinturas. Desenhamos jangadas e pescadores em meio a praias e mares tranquilos de águas claras. Na tese pintamos outros desenhos e usamos outras cores e tintas. Fazemos o esborradado esboço de uma cidade em sua plena fabricação enquanto olímpica. Cidade da qual não passamos de um estrangeiro vindo do interior. Nos encanta e nos desconforta as cores deste Rio de Janeiro. As cores estão borradas.

Havia muitas cores naquele olhar cansado. Vi a pintura de uma realidade dura e vingativa. Uma violência gritante percorria aquele corpo violentado. Já tinha cruzado com outros assim. Ah, são tantos perambulando pelas ruas; suplicando esmolas; atravessando os sinais fechados. Ele era “mais um Silva que a estrela não brilha”. Nada mais do que isso e, ao mesmo tempo, muito mais do que apenas isso. Mais um que se aparecer morto amanhã será enterrado sem choro nem vela. Fita amarela? Indigente não tem nada não. É um tipo que não nos enseja nada além do que um entranhado medo ou um sentimento pedante de pena. Eu vi a sua vida passar como uma sequência de quadros diante de meus olhos. Não é só no CCBB que há exposições. Vi uma pintura triste. Com cores sombrias e borradas. O menino dos pés sujos tinha ar de malandro. Não, ele não é um coitado. Ele é um fabricado ninguém. O efeito de uma produção histórica e potente de vidas humanas descartáveis. É isso. Entretanto, sua vida não se resume ou se fecha em um conceito (vida nua, vida besta, vida refugada, lixo humano etc.). A vida é aquilo que transborda. Sua vida transborda, pulsa, dança, se expande. Ele não é uma múmia, mas temos medo de tudo que transborda; de tudo que atravessa fronteiras e não respeita as ordens impostas. Tudo que produz desconforto em nosso mundo

(nossos mundos) busca-se avidamente remediar. Temos medo da vida e dos meninos de pés sujos que, intempestivamente, atravessam nossas vidas. Nas ruas, as pessoas não devem se falar gratuitamente. Mas o menino dos pés sujos insiste em nos interpelar. Ele quer ser ouvido, precisa de um trocado qualquer. Sua atitude nos fere, pois rompe com um modo de habitar os espaços públicos. Espaços da mera passagem veloz e, por que não, temerosa. O menino dos pés sujos é teimoso. Ele teima com a vida. A gente tenta fugir dele. Ele tenciona a gente.

O menino caminha. Fechamos os olhos e conseguimos ver o quadro. Alguns toques de vermelho francês misturados com Terra Siena Queimada. Bruno Van Dyck com Amarelo Ocre é a cor da pele escura do menino. Azul da Prússia com Branco de Prata para pintar o céu. Sabe-se lá de onde o garoto vem e, muito menos, para onde vai. Os pés descalços, a bermuda envelhecida, o rosto sério. Ele é alguém que não esboça um sorriso, um bom dia, tudo bem. Alguém que nos é muito familiar e ao mesmo tempo carrega em si uma estranheza que nos atormenta. Deve ser difícil viver assim: sabendo que sua presença, mesmo que inofensiva e banal, assusta as pessoas. Fugimos dele! Cruzamos para o outro lado da rua. Preferimos fechar rapidamente os vidros do carro. Pivete! Não importa. Ele continua caminhando. Se faz e se inventa em longas caminhadas de lugar qualquer para lugar nenhum. As ruas são como o quintal de sua casa, mas que casa? Sente dor, frio, fome, solidão. Sente como a gente. Respira como gente. Mas não é tratado feito a gente. Na pintura inventada do Rio Olímpico ele é como a parte integrante de uma figura borrada que não se pode apagar ou esconder facilmente. Uma mancha impertinente. Aguarrás sobre ele? Seu borrado violento denuncia a violência das relações de poder. A pintura carioca vendida para o mundo tem muito verde, azul e sorrisos. Joguemos um pouco de meninos de pés sujos sobre aquela pintura romantizada. Ele é Bruno Van Dyck com Amarelo Ocre.

Cruzamos com o menino de pés sujos num cenário carregado de viva e intensa memória. O que a Avenida Presidente Vargas pode nos contar? Em primeiro lugar, nos fala sobre a saga modernista que veio de encontro ao Rio ainda no início do século XX. Grandes avenidas abertas sobre o centro da cidade que já não quer mais ser colonial. Fala-nos da política populista de 1950 e, muito mais, das centenas

de casas removidas para a sua construção. Lembra-nos da destruição do morro do Castelo e do bairro da Misericórdia, ainda em meados de 1903. Territórios operários. Espaços de indesejável pobreza no coração do centro urbano. No cruzamento com a Primeiro de Março, há um busto de Francisco Pereira Passos. O homem que em quatro anos produziu a maior reforma urbana que esta cidade já viu, até hoje. O atual prefeito carioca diz, em entrevista, que gostaria de ser um Pereira Passos do século XXI. Mera coincidência? Não, uma escolha política.

Mas, não nos esqueçamos da Presidente Vargas e de toda a memória que ela carrega. Lembremo-nos que ali, na altura da Igreja da Candelária, um grupo de jovens foi exterminado por policiais. Em 1994, a Chacina da Candelária virou manchete no mundo todo e denunciava a violência de nossa sociedade contra aqueles que são fabricados enquanto lixo. Ainda há sangue no chão. A polícia continua matando jovens. Os jovens continuam sendo exterminados. O extermínio ainda é política de Estado. O Estado ainda é fascista. Meninos de pés sujos são mortos todos os dias por armas de fogo. São mortos também pela fome, miséria e por outras tantas causas que escapam de nossos olhos e de nosso seleto interesse. Olhei para o menino de pés sujos no meio da Presidente Vargas. Ao fundo, a construção imponente da Igreja da Candelária. Ele é uma Macabéia: só ganha “existência” no trágico; num atropelamento; numa chacina; numa tragédia qualquer que, rapidamente, nos chama a atenção para logo, num piscar de olhos, se apagar. Lembramo-nos da Chacina de 1994, de Pereira Passos e de sua saga higienista; lembrei-me das famílias removidas para a construção daquela avenida. Lembramo-nos das remoções para a construção do Porto Maravilha. Lembramo-nos que ele, um pé sujo, sem teto, sem direitos, sem nada, é apenas um menino. Destes que andam chutando pedras arredias perdidas pelo chão. Um menino que não brinca, mas suplica. Uma pessoa que, mesmo tão nova, já trás nas curvas de seu corpo séculos e séculos de violenta miséria entranhada. Os quadros do Musée d’Orsay ficam a uma temperatura contada de 22 graus. Em cada sala um grupo de funcionários vigilantes e câmeras. Tudo para garantir a segurança da exposição mais cara da história do CCBB. Os quadros valem mais do que os meninos pobres de Acari. O menino de pés sujos caminha. Sabe-se lá para onde. Sabe-se lá até quando.

Picharam no alto da Perimetral, perto do CCBB, “nossas mães não choram mais”. Os pés sujos conhecem sua sina. As lágrimas secaram.

### **Pistas**

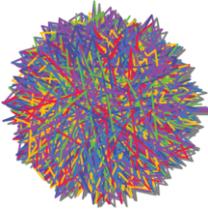
*Este texto foi pintado com as cores: vermelho francês, terra de Siena queimada, Bruno Van Dyck, amarelo ocre, azul da Prússia, azul ultramar e branco prata.*

*Escrito ao som da canção “pena de morte”, na voz de Bezerra da Silva: “Para que pena de morte ô Doutor? Essa ideia é que me consome. Se o filho do pobre antes de nascer, já está condenado a morrer de fome”.*

*A exposição “Paris e a Modernidade”, exposta no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), trouxe pela primeira vez ao país uma seleção de obras do Museu d’Orsay de Paris, detentor da mais importante coleção de impressionistas. A exposição aconteceu entre 23 de outubro de 2012 a 13 de janeiro de 2013.*

*Novembro de 2012, março de 2013.*

Marco atravessa a guarita. Não ficar muito tempo num lugar faz parte de sua estratégia. O que tinha de ser visto e anotado já foi. Os seguranças lhe observam de longe. Ele não levanta maiores suspeitas. Parece um professor, afinal! Por isso, figura insuspeita. Logo, já o explorador é esquecido das vistas em alerta. Caminha em direção ao que parece ser a estação de trem. Sobe através de uma precária escada de paus pregados. Destas, que rangem ameaçadoras quando nelas pisamos e nos brotam sementes inférteis de medos quando para baixo olhamos. Homens trabalham na reforma do lugar. Nova guarita entre o explorador e a linha do trem. Do alto, com grades em todas as direções e seguranças armados, a estação parece uma prisão, mas se paga para entrar. Marco deseja, mas não pode se dar ao luxo de parar no meio do caminho das escadas para observar, sem pressa, a paisagem. Uma pequena multidão desce com ele. Correm como os mongóis do Clã dos Cães em violenta cavalgada sobre o deserto mongol. Na plataforma da estação vendedores oferecem seus produtos: água, biscoito, chocolate, lâmina de barbear. Ele anota. *O muro pichado que divide a linha do trem da rua se tornou paredes de algumas casas. As duas construções se tornaram uma coisa só. As janelas das casas dão para o interior da plataforma. Que paisagem inusitada! Presenciei uma mulher, com toda a naturalidade, despejar seus sacos brancos de lixo sobre a lateral da linha. A sua naturalidade, e dos demais que viam a cena, me arrepiou. Mais arrepios senti quando da chegada do trem. Além de estar em péssimo estado de conservação, há um enorme vão entre o trem e a plataforma. Para entrarmos naquele, precisamos dar um salto e nos agarramos firmes nas portas. Estas um tanto quanto incertas em sua função de fechar o veículo. Nós, passageiros, um tanto incertos quanto a segurança de nossos corpos. Entretanto, ninguém se indispõe com a situação. Simplesmente, todos correm a entrar e parecem – assim como a violência da Avenida Brasil – estarem acostumados com a situação. Tudo está na situação limite, na flor da pele, mas é como se não estivesse. Aqui a violência e a precariedade andam de mãos dadas. Elas entraram no trem comigo.*



## Um preto no Jardim de Alah: a carne mais barata do mercado

---

*“Parece liberdade, mas é uma prisão”*

*(Pichação na Rodoviária Novo Rio)*

*“Que vai de graça pro presídio  
E para debaixo de plástico  
Que vai de graça pro subemprego  
E pros hospitais psiquiátricos*

*A carne mais barata do mercado é a carne  
negra”.*

*(A carne, Seu Jorge, Marcelo Yuca, Wilson Capellette).*

## Um preto no Jardim de Alah: a carne mais barata do mercado

Pobre é aquele que já nasceu condenado para a vida. Para a vida não: para esta sociedade. Não lemos isso em livros, apesar de haver bons trabalhos sobre o tema. É o que vemos diariamente. Qualquer um pode ver, se estiver disposto. A miséria é um efeito da dinâmica de produção capitalística. Parece um jargão da esquerda (mas, afinal, o que é estar esquerda hoje?), mas é uma pista para entendermos certas coisas. Mais do que um acidente de destino, ser pobre é o efeito de um processo histórico; resultado de uma determinada perspectiva econômica política. Ser pobre é carregar um enorme peso nas costas. É ser alvo da filantropia (dita “bem-intencionada”) e da polícia. Há vários tipos de pobreza e miséria. Umas saltam diante de nossos olhos. Outras, nem tanto. Uma condenamos veementemente, outras sentimos pena. É uma família de pobres que olha com um misto de espanto e paixão para o *Boulevard* parisiense no século XIX. Tão bonito e iluminado! Paris alarga suas ruas, constrói enormes monumentos, se enfeita! Com isso, entretanto, involuntariamente estica também o caminho dos pobres ao centro grandioso da cidade (BERMAN, 2011). As enormes vias cortam os bairros empobrecidos. Cidade luz, cidade burguesa, vira “modelo de cidade” para nós. De Pereira Passos a Eduardo Paes, o Rio se esforça – mas em nome de que jogo de interesses? – para ser Paris. Para parecer Paris. Que tipo de Paris nós somos? E os pobres que perambulam pelas ruas, como na prosa de Baudelaire (BAUDELAIRE, 2006, p. 149), nos deixam envergonhados por nossos copos e nossas garrafas, “maiores que nossa sede”. Será?

Era um domingo chuvoso, como outro qualquer. Da janela olhávamos para a rua. A chuva nos distrai. Gostamos de vê-la trazer um tom diferente a cidade. Na rua vemos um homem cruzar vagorosamente a ponte do Jardim de Alah sentido Leblon. Um pobre que banca o flâneur é transformado em vagabundo, sem dúvida. Ele estava exatamente na fronteira entre dois dos mais valorizados e glamorosos bairros da América Latina. Não era pouca coisa. Ele era negro e magro. É importante que se diga isso. Nas costas carregava uma mochila preta, como ele. Calçava sandálias, e usava uma roupa simples. Nada demais, sabe? Mas ficamos olhando para ele, distraído. Estava chovendo e ele não tinha guarda-chuva, muito menos,

parecia se importar com a água. Simpatizamos. Em silêncio, nos perguntávamos para onde aquele homem estava indo. Afinal, ele poderia estar se dirigindo a qualquer lugar ou lugar nenhum. Como diz uma pichação em Santa Tereza (nem sempre) “o sentido tem direção”.

De repente, como num filme de ação hollywoodiano, uma viatura da Polícia Militar aparece e encosta ao lado do homem. Será que um Sylvester Stallone ou um *Arnold Schwarzenegger* saltará de dentro dela? O homem até então era qualquer desconhecido perambulando numa manhã chuvosa de domingo. Como eu disse, nada demais. As portas azuis da viatura se abriram rapidamente e os dois policiais com as mãos sobre as armas que carregavam nas pernas desceram. Um revistou o homem. Apalpou suas pernas, seus braços e tórax. O outro pegou sua mochila. De repente, os policiais levaram a mochila para dentro da viatura e esqueceram do suspeito. Sim, ele já não era um anônimo: foi iluminado pelas luzes do poder que reprime, captura e mata (FOUCAULT, 2004). Depois de um tempo, os militares saíram do carro. Enquanto isso, o pobre homem suspeito esperava, esperava. A chuva continuava a cair enquanto pacientemente ele esperava. Até nós ficamos esperando, esperando. E o que mais ele poderia, naquelas condições, fazer? Talvez, tivesse até enfado por ser parado pela milésima vez. Os PMs, enfim, jogaram a bolsa em cima do homem e o enxotaram dali. Os policiais entraram na viatura e seguiram devagar no sentido Leblon. O homem que estava indo para o mesmo sentido deu meia volta e retornou para Ipanema. Nós nos perguntávamos e se fosse um branco, aparentando ser classe média alta, ele ia ser parado? Por que os pobres precisam ser parados e revistados? Por que eles são uma ameaça? Por que eles não podem andar livremente? Por que aquele homem, tão inerte em sua pobreza, foi parado? Porque era preto e pobre. Naquela manhã eu vi Lombroso no Jardim de Alah. Eu vi Ferrer, Broca e uma legião de teóricos da escola clássica de criminologia. Vi o racismo.

Pior, que toda esta violência – sim, trata-se de uma violência! – é feita em nosso nome. A polícia anda armada e os pobres são cada dia mais encarcerados. Em defesa da sociedade, supostamente, o aparato punitivo é intensificado a fim de garantir vidas seguras e em paz. Contudo, segurança e paz para quem? Como e a que preço? Eu fiquei prostrado na janela olhando para a rua, já sem ninguém,

pensando no quanto deve ser difícil viver sendo revistado, violentado e perseguido. Tudo isso pela cor de sua pele e por seu status econômico; por tão pouco! João do Rio (2012, p. 40) dizia: “nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo (...)”. E que tipos de variados tipos as ruas de Ipanema criam? Que tipos ganham o direito a ter direitos e que tipos são perseguidos? Que relações de poder caminham e investem nas ruas cariocas?

Ainda ali, no Jardim do Alah, as obras da linha quatro do metrô seguem dia e noite. Anúncio da fabricação intensiva da cidade olímpica, em processo. Cidade que, em termos de políticas de Estado e investimento de capital privado, refere-se apenas a Zona Sul (incluindo aí a Barra da Tijuca, a região do Maracanã e a Tijuca) e parcela do Centro. A Zona Sul foi, desde final do século XIX e, sobretudo, início do XX produzida para ser o que é: um bairro para poucos; território supervalorizado e cuidadosamente vigiado (ABREU, 2008). De repente, descobrimos que a tão alardeada cidade olímpica é zona sul e só quer ser zona sul. Não é Bangu, Brás de Pina, Padre Miguel, Piedade, Maria da Graça, Campo Grande, Realengo, Meier, Santa Cruz, Saracuruna, Vilar dos Teles, Vila Valqueire, Parada de Lucas, Anchieta, Rocha, Bonsucesso, Madureira... Enquanto isso, placas da Prefeitura avisam: “os transtornos passam e os benefícios ficam”. Benefícios para quem?

Vimos o estranho caminhar até que o perdermos de vista. Ele sumiu como tinha aparecido: do nada. Agora deve estar em outro lugar. Qualquer lugar é seu lugar. Ele sabe que deve evitar cruzar com viaturas. Sabe que se levar um tiro vão dizer que ele atirou primeiro. Sabe que se questionar os seus direitos vão chama-lo de abusado. Sabe que se correr será condenado. Sabe que não tem direito nenhum. Sabe que se cruzar com alguém produzirá medo. Sabe que se ficar parado vão achar suspeito. Sabe que se quiser conversar será evitado. Sabe que se tentar entrar será expulso. Sabe que qualquer coisa que diga será usado contra ele. Sabe que se der mole à noite poderá morrer queimado. Sabe que nasceu pobre, preto e condenado. Sabe de tudo isso, muito bem. Sabe que, de qualquer maneira, ele está “a carne mais barata do mercado”. Mesmo estando na Zona Sul. Sobretudo, na Zona Sul.

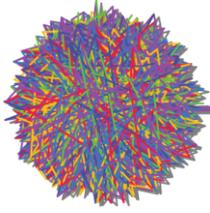
**Pistas:**

Um trecho: *"Todos os dias somos confrontados com o apelo exaltante de combater a pobreza. E todos nós, de modo generoso e patriótico, queremos participar nessa batalha. Existem, no entanto, várias formas de pobreza. E há, entre todas, uma que escapa às estatísticas e aos indicadores numéricos: é a penúria da nossa reflexão sobre nós mesmos"* (Mia Couto, 2013).

Escrito ao som de *"a carne"* (Seu Jorge, Marcelo Yuca E Wilson Capellette), na voz de Elza Soares.

Março, 2013

O trem parte cheio em direção a Central do Brasil. Marco tenta se segurar próximo a uma das portas. O vagão está escuro e as luzes apagadas. O funk toca grande nos pequenos celulares. A batida da música segue certa, ritmada, na incerteza do mover-se da condução. O explorador esbarra levemente no braço de uma passageira sentada. Foi o suficiente para ela, em tom agressivo, perguntar se ele está querendo sentar em cima dela. O olhar da menina, tão magra com os cabelos molhados tingidos de louro e pontos vermelhos sobre a face, fulminou o explorador. A agressividade daquele olhar deixou Marco desconcertado. Ele se afasta para a direita. Em sussurro deixa escapar: *uma declaração de guerra? Tão gratuita por algo tão irrelevante?* Como sempre, o explorador carrega consigo um ar de distração. Os demais passageiros não expressam alegria ou felicidade. Simplesmente, estão indo. Os corpos cansados se deixam levar, sem resistência ou força. Como se fossem oferendas lançadas ao mar bravio. As marés os levam para o destino das ondas. Vão, pois é preciso ir. Voltar para casa depois de um dia de trabalho e metade de outro dia se dirigindo ao sempre distante local de trabalho. As faces expressam apenas cansaço. Estão mais velhas, mais enrugadas e feias. A vida é penosamente endurecida. Por mais que o explorador tente explorar aqueles olhos, estes não revelam nada além da visível estafa. E isso parece ser tudo ali. Não há uma ponta sequer de alegria. Nada. Não é que não haja alegria em suas vidas, mas estão cansados demais para desperdiçar energia. *Se os olhos são os espelhos da alma, aquelas almas estão minguadas pelo exercício diário de um trabalho que mingua suas potências de vida. Mas estas pessoas estão ocupadas tentando sobreviver, a qualquer custo, que não há tempo para pensar na vida. Elas vivem, simplesmente. Vão, como dá, até onde podem. Até onde as deixam ir. A precariedade do transporte é apenas um detalhe qualquer no meio de um caminho cheio de violências e misérias.* Marco respira fundo, pois já vem chegando a Central. Sair é uma aventura tão grande quanto entrar no vagão.



## O comandante quer sangue (ou, sobre a dor de escrever/pesquisar)

---

*“É assim, Mariamar – lembrava Adjiru.*

*– Na guerra, os pobres são mortos.*

*Na paz, os pobres morrem”.*

*(A confissão da leoa, Mia Couto, 2012, p. 130).*

## **O comandante quer sangue (ou, sobre a dor de escrever/pesquisar)**

Ele estava lá. Andava como quem arrasta o fardo de um corpo debilitado. Segurava as calças com uma das mãos. Mancava de uma perna. Andava com os pés nus beijando o chão áspero de concreto. Deixou o corpo descansar jogado ao lado da descida da passarela que liga a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) ao Metrô. No alto do caminho um carro da polícia a dar segurança a quem busca, no aparato repressivo, a visão de um oásis estranho de paz e garantia de que algo não vai acontecer. Algo de ruim, diga-se lá. Poucos metros separam o miserável da UERJ. Enormes grades e uma guarita com vigias é uma garantia, mais uma, que a insegurança – aquela que tem corpo, que tem cor, um determinado jeito de andar e pedir – não vá ultrapassar a barreira visível daqueles muros invisíveis. Leitores de Foucault, Deleuze Guattari, de Marx, Paulo Freire e outros tantos atravessam aquela passarela. Cruzam com o pedinte, aceleram o passo, desviam e entram fulminantes na UERJ. Atrás de si deixam um mundo que parece, não lhes diz respeito mais. Na academia pensamos na rua, nos miseráveis, na desigualdade social a partir de uma perspectiva segura de quem fala sobre algo ao mesmo tempo em que se recusa ou evita estar (se misturar) junto a este algo. Será que aquele homem debilitado sabe que falam dele, de sua condição, de sua miséria, da dinâmica de poderes que o atravessam e o produzem? Falam-no com requinte de bonitas palavras e erudição. Falam dele na academia, mas o espaço acadêmico não suporta a sua presença. Imaginemos um pedinte no saguão da universidade. O que aconteceria com ele? Ele nem entraria, para início de conversa. Entretanto, façamos um esforço e através de um exercício de ficção – destes que a literatura fantástica nos ensina a fazer – e pensemos: entrou um pedinte e ele implora esmolas no rol dos elevadores. Será que ele seria convidado a entrar, sentar-se numa sala, assistir há alguma tese? Será que lhe pagariam uma refeição? Será que ele ganharia um curso no Centro de Produção da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEPUERJ) ou beberia água na Reitoria? A opção mais real seria imaginar que rapidamente um conjunto de seguranças apareceriam e colocariam o homem para fora. Algumas pessoas se manifestariam e questionariam a violência empregada etc., mas o homem seria expulso de qualquer maneira. Para estar ali, precisa de um passe; de possuir certa

estatura social. Assim, falando, soa como algo fascista. Mas não é isso que a academia também produz: espaços fascistas? Espaços da erudição e até onde espaços da intolerância e do racismo?

Um momento: eu quero “passar com minha dor”.

Em torno da UERJ, misturam-se estudantes e miseráveis. A poucos metros está a saudosa Mangueira. Berço do samba: do “bacharel” Cartola; do boêmio Nelson Cavaquinho; de Nelson Sargento e tantos outros que cantaram as dores e alegrias daquele povo de maneira poética e singular. Cavaquinho foi um mestre de como falar da dor e, sobretudo, como não fugir, mas poder habitar a dor, o desamor e a tristeza (“tire o seu sorriso do caminho, que eu quero passar com minha dor”); sobre a poesia da dor: “neste mundo de incerteza e desamor total, cada samba de tristeza é mais um carnaval”. Ou, já na companhia de Paulinho da Viola, descobrimos um jeito, dotado de singular leveza de tratar a dor: “quando, surge a luz da criação no pensamento/ ele trata com ternura o sofrimento/ e afasta a solidão”. A dor pede passagem (BARCELLOS, 2010), também. A dor tem sua beleza. Os versos de Nelson, Paulinho e outros destoam de uma sociedade que insiste em criar corpos pouco resistentes a dor. Subjetividades que se querem fazer estranhamente imunes ao sofrimento. Fugimos da dor, da tristeza, dos desamores. Mas viver, também, é sentir dor. Depois de uma aula que teve por objetivo colocar em análise algumas violências e misérias que atravessam nossa sociedade, uma aluna-psicóloga disse, visivelmente angustiada:

- “Professor, sua aula é um soco no estômago! Não sei como você consegue viver como uma visão como esta”!

Ao falar do miserável que sequer possui um cinto para prender as calças, fazemos desta política de escrita (intensa, literária, ensaística), também, uma forma de habitar a dor que é ver diariamente seres humanos transformados em vidas descartáveis. É bom que se fale: esta realidade dói; escrever sobre isso dói. Esta escrita é nosso samba. Por que escolher fazer uma tese sobre chacinas, extermínios e violências? Uma amiga me disse que não sabe como eu “aguento” pesquisar tais temas. Ela completa dizendo: “eu entraria em depressão”. É um soco no estômago,

de fato. Mas é preciso criar um corpo (encorpado) que resista e aprenda a suportar tantos socos no estômago – e isso não significa naturalizar. Não meramente um corpo musculoso – esteticamente sarado, mas pouco encorpado –, antes um corpo resistente. Sobretudo, um corpo que transforme a dor em ardor; o sofrimento em viva poesia; a revolta em intervenção criativa; a dureza em leveza. Ao fazermos esta tese criamos um corpo para ela; para as questões que ela toca. Uma pesquisa escrita através de caminhadas. Escrevo com as pernas, sobretudo. Como diz Cora Coralina (2013): “é que tem mais chão em meus olhos do que cansaço em minhas pernas”. A coragem é um exercício. Diz Clarice Lispector (1998, p. 83): “a vida é um soco no estômago”, mas “quero o pior: a vida”. Carreguemos nossas dores.

Mas não nos esqueçamos...

Foi em torno da UERJ, em meados de 2009, que assisti um diálogo entre um taxista e um policial militar. Na época, a política de segurança pública se dava, sobretudo, através das violentas e midiáticas megaoperações em morros e favelas. Em cada invasão, uma comunidade era cercada e invadida por mais de mil policiais, incluindo soldados da Marinha e do Exército. Além da utilização dos carros blindados do BOPE, CORE e da Marinha. Os jornalistas invadiam junto e, ao vivo, o Brasil inteiro assistia apreensivo o Estado afirmar-se “contra a barbárie” (ALVARENGA FILHO, 2013). Como aconteceu no Complexo do Alemão, o Brasil todo assistiu a bandeira nacional tremulando no alto de um morro. Supostamente depois de expulsar “os traficantes”, a polícia iniciou uma operação de invasões recorrentes nas casas locais. Na favela, transformado numa espécie de território de exceção, há mandato coletivo. Moradores, ao saírem para trabalhar, penduravam na porta de suas casas avisos como: “Seu policia a chave se encontra com o vizinho da casa da frente”; ou, “esta casa já foi revistada três vezes. A chave está com a Maria, vizinha do lado”.

Mas o que nos diz o diálogo entre o taxista e o policial? Alguns homens perambulam em torno da UERJ oferecendo o serviço de engraxate e limpa tênis. Andam com um estojo de madeira e toda a fisionomia precária que a miséria lhes enseja. Há, também, duplas que caminham no mesmo local, realizando pequenos

assaltos. Eu estava em frente ao portão da UERJ. Próximo havia um ponto de táxi e uma viatura da polícia estava no local devido à realização de um show no anfiteatro. Um taxista, se aproximando do policial, perguntou porque ele não prendia aqueles “caras”. O policial rapidamente respondeu que o comandante não quer que prenda, “ele quer sangue”.

- “Se a gente prende o comandante vai dar um esporro do cacete na gente. E se a gente senta o sarrafo nestas porras, vem logo um monte de estudante querer defender”, queixou-se o policial.

O derramamento de sangue virou política de Estado – e quando no Brasil, de colônia a país subdesenvolvido/emergente, não houve práticas e políticas de derramamento de sangue dos pobres? O extermínio é um destino possível e até estratégico para a grande massa de miseráveis que habitam e perambulam pelas ruas da cidade. Uma cidade que extermina a pobreza que ela mesma ajuda a criar; uma polícia que não tem sequer vergonha de admitir seu caráter genocida; um Estado que nega a existência de quem quer apenas permanecer vivo; e uma população que, refém do medo, aplaude assustada tudo que é orquestrado contra os pobres e a pobreza. Em rede nacional, em programa transmitido no horário de almoço, o apresentador e deputado (mais votado das últimas eleições!) Estadual Wagner Montes afirma:

- “Gosto de bandido como mandioca! Duro, de cabeça para baixo, enterrado a três palmas embaixo da terra”.

Para nosso sincero espanto, descobrimos fala semelhante do Deputado Wagner (2013) Montes em discurso pronunciado na Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ):

“Sou a favor, claro, que a Polícia prenda os bandidos; mas se os bandidos reagirem à bala contra a Polícia, entre um policial ferido no dedo do pé e mil bandidos ensacados, naquele saquinho preto e bonito do rabeção do IML, é isso que eu prefiro. Para mim bandido bom é enterrado, como enterrada nasce a mandioca”.

Seu programa é um dos campeões de audiência no horário. Todas as copadoras e bares do centro do Rio o transmitem em suas TVs. O público assiste, ri e gosta do espetáculo da violência midiática; da exposição gratuita da cara violência; de todo aquele clamor punitivo cuspidos no discurso do apresentador-político. No suporte da perimetral, escrito em ousada altura, inúmeras pichações trazem a palavra saudade seguida de algumas iniciais. Estas não são apenas rabiscos de uma juventude qualquer ou algo sem valor... É um grito, um choro, quase uma súplica sobre a vida daqueles que veem seus amigos, parentes e conhecidos serem exterminados diariamente. Subiram lá no alto, arriscando esta mesma vida que pode ser extinta num piscar de olhos, para nos dizer: nós estamos vivos, viemos até aqui, e sentimos saudade daqueles que partiram. Partiram como se fossem bandidos-mandioca, nada a mais, nada além. Seu sangue derramado no chão é comemorado como indicador de eficiência policial. Escreveram na Perimetral: “nosso sucesso será sua morte”. Ou, “é uma questão pessoal nos pegar no crime”. Nossa morte se já não estivermos morrido faz tempo. Como diz Mia Couto (2012, p. 20): “as pessoas esquecem até que estão vivas”. Quem escreve no alto da perimetral está vivo. Tão vivo que pode até morrer. Tão vivo que bate uma saudade.

O miserável continua andando sem cinto.

### **Pistas:**

*Escrito ao som de “meu escudo”, na voz de Beth Carvalho; bem como, de “bate uma saudade”, na voz de Paulinho da Viola.*

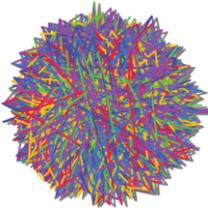
*Um trecho: “Às vezes, o mundo inteiro me parecia transformado em pedra: mais ou menos avançada segundo as pessoas e os lugares, essa lenta petrificação não poupava nenhum aspecto da vida, como se ninguém pudesse escapar ao olhar inexorável da Medusa.” (CALVINO, 2001, p. 16)*

*A poesia que escrevi para a abertura de minha dissertação de mestrado fala da dor sentida diante das misérias e violências do mundo (“dor dói tudo...”). Uma dor que é recorrente, mas que a transformamos, também, num dos motores daquela e desta pesquisa. Entretanto, a poesia afirma a necessidade de não fugir ou se anestésiar*

diante de tais dores, pois existe um forte movimento em nossa sociedade de medicalização e intolerância ao sofrimento; outro, também forte, de enfrentar a violência com mais violência. Ambos, em nosso entender, potencializam o econômico (o que se ganha com as indústrias de medicamentos e segurança/violência) despotencializando o caráter político de nossas vidas. É preciso sim enfrentar e combater as dores, a miséria e a violência. Contudo, como podemos fazer isso? Determinada esquerda, talvez já endurecida por uma militância equivocadamente punitiva e repressiva, fala em enfrentamento direto. Um conhecido e antigo militante carioca uma vez disse: “lugar de patrão para mim é na vala!” Este é um caminho possível, como outros tantos. Porém, apostamos em outro tipo de enfrentamento (será que a palavra é mesmo esta? Talvez, precisemos reinventar nossa caixa de ferramentas) que não se dê de maneira tão dura e pesada. Façamos, quem sabe, como o ágil e leve Perseu (ele tem sandálias aladas!) que vence a Medusa (que transformava todos que olhassem em seus olhos em pedra) ao olhar para a sua imagem refletida em seu escudo. Cortada e guardada consigo, a cabeça do mostro se transforma em poderosa arma para Perseu. Talvez, esta seja uma valiosa pista – que Calvino usa para falar de seu conceito de leveza – sobre como usar a dor como potência e como construir outro corpo (de militante). Vemos importantes movimentos sociais virarem pedra (pesados, rancorosos, punitivos). Vemos a academia, também, como depósito de pedras. Sejamos leve como um pássaro. “Perseu se sustenta sobre o que há de mais leve – as nuvens e o vento”, nos lembra Calvino (2001, p. 16).

Março, 2013.

A visão de fora do trem não é animadora. O veículo parece um conjunto de ferro velho amarrado precariamente entre si. Dentro, corpos moídos que vão. Fora, um ar baldio de qualquer coisa que se insinua amarga e dolorosa feito derrota sentida na alma; expressa na nua ruína das construções empobrecidas; nas janelas quebradas das casas inacabadas; das ruas de terra mal pavimentadas; no abandono que parece ter acometido a vida que se vive por ali, sorrateiramente. Introspectivo Marco Polo se debruça sobre aquele filme projetado através das janelas do trem. O vai-vem sinistro da condução range um som estridente e doentio. O explorador anota, afinal. São tantas coisas, tantos detalhes para contar, depois, a Kublai Khan. Um emaranhado de fios tece, como uma teia escura, o céu das comunidades de casas humildes. O lugar parece tão frágil que uma fagulha, destas que saltam da guimba de um cigarro, seria o suficiente para queimar tudo aquilo em poucos minutos. Mas, percebe o italiano, algo acontece e a vida sobrevive, ainda que maltratada e dolorida, a todas aquelas adversidades. *O contato com a pobreza extrema, com a miséria solta no mundo da rua, inerte na calada da noite sem estrelas, sem poesia, me faz tossir. Uma tosse que não é alergia, mas incomodo plantado no peito. Ver todo este mar de precariedades pela TV, através da lente fria de uma câmera, como milhões – consumidores de tragédias tangíveis, mas seguramente distantes – desperta outros afetos. Desperta algo que a gente esquece, displicentemente. Algo que nos coloca como espectadores, apenas. A miséria, quando nos encontra, quando olha suplicante em nossos olhos, quando salta, resoluta, em nossa frente; quando nos cobra uma ação, quando nos faz uma súplica; aí já é algo que não pode ser esquecido, pelo menos não através da troca de canal. Não há controle, por mais remoto. Por mais desejado. O trem segue.*



## O violino e a lata. A mochila e o olhar: Severinos

---

*“E não há e melhor resposta  
Que o espetáculo da vida:  
Vê-la desfiar seu fio,  
Que também se chama vida,  
Ver a fábrica que ela mesma,  
Teimosamente, se fabrica,  
Vê-la brotar como a pouco  
Em nova vida explodida  
Mesmo quando é assim pequena  
A explosão, como a ocorrida  
Como a de há pouco, franzina  
Mesmo quando é a explosão  
De uma vida Severina”.*

*(João Cabral de Mello Neto, Morte e vida Severina, 2007)*

## **O violino e a lata. A mochila e o olhar: Severinos.**

Os nomes não sabemos, mas os chamaremos de “Severinos”. Assim, como outros tantos nordestinos. Filhos de Maria e José; de João e Rosa; Januária e Geraldo; Luís e Florência. Filhos da miséria que brota desavergonhada do cálido sertão nordestino. Úmidos de sonhos que fazem chorar, mas não só. Severinos enfrentam dias e mais dias de incertezas e dura viagem com destino a tal da cidade grande. Procuram empregos onde estes parecem se esvanecerem (FORRESTER, 1997). Os filhos de Maria carregam uma via cruz pesada. Ainda assim, eles dançam e a cruz dança com eles. Sofrem no corpo calejado, mas este se encorpa e vai aguentando, quase milagrosamente, uma vida de asperezas. Eles estão espalhados pelo Rio de Janeiro. Em cada bar, lanchonete, restaurante, padaria, birosca, supermercado, ônibus, construção, fábrica, oficina, etc. O sotaque é conhecido. Qualquer nordestino pobre rapidamente vira “paraíba” em solo carioca. Eles fazem o trabalho pesado. Paraíba, dizem, é “bicho burro” e nasceu pra isso mesmo. Nasceu para sofrer? Eles usam o corpo como ferramenta. É o que os Severinos têm a oferecer a um mercado que os suga até a alma. Um mercado feito de “moinhos de triturar gente” (RIBEIRO, 2006). Eles ajudam a fazer a cidade funcionar, mas estão muito longe do glamour e da beleza que é vendida aos turistas. Cidade maravilhosa, sim. Mas para quem? Para os Severinos, com certeza não. Mas eles, espertos que se fazem, inventam suas próprias maravilhas. Se não tem dinheiro para entrar no Circo Voador, no Rio 40 graus – para ficarmos apenas na Lapa – eles fazem suas próprias festas. Dançam, cantam, riem ao som dos ritmos familiares que encurtam a saudade e esticam a alegria. O nordestino é um povo dançante. “Saudade o meu remédio é cantar”, cantou um Severino que virou artista. Luís filho de Seu Januário. O pai tocava uma humilde sanfona de oito baixos apenas. O filho sonhou grande e o sonho o levou. Vestiu-se de boiadeiro, carregou seu acordeom, e mostrou que mesmo na seca, na miséria entranhada do sertão, na aridez insalubre do solo, a poesia brota feito flor resistente. Severinos sabem poetizar. Toda poesia é desobediente. Ela acontece. A aridez pesada do chão, a tristeza sem nome, a morte e a desolação, viraram canção dotada de leve e singular beleza. E da poesia o estranhamento: “eu perguntei ai, ao Deus do céu, ai, por que tamanha judiação?”. E

todos, do sul ao norte, de repente olharam e viram “a terra ardendo igual fogueira de São João”. E a terra arde?

Asa Branca e um movimento da quinta sinfonia de Bethoven na Rua Gonçalves Dias. O violino entre o ombro e o pescoço. As mãos firmes e ao mesmo tempo suaves sobre o instrumento. O case aberto no chão empoeirado. Depositório de moedas e dispersas notas de dois reais. Os olhos quase se fechando enquanto a melodia sai, como se sempre tivesse saído assim; como se sequer fosse necessário árduo trabalho sobre o instrumento (uma leveza, beleza e simplicidade que só se conquista com duro e determinado trabalho de anos); como se aquele anônimo músico de rua já houvesse nascido tocando, assim. Da quinta sinfonia a Asa Branca; da Europa ao Sertão, um mundo nasce e se encontra no arco daquele frágil instrumento que dá (ainda mais) vida a vida de quem na Gonçalves Dias trafega. Sua música (na rua) não é como a música enlatada e sem vida tocada nas estações de Metrô da Zona Sul e do Centro carioca. Passarinhos artificiais podem ser ouvidos enquanto se espera o próximo trem; enquanto não pensamos nas árvores e pássaros que foram exterminados para a construção daquele mesmo Metrô. Na TV LCD pendurada em suporte no alto da plataforma da estação, entre anúncios, poesias são vistas. Há poesia e música no Metrô? O anônimo instrumentista toca, como se o mundo dependesse de sua música para seguir em frente; como se cada nota fosse única e a última a ser tocada; como se tocar inventasse o amor. Ele toca lá. Toca assim. Há calos em seus dedos.

Seu corpo é um calo só. Os dedos dos pés parecem que foram amarrados uns aos outros. Tortos num casal de pernas tortas. Na boca, alguns poucos dentes cariados e faltantes. Ele não anda, se arrasta. Estava ali, na Rua Gonçalves Dias a poucos metros do violinista. No chão um pedaço qualquer de papelão e sobre este seu corpo jogado. Ele olha para frente, ergue e inclina o pescoço, faz suplicas difíceis de entender. Sua voz sai embolada, torta como seus dedos e suas pernas tortas. Não tem ritmo, não tem nada. Com a mão direita ele bate com a pequena lata no chão. A lata cai oblíqua para logo subir e cair, nova e incessantemente. Sua música, seu corpo, sua súplica são dissonantes. Sua imagem fere os olhos da cidade que se olha a si mesma enquanto estranhamente limpa e ordenada. As pessoas

desviam de seu corpo como se desvia de uma lixeira: com asco e nojo. Mas ele não é uma sacola de lixo esquecida no meio da Gonçalves Dias! É uma vida, um acontecimento, uma potência. Ao mesmo tempo, sua vida é fabricada enquanto descartável. E sua descartabilidade está inscrita em seu corpo. E seu corpo se arrasta pelas ruas implorando míseros centavos para tentar permanecer incrivelmente vivo. Apesar de tudo, apesar de todos, ele insiste com a vida. As ruas estão cheias de insistentes Severinos. Humanos refugados que sabem, muito bem, que “apenas a matéria vida era tão fina<sup>6</sup>”. Tão fina que pode se romper ou, imprevisivelmente, flexibilizar-se em outros desenhos.

Na Rua do Riachuelo, Lapa, a mulher chega com um boné na cabeça e a mochila/casa nas costas. Para ao lado de cada pessoa no ponto de ônibus e pede, com os olhos úmidos de tristezas, que alguém lhe pague uma refeição. Ela olha nos olhos. Ela não pede dinheiro, pede comida. Um casal de homens se assusta com a estranha. Dão um pulo para trás. Não é um assalto, mas ela surge de assalto em nossa frente. Ninguém ali parece muito interessado em seu drama. Duas mulheres com um menino desviam da súplica e desdenham da pedinte. Fazem pouco caso e desconfiam de sua pobreza. Dizem que sobra trabalho por aí. “Só não trabalha quem não quer”, afirmam.

- Você mora na rua? Ela nos diz que sim.

- Você veio de onde? De Vitória, Espírito Santo.

Não é uma entrevista para nossa tese. É apenas uma conversa. E ela se cala e fica nos olhando, como se estivesse espantada. Seus olhos vermelhos nos lembrou a vermelhidão ébria de outros pedintes. Certa vez, cruzamos com uma mulher parada na esquina próximo ao metrô de São Francisco Xavier. Ao seu lado, uma menina. Às 22 horas de uma fria terça feira ela pedia dinheiro para pagar sua passagem. Seus olhos vermelhos e o cheiro de álcool saindo de sua boca denunciava seus caminhos. Ela pedia. A menina andava em círculos. Do Espírito Santo, a pedinte perambula pela Lapa com enorme mochila e os olhos vermelhos. Caminha vagarosa, mas parando em cada birosca e ponto de ônibus para pedir que

---

<sup>6</sup> Trecho da canção “Cajuína”, de Caetano Veloso.

lhe paguem um prato de comida. Quanto nos custa um prato de comida? Quanto custa uma vida Severina?

Maria Regina (nome inventado) está entediada. Seus olhos, seu olhar, nos comunica algo. O que ela tenta nos dizer? A mão esquerda pousada esquecida sobre o rosto, os pés amordaçados na sapatilha preta que ela tanto odeia. No final do expediente, seus pés estão machucados. Mas esta dor não lhe incomoda tanto. Ela sente outras dores. É sábado e ela está em pé ao lado da porta da loja de bijuterias esperando o aparecimento de uma cliente em potencial. As paredes da loja foram pintadas de rosa e as vendedoras usam uma roupa preta colada ao corpo. Na Rua Visconde de Pirajá, Ipanema, uma pequena multidão passa em direção a praia. O sol brilha forte e as ondas dançam na areia da praia mais famosa do Brasil. Regina gostaria de poder ir a praia, passear de carro novo e “curtir” a boemia da zona sul. Assim como suas amigas e amigos ela veio do Nordeste para o Rio atrás de “uma vida melhor”, como dizem. No entanto, esta tal vida melhor tem lhe parecido como uma estranha desconhecida. Ela ouve todos falarem dela, mas, de fato, nunca a viu. Assim como seus amigos nordestinos, é comum alguém lhe chamar de “paraíba”. Não importa se ela veio do Ceará. Ela é paraíba, feia, mirrada e pobre diante da estética “carioques” embriagante (ou, embriagada) da Zona Sul; da Cidade que se faz olímpica. Um fabricado patinho feio circulando desengonçado entre garotas saradas vestidas com roupas caras. Eis a sua sina: ser apenas Regina, ferrada e nordestina. De repente entra uma freguesa na loja. Maria Regina vai ao seu encontro, diz Boa tarde. Perdemos seus olhos de vista. Seu corpo quase se arrasta para logo, ao lado do belo corpo produzido da cliente, quase desabar de tão cansada. Os brincos custam R\$19.99 reais. Um Severino talvez custe menos.

*Abril, 2013.*

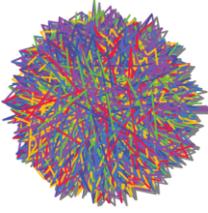
### **Pistas**

Ao som de “Lamento sertanejo”, de Dominginhos e Gilberto Gil.

## ||||| A plataforma da estação

---

O trem, enfim, chega ao seu destino final/inicial. São quase 18 horas e a Central do Brasil está lotada. Uma multidão se contorce na plataforma. É uma luta entrar no transporte e, poucos, são aqueles que conseguem vitoriosamente um assento. Quem está fora, espera a abertura das portas para pular para dentro. Quem está dentro, espera as portas abrirem para pular para cima e sair, quem sabe, ileso. Levado pelo movimento inevitável dos passageiros, Marco é cuspidado para fora do trem. Olha para os lados e um mar de gente atravessa a sua visão. Entram, como uma violenta onda quebrando na areia. Sentimentos outros desaguam em seu corpo estrangeiro. Lembra-se da Guerra contra os Genoveses em 1620. Marés de gente se debatendo irresoluta contra si mesma. *Pra que tantas guerras?* Foi apenas uma lembrança, destas que às vezes visitam que ousa lembrar-se, displicentemente. Mas ali, no Rio, é diferente. Não é uma guerra. Não há uma guerra. É a vida diária de uma multidão que vive para manter a cidade funcionando dia e noite. As portas da condução insistem em permanecer abertas – alguns vagões sequer têm portas. Passageiros pendurados insistem em entrar. Dois corpos não ocupam o mesmo lugar. Não interessa. Aquelas pessoas desafiam a física. Seguranças da empresa que administra os trens empurram violentamente os passageiros. Enfim, lá vai o trem. Sem romantismo, sem glamour, sem coisas belas para se admirar. A maior poesia daquela gente – da gente humilde de Vinicius e Garoto – é simplesmente viver como quem está condenado à morte em vida, mas insistir em permanecer vivo, esperto, sagaz, malandro, apesar de tudo. A doce desobediência dos que insistem na vida. Segue o trem até sumir no tenebroso horizonte de misérias. Marco Polo ficou lá, no meio da plataforma, vendo aquilo tudo. Sem uma palavra para escrever no caderninho. Nada que o ajudasse a descrever o indescritível, apenas olhou. Olhou até se ver refletido em algum distante lugar. Segue o explorador.



## Padre Miguel e o nome na pedra: Jesus, a Liga e a súplica suburbana

---

*“E a vida continua”*

*(Pichação próximo ao CCBB).*

“Todas estas faces fatigadas e sérias não testemunhavam  
Qualquer desespero; sob a cúpula entediante do céu, os pés  
afundados na poeira de um chão tão desolado quanto este céu,  
eles caminhavam com a fisionomia resignada dos que são condenados  
a esperar sempre”. (BAUDELAIRE, 2006, p. 41)

### **Padre Miguel e o nome na pedra: Jesus, a Liga e a súplica suburbana.**

O bairro de Padre Miguel se faz, quase esquecido de si mesmo, entre os bairros de Realengo, Bangu e o Maciço da Pedra Branca. Este ocupa 10% do território carioca e é a maior floresta urbana do mundo, apesar de quase todos acreditarem ser a floresta da Tijuca. Tanto o território de Padre Miguel como os seus moradores parecem ganhar existência na miséria e pobreza que os cerca e que com eles se confunde. A vida ganha ares de sobrevivida, maltratada e endurecida. Vida Severina, sem dúvida. Ainda assim, não apenas isso.

Padre Miguel destoa, radicalmente, do projeto de cidade produzido e atualizado, diariamente, pelas forças do Estado, pelos diferentes veículos de mídia, pelos discursos de políticos e especialistas. Está a quilômetros do espaço/tempo vivido na Zona Sul. O seu tempo anda na velocidade do vento que corta as ruas carregando a poeira. O seu espaço, terrivelmente feio aos olhos de determinada política de estética urbana, se faz sem glamour, sem grandes adornos, sem nenhum alarde. A estética das casas parece seguir a política das existências: é um sentimento de abandono que salta aos olhos, que engasga na garganta, que se inscreve nos corpos/subjetividades; algo intenso, potentes afetos, que parecem pairar no ar e que, como diz a canção<sup>7</sup>, algo que os “olhos não conseguem perceber/ e as mãos não podem tocar/ e os pés se recusam a pisar. Sei lá”. Intensidades outras, que escapam, desviam, atravessam. Intensidades de uma passagem. Talvez seja disso, destas fugazes intensidades, que falemos o tempo todo em cada ensaio/crônica. Falamos do que nos afeta, isto é, do que nos desestabiliza. A imagem do bairro, quente e rude, não se vê em belas fotografias estampadas em cartões postais que apresentam a cidade/mercadoria a turistas/consumidores de paisagens belas e tranquilas. Paisagens digeríveis e bonitas para compartilhar no Facebook. O Rio de Janeiro, das novelas da Globo, do projeto milionário de cidade olímpica, das UPPS, é Zona Sul. O Rio que o Brasil vê na TV é, sobretudo, Zona Sul. Até quando se fala em favela, é, majoritariamente, as favelas da Zona Sul. Não é por acaso que, ao irem de Padre Miguel ao Centro ou a Zona Sul, os moradores de Padre Miguel dizem: “vou à cidade”. É como se a Cidade

---

<sup>7</sup> “Sei Lá Mangueira”, de Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho.

– esta que se escreve com letra maiúscula, mas que não dá conta da rica multiplicidade de territórios e existências que a mesma genericamente abarca – fosse uma espécie de fora. Um lugar estrangeiro; outro universo. Padre Miguel não se vê Rio de Janeiro, pelo menos, não este Rio olímpico e Zona Sul. O bairro é um filho pobre e abandonado de um Rio enorme que, política e hegemonicamente, quer se confundir com uma diminuta, porém rica e poderosa, região da cidade.

\*\*\*

Em certas ruas, o esgoto corre a céu aberto, feito um rio. Como canta a banda irlandesa U2: “where the street have no name” (“onde as ruas não têm nome”). Ruas anônimas atravessadas por anônimos passos. Não há placas ou sinalização de trânsito. Pelo menos, não onde estivemos. Acontecimento impensável em outras regiões da cidade. Caminhamos como se atravessámos enorme favela horizontal. Numa das partes mais elevadas, vê-se um mar de casas, universos outros. As adolescentes – negras, mulatas e pardas – passeiam com o alisado cabelo tingido de louro. Corpo modelado para seguir a ditadura atroz da estética da moda feminina. Ser bonita é ser magra, ter cabelos claros, pele clara, sem manchas ou cicatrizes. Modelo de corpo que reproduz “um conceito de beleza virtual e globalizado, que não tem a ver com o corpo real da maior parte das brasileiras” (NICOLINO, 2012). Um corpo desejável, um corpo quase inalcançável. E quando a cor de sua pele é a própria “mancha” que a maquiagem não remove? E quando o seu cabelo insiste em fazer-se ondulado, crespo, quando deveria, submisso, existir alisado? E quando a imagem do seu bairro não se parece com a imagem dos espaços – lisos, embranquecidos, sem miséria, sem rugas, sem memória, marcas ou fissuras – que a TV o tempo todo vende como sendo a imagem única – a história única – da cidade que dizem que você faz parte? Como dizia Foucault (2004), o corpo é lugar privilegiado de inscrição das relações de poder. As meninas pobres de Padre Miguel se inventam, louras artificiais. Cabelos dóceis sob a tirania da Chapinha Japonesa.

\*\*\*

No alto da casa, em tinta verde escuro, a pichação lembra que aquela região – tão pobre, tão árida – tem dono: “A Liga”. Ao lado do nome, o desenho imitado do escudo do estadunidense super-homem, nascido em 1948. “A Liga da Justiça Americana” é um seriado de desenho animado em que se reúnem super-heróis como Superman, Batman, Mulher Maravilha, entre outros. Eles lutam contra as forças do mal que habitam o Planeta Terra. A Liga da Justiça carioca, da pichação, refere-se não a união fictícia de variados e anabolizados super-heróis, mas a uma das principais e mais temidas milícias do Rio de Janeiro. A milícia não surgiu ontem, por um passo de mágica. Nasceu, como dizem os próprios moradores de Padre Miguel, há muitas décadas como o efeito de inúmeros acontecimentos. Talvez, a novidade hoje seja o tamanho poder que esta organização – milícia, polícia mineira etc – conseguiu alcançar. César Maia, ainda quando prefeito da cidade, em 2007, chamou a organização das milícias de “autodefesa comunitária” e “um mal menor do que o tráfico” (BOTTARI, RAMALHO, 2012). A Liga da Justiça chegou, inclusive, a ter representantes dentro da Câmara Municipal e na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), são eles: o ex-vereador Jerominho Guimarães e o seu irmão o ex-deputado Natalino Guimarães. Ambos os irmãos eram do Partido DEM.

Há um silêncio que paira, com demasiado medo, no ar. O que nos diz este silêncio? O que nos conta este medo? Padre Miguel sussurra temeroso na calada da noite. A Liga atualiza e expande o exercício do antigo poder de soberania (FOUCAULT, 1998): faz morrer e deixar viver. Até altas horas da madrugada, no pé do imponente Maciço da Pedra Branca, ouve-se o som alto vindo de um improvisado – e o que nesta região não respira improvisado? – salão. À mercê das denúncias anônimas feitas a Polícia Militar, o salão seque “bombando”. Pois, de cara limpa, de peito aberto, ninguém quer comprar briga com a família de milicianos. O quarteirão dorme, enfim, quando a música termina. Dorme, apenas, quando a milícia assim o permite. Em seus fios da missanga, Mia Couto (2009, p.33) diz: “falar é fácil. Custa é aprender a calar”. E calados pelo exercício do poder de soberania miliciano, Padre Miguel sofre e suplica em silêncio; que é para ninguém ouvir que o que se pede é um pedacinho de simples paz, para severinamente viver a

parte – tão mísera, tão dura, às vezes, quase insuportável – “que lhes cabe neste latifúndio” (MELLO NETO, 2007). E na dureza da Pedra do Maciço da Pedra Branca, acima de moradores e milicianos, a frase escrita com tinta branca reitera o que quase todos por ali parecem comungar, esperançosos “de verem este mundo se acabar” (Zé Ramalho, Admirável Gado Novo): “Jesus está voltando”, diz a Pedra. Diz esta gente que, mais uma vez como escreve Baudelaire (2006, p.2011), “vive a vida, sonha a vida, sofre a vida”. Sobretudo, sofre. Sei lá.

\*\*\*

“Noite sem lua nem nada. Os fósforos é que alumiam um instante as caras cansadas e a pretidão feia caía de novo. **Ninguém estranhava (grifo nosso)**. Era assim mesmo todos os dias. O pessoal do matadouro já estava acostumado. Parecia trem de carga o trem de Magoarí”.

No conto “apólogo brasileiro sem véu de alegoria”, Alcântara Machado (2013), conta curioso caso. O trem que segue de Magoarí até Belém vai, corriqueiramente, no breu da noite; sem luz, nem nada que alumie. Os passageiros, humildes trabalhadores parecem ter se acostumado com a situação e, atolados naquela escuridão, vão, sem reclamar. Num dia, entra no trem um flautista cego. Ajeitado em seu banco ele assobia valsas, polcas etc. dá uma cotovelada no companheiro anônimo de banco e tenta puxar conversa. De repente, pergunta ao outro qual é a manchete do jornal de hoje. Este, enfadado, responde que não há luz para ser ver o que está no jornal. Escreve Alcântara Machado:

— *O jornal não dá nada sobre a sucessão presidencial?*

*O rapaz respondeu:*

— *Não sei: nós estamos no escuro.*

— *No escuro?*

— *É.*

*Ficou matutando calado. Claríssimo que não compreendia bem. Perguntou de novo:*

— *Não tem luz?*

Bocejo.

— Não tem.

Cuspada.

Matutou mais um pouco. Perguntou de novo:

— o vagão está no escuro?

— Está.

De tanta indignação bateu com o porrete no soalho. E principiou a grita dele assim:

— Não pode ser! Estrada relaxada! Que é que faz que não acende? Não se pode viver sem luz! A luz é necessária! A luz é o maior dom da natureza! Luz! Luz! Luz!

E a luz não foi feita. Continuou berrando:

— Luz! Luz! Luz!

Só a escuridão respondia.

Baiano velho estava fulo. Urrava. Vozes perguntaram dentro da noite:

— Que é que há?

Baiano velho trovejou:

— Não tem luz!

Vozes concordaram:

— Pois não tem mesmo.

Foi preciso explicar que era um desaforo. Homem não é bicho. Viver nas trevas é cuspir no progresso da humanidade. Depois a gente tem a obrigação de reagir contra os exploradores do povo. No preço da passagem está incluída a luz. O governo não toma providências? Não toma? A turba ignara fará valer seus direitos sem ele. Contra ele se necessário. Brasileiro é bom, é amigo da paz, é tudo quanto quiserem: mas bobo não. Chega um dia e a coisa pega fogo.

Todos gritavam discutindo com calor e palavrões. Um mulato propôs que se matasse o chefe do trem. Mas João Virgulino lembrou:

— Ele é pobre como a gente.

Outro sugeriu uma grande passeata em Belém com banda de música e discursos.

— Foguetes também?

— Foguetes também.

— Be-le-za!

Mas João Virgulino observou:

— Isso custa dinheiro.

— Que é que se vai fazer então? Ninguém sabia. Isto é: João Virgulino sabia. Magafere-chefe do matadouro de Magoarí, tirou a faca da cinta e começou a esquartejar o banco de palhinha. Com todas as regras do ofício. Cortou um pedaço, jogou pela janela e disse:

— Dois quilos de lombo!

Cortou outro e disse:

— Quilo e meio de toicinho!

Todos os passageiros magarefes e auxiliares imitaram o chefe. Era cortar e jogar pelas janelas. Parecia um serviço organizado. Ordens partiam de todos os lados. Com piadas, risadas, gargalhadas.

Baiano velho quando percebeu a história pulou de contente. O chefe do trem correu quase que chorando.

— Que é isso? Que é isso? É por causa da luz? Baiano velho respondeu :

— É por causa das trevas!

O chefe do trem suplicava:

— Calma ! Calma ! Eu arranjo umas velinhas.

João Virgulino percorria os vagões apalpando os bancos.

— Aqui ainda tem uns três quilos de colchão mole!

O chefe do trem foi para o cubículo dele e se fechou por dentro rezando. Belém já estava perto. Dos bancos só restava a armação de ferro. Os passageiros de pé contavam façanhas. Baiano velho tocava a marcha de sua lavra chamada Às armas cidadãos! o taioquinha embrulhava no jornal a faca surrupiada na confusão.

*Tocando a sineta o trem de Magoari fundou na estação de Belém. Em dois tempos os vagões se esvaziaram. O último a sair foi o chefe, muito pálido.*

*(...)*

*Dada a queixa à polícia foi iniciado o inquérito para apurar as responsabilidades. Perante grande número de advogados, representantes da imprensa, curiosos e pessoas gradas, o delegado ouviu vários passageiros. Todos se mantiveram na negativa menos um que se declarou protestante e trazia um exemplar da Bíblia no bolso. O delegado perguntou:*

*— Qual a causa verdadeira do motim?*

*O homem respondeu:*

*— A causa verdadeira do motim foi a falta de luz nos vagões.*

*O delegado olhou firme nos olhos do passageiro e continuou:*

*— Quem encabeçou o movimento?*

*Em meio da ansiosa expectativa dos presentes o homem revelou:*

*— Quem encabeçou o movimento foi um cego!*

*Quis jurar sobre a Bíblia mas foi imediatamente recolhido ao xadrez porque com a autoridade não se brinca.*

Maurício Abreu (2011), sustenta que a Supervia – empresa responsável pelos trens cariocas – foi produzida e destinada ao transporte de pobres, desde sua origem. Por isso, de seu abandono e péssimas condições históricas. Transporte de pobre não tem embelezamento, ar condicionado ou qualquer adorno maior. Os trens são uma tristeza só. Os trens que partem para distantes caminhos seguem em péssimas condições. Entretanto, que se diga, os trens da Supervia passam, hoje, por uma declarada “modernização”. Novos trens com ar condicionado, letreiro luminoso e cheirinho de coisa nova já podem ser vistos na Central. Foram os trens que potencializaram, segundo Abreu (2011), a invenção da Zona Oeste. Os bairros foram se fazendo, crescendo e ganhando forma, como se beijassem a linha do trem.

Os trens, apesar de sucateados e lotados, eram a melhor condução para se chegar ao distante trabalho no centro do Rio de Janeiro. Ainda respirando como se Colônia fosse de Portugal, o centro do Rio foi chamado de “Pequena África” devido a grande quantidade de negros vivendo e morando na região. Com o processo de “modernização” e expansão da cidade em direção a Zona Sul, quem tinha dinheiro abandonou o centro e seus arredores, como o fidalgo bairro de São Cristovão, e foram morar na Zona Sul. Morar a beira mar! Graças, em parte, a criação dos Bondes ligando o centro a esta ainda rude região da cidade, bem como, a estruturação (criação de avenidas, instalação de luz elétrica etc) por parte da prefeitura carioca. Com apoio do presidente cafeeiro, Rodrigues Alvez, Pereira Passos, prefeito carioca do início do século XX, promoveu a maior transformação urbana do território do Rio. Os pobres que viviam em cortiços foram expulsos do centro. Tudo feito, é claro, a partir de uma lógica “sanitarista” e higiênica que pensa a pobreza enquanto doença social. O morro do Castelo e o bairro da Misericórdia, bairros de pobres no coração da cidade, foram extintos. Os pobres foram, ainda segundo Abreu, para as Favelas. Foram locais pouco valorizados pelo poder político e econômico da época. A maioria, pelo que parece, mudou-se para Zona Oeste e, próximo às linhas do trem, fez-se sua casa.

Pela janela escura com insulfime, do trem com ar condicionado, vimos um horizonte de casas humildes e maltratadas, pelo tempo, pela miséria, se desenhar em torno do caminho que liga a Central do Brasil até a Estação de Bangu. É como se fosse, sem qualquer exagero, um grande mar de entranhada miséria. Até bem pouco tempo, se via, quando se passava pela Estação Manguinhos, um grupo de homens e mulheres, negros e esqueléticos, usando crack na beira da linha do trem. Era como se a morte estivesse viva e ali habitasse. Como se ali, na frente de todos, ganhasse corpo e estranha vida. Meninos se penduram em muros de tijolos quebrados e, sobre a fiação perigosa dos trilhos de Realengo, soltam suas pipas coloridas e alegres. A tristeza voa, talvez, no voo em terra daquelas crianças. As misérias são inúmeras, mas nunca iguais. Cada bairro em torno da linha do trem é outro universo que ali, próximo aos trilhos, nasce e ali mesmo, sem estardalhaço, morre. O pobre é fabricado, do Rio de Janeiro ou do árido sertão nordestino, para

morrer de uma morte “de que se morre/ de velhice antes dos trinta/ de emboscada antes dos vinte/ de fome um pouco a cada dia” (MELLO NETO, 2007.) E como é difícil falar/escrever desta vida Severina. É como diz a pichação no alto da Perimetral: “existem emoções que as palavras não traduzem”.

\*\*\*

“Peço desculpas por atrapalhar a concentração e o silêncio da viagem.

Obrigado e que Deus lhe dê em dobro”.

(Cego no trem parador Central-Santa Cruz, agosto de 2013).

O “Trem parador”, como o próprio nome dá a entender, vai parando em cada estação que atravessa até chegarem seu destino, Santa Cruz. E um cego atravessa cambaleante os vagões. Não é como o cego flautista do conto acima, mas ele também parece não enxergar. Na mão direita uma improvisada bengala. Na esquerda, um corpo descartável – tão descartável como àquelas fabricadas vidas levadas feito gado nos malfadados vagões da Supervia. O cego caminha, quase dança, parece que vai cair, mão não cai. Se move vagaroso sacodindo o corpo produzindo o som de moedas se encontrando. Segue reto, no vai e vem do trem, pede apenas desculpas por atrapalhar a viagem. Em pouco tempo, a súplica do cego divide o corredor com os vendedores ambulantes. Estes, proibidos pela Supervia, levam as mercadorias escondidas em enormes sacos pretos. Criam estratégias sutis de burlar as regras impostas. O show dos vendedores começa, e não mais termina:

- “Dental Plus! Escova com protetor de bactéria e limpador de língua”.

- “Ralador de alho. Aquele da TV! Pelo preço, parece roubado, mas se é roubado eu não sei. Só sei que não foi eu que roubei”.

- “Mais de 1000 Músicas aqui, neste CD! Esta é pra lembrar a década de 1980: ‘estou perdido sem pai nem mãe, ...’.

Como escrever Mansur (2001, p. 79):

“O trem também é o reduto de um número diversificado de ambulantes, que vedem desde refrigerantes e biscoitos, até produtos que ‘nunca saem de linha’, como o ‘raspá do joá’,

ideal para a seborreia, cortadores de unha, abridores de latas, revistas de palavras cruzadas e picolés ‘da fruta’, tudo com direito a jargões tradicionais, como: ‘Compra ele, compra ela, compra até mulher bangela’; ‘É o passatempo de sua viagem freguês’ e o ‘Biscoito Copacabana, preço de pobre, sabor de bacana”.

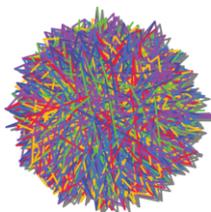
O cego quase tropeça e cambaleante segue ao lado dos vendedores.

\*\*\*

Segue o trem e com ele a vida, torta, miserável, endurecida, vai indo, também. Segue a vida, ainda que malfadada e cuspidada. Vai nua, rejeitada, violentada e com quase nada, sem. Sem nada, sem maiores alegrias do que a pipa colorida; do que o pagode espontâneo na esquina; do que a dores e alegrias desta própria estranha vida. Mas que vida! E a miséria, que quer ser sua única esquisita amiga, abraça a todos, faz-se sobrevida. E tantas coisas se cruzam no cruzamento das linhas, dos trens, dos caminhos. E tantos sonhos se abortam e se criam no sacolejar do trem, sozinho. E tantas estórias, durezas e fantasias se engraçam e se perdem. E tanta gente morre, e mau se despede. Porque de tão miserável, nem tem dinheiro pra pagar caixão que preste. E tudo num fugaz instante. E tudo severinamente vai comendo a vida. E é a própria vida que se devora, sorrateiramente, feito cobra. E a morte anda viva, e a vida, tão miserável não se sabe se é bonita, se vale a pena quando se faz tão dolorosamente severina! E os pobres seguem, no meio da poeira e da pobreza, seguem independente de tudo. Seguem, sozinhos e esquecidos deste mundo. Seguem cegos, taciturnos? Parecem não verem a miséria em que vivem ou aprenderam a viver olhando/sendo a miséria de outra maneira. Só sei que eles seguem. Vão, caminham, param, continuam. Sempre até onde podem. Até onde dá. Esquecidos de si mesmos, talvez? Como escreve Mia Couto (2013), “o que mais me dói na miséria é a ignorância que ela tem de si mesma”. Sei lá, não sei.

S/d

A Central do Brasil é como um shopping – e o que não vira comércio e centro comercial? As lojas são estreitas e se desenhavam uma adjacente a outra. De fato, o lugar é grande. Marco Polo caminha desprezioso. Vai como quem não quer chegar. Anda, para, olha para um lado, para o outro. Gosta de olhar para o povo. Repara bem no traçado das faces que encontra em seu encontro. Observa os corpos correndo em direção a plataforma. A pressa é familiar. É um sentimento que todos ali comungam, respiram. O teto é alto. O explorador levanta a cabeça. Lembra-se de outros tetos assim, catedrais. Seguranças com coletes caminham entre o público. Há sempre homens armados ou vigiando garantindo-nos uma estranha segurança. Marco caminha em direção a saída que dá para o Morro da Providência. As obras do teleférico o deixam intrigado. Entretanto, ele anota algo em seu caderno e para rente a loja que vende uma grande variedade de suvenis de corujas. Está na moda, diz a vendedora. Ele não liga para as corujas que não voam e fica ali, parado com ar de quem espera algo ou alguém acontecer. Deixa seu corpo verter-se verticalmente ao encontro do muro do piso inferior da Central. Onde se localizam os banheiros. Na rua próxima a estação do teleférico uma van estaciona. Uma dezena de pessoas saltam e correm para a Central. Um homem sem camisa e com apenas uma perna usa um pedaço de vassoura para se equilibrar. Outro homem, de estatura pequena e ar miserável entra no local. Ele veste uma roupa velha e rasgada. Seu pé direito está muito inchado. Sua fisionomia é horrível. Ele mora na rua, percebe Marco Polo ao sentir o cheiro nauseabundo do estranho enquanto este passa fúnebre em sua frente. O mendigo entra, caminha sem ser importunado entre a multidão. Intrigado, o explorador resolve seguir o homem, mas já é tarde. O miserável, apesar de mover-se lentamente, some no meio das pessoas. *Festina lente!* (“*apressa-te lentamente*”), repete Polo que lamenta-se e sente um misto de decepção e estranhamento o tomar. Afinal, por que ele seguiria o pobre homem? O que o estranho poderia lhe acrescentar? Talvez, fosse apenas curiosidade. Marco volta a tossir. No alto-falante, anuncia-se o próximo trem direito com ar condicionado para Santa Cruz.



## Entre bombas e rojões: nosso bloco na rua

---

*“Para chorar não precisa de gás lacrimogêneo*

*Basta ver o meu contra cheque”.*

*(Cartaz de um manifestante, Av. Rio Branco, 15 de outubro de 2013).*

## Entre bombas e rojões: nosso bloco na rua

Este texto começa com um grito. Melhor dizendo: com vários. Poderia, também, começar com um suco; um xingamento; um choro; um spray de pimenta ou uma bomba de efeito moral. Gritamos. E foram vários e intensos gritos acompanhados de uma correria, e de olhos lacrimejando, e gargantas fechando. As bombas explodiam por todos os lados nos dispersando violentamente. Acudados fugimos da Cinelândia, onde nos concentrávamos em torno da Câmara dos vereadores. Fugimos sim, ainda que quiséssemos ficar e afirmar nosso direito de estar ali, na rua, na praça; com nossas bandeiras, reivindicações e, sobretudo, com nossa revolta; o nosso corpo em revolta. Gritamos que a presença ostensiva da polícia militar não nos intimidaria; que erámos todos professores; que vândalo era o Estado; que o plano de salários não seria votado e, se fosse, jamais seria aceito; que não arredaríamos o pé; que exigíamos respeito. Nossa voz entoava antigas marchinhas: “*daqui não saio, daqui ninguém me tira*”. Belos sorrisos. Palmas, outros gritos e a multidão, todos nós, comungávamos de potente proximidade. De preto, com adesivos colados na roupa; com garrafas d’água nas mãos; enfrentamos o calor do sol e o cansaço. No carro de som, o comando da greve do Sindicato Estadual dos Professores Estaduais do Rio de Janeiro (SEPE) perguntava se havia alguém cansado ali. Deveria haver, mas isso não era dos problemas, o maior. Um mar de vozes gritava “não”, em uníssonos. Quando a primeira bomba explodiu não sabíamos se era a polícia ou os Black Blocs. Se era para correr ou ficar ali, teimando, insistindo, contagiando-se. Depois de cada explosão, o silêncio momentâneo e a tensão. *Será que devemos ficar? E se nos afastarmos um pouco? Aqui pode ser perigoso? Olha mais PMs chegando por ali? Olha, estão correndo. Tem gente indo presa. O cara está sangrando!* Os Black Blocs estão na Rua Alcino Guanabara. Encurralaram um pequeno grupo de policiais ali, parecia. Da estreita rua lateral da Câmara surgia o enfrentamento. À primeira bomba foi seguida por rojões e bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo. Mascarados saiam correndo do local para, atordoados pelo gás, sentarem na Av. Rio Branco e respirarem. Um pouco de ar, senão a gente sufoca. O ar começava a faltar para todos. O cheiro do gás lacrimogêneo se espalhava rapidamente levado pelo vento. Em pouco tempo, o

conflito escapou da estreita Rua Alcino Guanabara e ganhou a Cinelândia. Do alto do carro de som o comando de greve do SEPE pedia para que não corrêssemos, para que ficássemos: “*a Praça é do povo, a praça é nossa*”, eles insistiam. Mas quando a PM avançou todos nós corremos já sentido a garganta apertada e os olhos lacrimejando intensamente. O cheiro do gás vem como um soco no estômago; quase nos paralisa; desnorteia-nos. Assustado, o motorista do carro de som do SEPE recusou-se a ficar na linha de fogo – sim, foi quase uma guerra; instaurou um campo de batalha. Havia bombas e foguetes voando. Os Black Blocs se dispersaram oferecendo resistência ao avanço policial. Atiravam pedras, rojões e chutavam as bombas que caíam em seus pés. Naquela altura, não havia mais cantos, marchinhas ou qualquer resquício de alegria. Era tenso, mas aquela reunião de tanta gente tinha sua alegria; o seu encanto; a sua beleza. De repente, nos vimos fugindo feito gado. Queríamos apenas escapar e poder respirar. E como se tornou difícil respirar. Sucumbíamos coletivamente e coletivamente nos ajudávamos. As garrafas d’água e vinagre circulavam solidárias de mão em mão. *Joga nos olhos meu filho, ajuda a melhorar*. Estávamos na Rua Araújo Porto Alegre. Outro grupo fugiu pela Av. Rio Branco. Estávamos pegando fôlego, nos recompondo; e não desistindo. Isso jamais. Voltaríamos para a Cinelândia e afirmaríamos ali a nossa revolta. Ninguém nos seguraria. O peito acelerado, o corpo inquieto. Os olhos ainda ardiam quando o comando de greve convocou a todos: “*A praça é do povo e não das fardas*”. Gritos e uma salva de palmas. Não das fardas, repetíamos como um mantra. Teimosos, ameaçamos voltar, mas a polícia já avançava com mais bombas sobre nós. Novos gritos, revolta e gás. Corremos pela Av. Graça Aranha. Atrás de nós, em nosso percalço, as bombas explodindo. Junto de nós, o medo. A esterilizar nossos passos. *Meu Deus!*, alguém já quase implorava. *Para que isso? Para que tanta violência?* Esta era tão intensa e desproporcional que corríamos incrédulos de estar, de fato, vivendo situação tão adversa. Dezenas observavam a cena na janela de prédios. “*Tá batendo em professor seu filho da puta! É trabalhador porra! É trabalhador*”, gritavam. Quem estava na rua rapidamente se solidarizou com os manifestantes e, sem querer, apenas por está ali, naquele momento, virou alvo; suspeito; perigoso; potente vândalo, também. Trabalhadores andavam aflitos, atrás da condução. Com o trânsito interdito, os ônibus seguiam outros destinos. Pessoas buscavam meios

de voltar para casa. Nosso crime era estar nas ruas, manifestando nosso descontentamento e nossa revolta. Na Av. Rio Branco, bancos foram depredados e lixeiras incendiadas. Pequenas barricadas. Nada comparado à violência policial. Quando a tropa de choque chegou, com armaduras, escudos, cassetetes, spray e motos, mascarados atiravam pedras e corriam. Marchando pela AV. Rio Branco, a Tropa de Choque ia pelas ruas caçando manifestantes. Isso mesmo. Caçar este é o verbo. A fabricada existência de vândalos, com sua suposta ameaça a ordem, justifica muita coisa. Tudo o que foi feito aconteceu sob o holofote de jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas. À noite, no jornal, a história que apareceu foi contada não a partir dos gritos, da revolta ou da indignação. Era a história oficial produzida pelo Estado e as corporações de mídia. História das fardas, da repressão em nome da ordem; da violência em prol da suposta paz da cidade. Novamente, paz sem voz. Paz não, medo. Com certeza.

Naquele dia, inúmeros foram presos e levados para distantes delegacias. Sob a égide da ressuscitada Lei de Segurança Nacional, os presos – agora na condição de terroristas – foram levados para presídios e submetidos a diferentes práticas de maus tratos e até tortura. Tudo com o aval político do governo federal. A capa do jornal O Globo de 17 de outubro, julgava e condenava a todos. Dizia o jornal: *“crime e castigo: lei mais dura leva 70 vândalos para presídios. Presos em protesto são enquadrados por crime organizado, que é inafiançável”*. Crime organizado, formação de quadrilha, destruição de patrimônio público, desacato; a lista é longa e quase interminável. No Facebook, policial posta foto com cassete quebrado e, ironicamente, provoca: *“foi mal fessor”*. Em vídeo, oficial da PM reclama. Diz que gostaria de lidar com Fernandinho Beira mar, com traficantes e bandidos e não com manifestantes. Quando o público é outro, ele pode apertar o gatilho, matar uma dezena de pretos, pobres e favelados e, no dia seguinte, aparecer como herói na capa do jornal popular e ser condecorado por sua indiscutível eficiência. Até ontem, gratificação faroeste por cada alvo abatido. Ainda hoje, corpo negro caído no chão. A dor dos pobres é comemorada como sinistro indicador de eficiência policial. Silêncio. Em outro vídeo, policial é flagrado forjando flagrante; deixando cair um rojão sobre os pés de um adolescente. *É tudo flagrante, é tudo flagrante*, como diz a

canção de Gabriel Pensador. A polícia militar existe para isso; para manter a ordem. Não importa que esta seja injusta. Isso não é questão para eles. Eles aprendem a obedecer e não questionar. Aprendem a matar, atirar a esmo, torturar e violentar. *Dizem para você obedecer, dizem para você cooperar. Quem precisa de polícia?* E um dos efeitos mais cruéis da violência policial é fazer com que aquele que é violentado sinta ódio e deseje revidar a violência com outra violência; talvez, ainda maior; quiçá mais intensa, para se fazer justiça. Assim é quando o grito de revolta, que desata no peito pedindo justiça e reparação, se transforma perigosamente em clamor punitivo a pedir mais prisão, punição e vingança. Em manifestação de novembro, um grupo gritava: *“corrupto bom é corrupto morto”*. Um antigo militante social carioca dizia: *“lugar de patrão é na vala!”* A violência parecia fazer-se soberana e mostrava-se como saída ou instrumento privilegiado de ambos os lados: policiais e manifestantes. A violência, produtora de perigosos modos de subjetivação. Quando a bomba de gás caiu sobre nós e padecemos coletivamente, não foi outra coisa senão revolta e ódio o que sentimos naquele momento; um ódio tão nosso, tão íntimo e intenso, que ameaçamos comunica-lo ao mundo jogando pedras sobre os policiais; fazendo com eles sofressem, como sofríamos; que eles provassem o gosto de seu maldito veneno. De repente, estávamos ali: no meio da rua, entre inúmeros outros nos descobrindo violentos e vingativos. Um grito estrangeiro a ecoar em nós. Estrangeiro? *E agora José?* A luz apagou. E que revidássemos era tudo o que eles, policiais, queriam. Um motivo a mais para intensificar, sobremaneira, sua repressão sobre a manifestação. Uma razão ímpar para, no telejornal da noite, aparecermos como algozes destruidores de um “ato pacífico”. É claro que as pedras dos manifestantes seriam filmadas, fotografadas e relatadas posteriormente para incriminar o ato. *Vândalos*, diriam! De repente, pareceu-nos mais corajoso e coerente com aquilo pelo que lutávamos, correr a revidar; nos recompor a compor com a estratégia militar. Em Brasília, oficial justificava a violência do uso abusivo do spray de pimenta dizendo: *“porque eu quis”*. Diante de uma grande vaia, o policial não pensou duas vezes antes de atirar uma bomba de gás lacrimogênio num grupo de pessoas que vaiavam a intervenção policial na Av. Rio Branco. Como diz a canção de Vandré: *“nos quartéis lhes ensinam antigas lições. De morrer pela pátria e viver sem razão”*. Ousar lutar por outros mundos possíveis é perigoso. Mas não importa o

risco, nós queremos *é botar nosso bloco na rua!*

Bombas ainda explodiam quando voltamos, já à noite, para a Lapa. Foi um dia cansativo e, até certo ponto, doloroso. Ficar ou andar pelo centro se tornou, naquele dia, um ato de coragem. Ao mesmo tempo, algo perigoso. Caminhamos pela AV. República do Chile, subindo próximo ao prédio da Petrobrás, olhamos para trás e vimos um mar de policiais se movendo em formação de combate ao som de mais bombas explodindo. Difícil engolir tudo aquilo. O cenário era de guerra e o ar estava pesado. Pequenas fogueiras e coisas quebradas pelas ruas eram como que pegadas vivas dos conflitos que ali passaram e prenúncio dos que ainda viriam. Atravessamos a Lapa e os bares estavam cheios. Festa. Em cada bar, uma TV ligada com o noticiário ao vivo do que acontecia logo ali, tão próximo, na Cinelândia. As pessoas assistiam a narrativa midiática – *em tempo real*, a âncora maquiada frisava – como se assistissem uma novela. Como se não fizessem parte desta realidade ou, como se ela fosse algo estrangeiro. Como se o conflito fosse lá pelas bandas do Afeganistão ou do Iraque. A TV nos proporciona determinada experiência de viver e estar na realidade; um modo asséptico de, como meros telespectadores, assistir com a devida distância e segurança a realidade acontecer. Talvez, sem maiores sustos ou perigos; sem sobressaltos ou feridas. Sem que este assistir implique envolvimento ou, até mesmo, ameaça. Qualquer indisposição basta trocar de canal. É simples assim. O controle remoto está sempre à mão, dispendo-nos de uma gama de canais. Porém, nas ruas... remoto controle. Desde junho, da grande manifestação do dia 15, foi assim. Voltámos da Presidente Vargas, e, pelo caminho, através da TV de bares, víamos o desdobrar das manifestações no Brasil. Foi uma noite quente. Subiram no Planalto! Mostrava o âncora do telejornal aterrorizado. Uma pequena multidão parecia estar além dos conflitos; é como se aquilo não fosse com eles. Estavam tremendamente próximos e, ao mesmo tempo, aparentemente distantes de toda aquela efervescência. Comiam pizza, tomavam cerveja e assistiam, descontraídos, PMs e Black Blocs em conflito. O cartaz era este. Mais um capítulo desta novela! Pouco tempo depois, os bares foram fechados, as Tvs desligadas e os fregueses se viram obrigados a correrem. O conflito entrava Lapa adentro. Isso já era esperado. A Tropa de Choque marchando pelo bairro e atirando bombas em

quem estava pelas ruas. Atiravam, inclusive, dentro dos bares que insistiam abertos. Em casa, o som do helicóptero, era uma intrusa companhia. Estávamos, enfim, fora do conflito. Momento de descansar, talvez. De repente, da sala houve-se bombas explodindo na rua. Saímos do conflito, mas ele, insistente, parecia seguir nossos passos. No bairro de Fátima, o som alto da festa junina fora de época, parecia não se incomodar com as bombas. Tudo permaneceu como se nada tivesse acontecendo na Rua do Riachuelo. Um ônibus queimado, tiros e conflito. A agência da Caixa Econômica foi depredada. E os sons das bombas de efeito moral se misturavam com a música de Ivete Sangalo e Luan Santana. *E vai rolar a festa. Te dei o sol, te dei o mar... Meteoro da paixão.* E houveram tantos outros e intensos gritos a ecoarem noite adentro; sempre seguidos por bombas, motos e helicópteros. De repente, o silêncio. A tranquilidade aparente que se seguiu aquela noite de manifestações soou como incomodo. Um soco no estomago, outro. E não seria o último. Ainda gritamos, mas está tudo bem; tudo em paz. A ordem voltou, dizem os jornais. Leis e medidas mais severas para coibir a ação de vândalos, diz o governo. Nosso grito silenciou-se! Enfim, calou-se! Assim, pelo menos, quer nos fazer crer as linhas dos discursos oficiais. Mas as ruas permanecem em efervescência. As ruas gritam.

E como é difícil pesquisar/escrever sobre aquilo que se vive tão intensamente; falar de algo carregado de sonhos, utopias e desejadas resistências. Falar de possíveis enquanto, na rua, bombas explodem e companheiros são levados para presídios. Ao viver e colocar em análise as experiências das dores, violências e durezas, não deixamos de correr o risco – e ele está sempre presente, para todos! – de nos endurecermos, também; de nos descobrirmos violentos, fascistas ou intolerantes; de reproduzirmos a mesma estúpida lógica facista. Eis a realidade. Eis os perigos, mas, também, as apostas. *O que a vida quer da gente é coragem*, diz João Guimarães Rosa. Ser duro, *mas sem perder a ternura*, lembra-nos Che Guevara. Que amanhã seja maior. Seja outro dia. Gritemos, novamente. Com coragem e ternura. E que jamais, jamais desistimos...

"Desistir... eu já pensei seriamente nisso,  
mas nunca me levei realmente a sério; é que tem mais chão nos meus  
olhos do que o cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus  
passos, do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do  
que medo na minha cabeça."

*(Cora Coralina)*

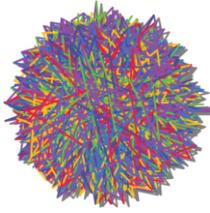
\*\*\*

*Aos que foram presos e violentados em cada dia de manifestação. Aos que  
foram as ruas. Aos que sofreram, aos que choraram, mas, também, aos que sorriram e  
cantaram.*

Novembro de 2013.

Marco Polo atravessa a Central do Brasil. Anda sem pressa. Caminha vagaroso. Parece indeciso quanto ao seu destino imediato. A imponência da construção o faz lembrar outros mundos; outros tempos. Admira-se com as pessoas que passam, sobretudo, com as que ficam. Esticados sobre a dura calçada uma dezena de pessoas fazem do redor da Central do Brasil sua casa. Dormem ao relento. Dormem ao lado das grades que separam a Central da rua. Perambulam de um lado para o outro. Reviram o lixo, catam latinhas ou restos de comidas. Esticam as mãos sujas, suplicam esmolas. Eles ficam. Habitam um território a céu aberto, no espaço público. Ali dormem, sonham e permanecem sozinhos. Se arrastam devagar num mundo cada vez mais virtual e veloz que parece atravessá-los; deixando-os para trás. Longe para serem vistos ou notados. Eles são deletados; para eles não há *upgrade* (*Termo utilizado na informática. Um upgrade significa que o seu computador foi “atualizado” com o que há de mais novo e sofisticado no mundo da tecnologia. Quando não há upgrade, o computador ficar “ultrapassado”, isto é, sem valor*). Marco Polo olha. Logo, um homem o intercepta. Pede esmolas. Chama-o de Doutor. De repente, o estranho corre, ainda que capengando de uma perna. A visão hostil da polícia o fez sair dali, parece. Próximo ao terminal de ônibus um grupo de jovens cheira cola. Todos pretos. Entorpecem-se segurando frágil garrafa pet rente ao nariz. Em tão entorpecedora realidade, a cola é apenas um intensificador da sensação de violento estranhamento: excitação e náuseas, tudo ao mesmo tempo. O garoto com a cola usa uma velha camisa rasgada onde se lê: Racionais... Polo atravessa a Presidente Vargas, passa entre as grades que separam a enorme pista da calçada. Aquele universo parece o desestabilizar. Chega ao Campo de Santa, passa entre a rua e as grades do Campo e as grades do Hospital Municipal Souza Aguiar. A Praça da República é quente. Gatos abandonados, largados dentro das grades do Campo, miam e se oferecem carentes a quem passa ao lado do lugar. O Arquivo Nacional parece hostil, com todas aquelas grades que separam o prédio da rua. *Grades e mais grades. Esta é uma cidade feita de cercos, guaritas e seguranças? Cada construção, a arquitetura de uma estranha e estéril prisão. Todos parecem presos*

*e abandonados. Até os gatos, miam desolados. A história da cidade conta-se na ferrugem de cada grade soldada; nas mãos esticadas suplicantes; na tontura e na náusea febril dos que cheiram cola; na tontura e náusea cotidiana; em cada garrafa pet esquecida ao lado de um esquecido corpo negro caído no chão. Marco Polo acaricia o gato.*



## **Arrastões, rolezinhos e ostentação: quando seu olhar encontra o meu**

---

*São Paulo – A Polícia Militar deteve três pessoas em uma ação para conter um tumulto na noite de ontem (11) no Shopping Metrô Itaquera. Segundo a Secretaria de Estado de Segurança Pública (SSP), centenas de jovens promoveram quebra quebra, furtos e roubos no centro comercial. O encontro foi um dos chamados rolezinhos, marcados para ocorrer em shoppings da Grande São Paulo. A polícia usou bombas de gás lacrimogêneo e cassetetes contra os adolescentes. (Agência Brasil, janeiro, 2013)*

## **Arrastões, rolezinhos e ostentação: quando seu olhar encontra os meus**

Neste domingo, 22, no Shopping Interlagos, garotos foram revistados na chegada por um forte esquema policial: segundo a imprensa, uma base móvel e quatro camburões para a revista, outras quatro unidades da Polícia Militar, uma do GOE (Grupo de Operações Especiais) e cinco carros de segurança particular para montar guarda. Vários jovens foram “convidados” a se retirar do prédio, por exibirem uma aparência de funkeiros, como dois irmãos que empurravam o pai, amputado, numa cadeira de rodas.

(Eliane Brum, Rolezinhos: o que estes jovens estão “roubando” da classe média)

Esses rolezinhos me lembram quando minha irmã colocava o pé a 1cm da minha cara e falava "você não pode fazer nada, o ar é público!!" Nada me tira da cabeça que esses jovens estão sendo incitados por meio do Facebook por pessoas com objetivos ocultos e espúrios.

Sob o manto do anonimato eles estão fazendo dos jovens uma massa de manobra. Me parece que o objetivo é causar insegurança na população. Sai Anonymous, entra Black Blocs, saí Black Blocs entra Rolezinho. Hah me poupem né. Tem gato na tuba. Sociólogos discorrem mil teses. Todo mundo finge que não percebe que tais mudanças são muito significativas para ocorrerem em apenas seis meses.

(Tiago 15.01.2014 às 11:43, comentário em matéria do site Brasil247)

A polícia reprimiu, os lojistas fecharam as lojas, a clientela correu. Uma das frequentadores do shopping disse a frase-símbolo à repórter Laura Capriglione, na Folha de S. Paulo: “Tem de proibir este tipo de maloqueiro de entrar num lugar como este”. Nos dias que se seguiram, em diferentes sites de imprensa, leitores assim definiram os “rolezeiros”: “maloqueiros”, “bandidos”, “prostitutas” e “negros”. Negros emerge aqui como palavra de ofensa.

(Eliane Brum, Rolezinhos: o que estes jovens estão “roubando” da classe média)

Seguranças dos shoppings foram orientados a monitorar qualquer jovem “suspeito” que esteja diante de uma vitrine, mesmo que sozinho, desejando óculos da Oakley ou tênis Mizuno, dois dos ícones dos funkeiros da ostentação. Às vésperas do Natal, o Brasil mostra a face deformada do seu racismo.

(Eliane Brum, Rolezinhos: o que estes jovens estão “roubando” da classe média)

“Viver é um negócio muito perigoso”, disse Riobaldo (ROSA, 2006, p.10). Sobretudo, quando se é pobre; quando a cor de sua pele; a localidade onde se mora; a música que se ouve; o jeito que se fala e comporta-se lhe condena, de antemão. Ir à praia, em grupo fazendo zoeira, brincando de brigar, não pode.

Produz histeria coletiva. Aparece no noticiário. Chamam de arrastão (GOULART, 2013; G1, 2013; VEJA, 2013). Eis o clamor punitivo: pega lá, tá correndo! É ladrão? Corre! Perigo. Banhistas correndo. Gente apavorada. Sinal de alerta ligado. Lá vem o capitão do mato! A Tropa de Choque policia a orla das praias da Zona Sul do Rio de Janeiro. O tronco virou cela, o chicote virou taser. Podia ser uma piada. É um acontecimento. Uma realidade que desce atravessada pela garganta. Dura de engolir. Difícil de colocar para fora. A vida dói, às vezes, em demasia. A polícia fará buscas em ônibus vindos da zona norte e oeste, no Rio de Janeiro. Uma facada no peito. É de lá, dos bairros distantes, que vem a população pobre que atrapalha e suja as praias da zona sul. O que eles fizeram? Ousaram ir para territórios ricos sem serem chamados para limpar os banheiros, vigiar a portaria, escovar o chão etc. Vieram para habitar aquele território de igual para igual. Para pisar na mesma areia e mergulhar no mesmo mar. Abusados! Tem sido assim, com raios e trovões. A FIFA não quis casal negro para ser âncora do sorteio dos grupos da copa. Os negros não! Escolheram um casal branco e louro (Fernanda Lima e Rodrigo Hilbert). Melhor representam o Brasil, disseram. Tem sido assim. Diante das críticas, a modelo loura se defendeu: “*mas eu pago os meus impostos. Tenho culpa de ser branquinha?!*” (FÓRUM, 2013). No Brasil, ninguém é “culpado” por ser branco. Em seu programa, ela cantou: *cada macaco no seu galho*. E disseram por aí: pago os meus impostos e não posso andar no shopping! Uma centena de jovens da periferia paulista ascenderam uma faísca. Dizem: é um espaço privado, por isso, nem todo mundo pode entrar! Não é racismo, sustentam. Afinal, ninguém é racista. Ora! É que, argumentam, é uma questão de falta de educação e cultura. No shopping, as explicações continuam, há uma sofisticação que estas pessoas - pretas e pobres, mas estes termos não são usados assim – não conseguem apreciar. Não é meramente uma questão de poder consumir ou não. É sobre o dito comportamento inadequado dos jovens, seus gostos, sua suposta falta de cultura que recaem as críticas daqueles que não suportam a ideia dos rolezinhos. Estes provocam a ultrapassagem de uma fronteira; o tencionamento de um limiar; o transbordamento de uma realidade. Denunciam, ainda que, talvez, sem querer, a face de um apartheid social naturalizado. Não há lei que diga: aqui, no shopping tal, vocês não podem entrar. Apesar de, no momento em que escrevemos, o Plaza Shopping Niterói

tentar proibir, através da Justiça, a realização de um rolezinho. Todavia, o nosso apartheid é muito mais sutil e eficiente. Digno de uma sociedade de controle é um modo de subjetivação eficaz. Capitalístico. É algo que está num olhar. Na sutileza de um olhar.

Ah, os olhos dos pobres – tão vivos, tão arregalados, tão despertos – parece que constangem. Imaginemos que são olhos que olham pedindo, querendo tirar um pedaço, querendo raptar tantas coisas belas e elevadas que o seu parco rendimento não consegue alcançar. Mais: que o seu “entendimento” não consegue apreciar. O shopping está repleto destas “coisas belas” que os pobres desejam, que toda sociedade deseja, mas que poucos podem usufruir. É um templo para a sociedade capitalista. Um espaço de excelência para o consumo. Eles não vão consumir, não tem condições, vozes revoltadas acusavam. “*Não suporto esta gente com os seus olhos arregalados como as portas das cocheiras*”, disse a personagem parisiense de Baudelaire (2006, P. 151). Tão atual! Eles não sabem se comportar! A cultura é tida como um objeto que se tem ou não. Antes se dizia: o preto/pobre é inferior. A ciência justificava. A polícia espancava. A grande mídia concordava. Hoje, se diz a mesma coisa com palavras diferentes: ele não tem cultura ou a sua cultura não é tão sofisticada; é inferior. Sua cultura é lixo, como disse a âncora do jornal do SBT Rachel Sheherazade ao se referir ao funk. É uma desculpa para dizer, com toda polidez de quem passou anos se formando em renomadas escolas e faculdades, que existem pessoas inferiores e, é claro, pessoas superiores. O que os pobres produzem culturalmente é chamado de lixo. A âncora do SBT que o diga. O funk é ouvido pela classe média dançante, mas os funkeiros são criminalizados e demonizados. *Eu só quero é ser feliz!* Mas agora a UPP não deixa. Bezerra da Silva faria um samba sobre esta nova forma de controle e silenciamento. *A favela é um problema social*, ele cantava.

Viver é um negócio muito perigoso, repete-se. Há tantas coisas perigosas. Há tantas formas de vida. Atenção! *Não vai ter copa!* Gritaram o grupo que entrou no Plaza Shopping, em Niterói. *Não vai ter Copa!* Este grito tem ecoado. Até chegar a praça de alimentação, o grito virou: corre que é arrastão. Falta sensibilidade pra ouvir, pra ver, pra sentir o momento. E quem mastigava seu hambúrguer tomando

coca correu afobado tropeçando sobre a pressa, se desentendo com os seus próprios passos. Ora! Em 2000, um grupo de sem terras e sem tetos foram passear no Shopping Rio Sul. Lojas fecharam e consumidores fugiram. Eles só queriam passear. Olhar as vitrines, mas os seus olhos. *Ah, este seu olhar quando encontra o meu... fala de uma coisa que eu não posso acreditar.* Em que não podemos ou negamos acreditar? Inacreditável cruzar com sem terras num shopping! O que isso produz na gente? Catemos. E eles cantaram por lá. Foi divertido. Foi alegre. Foi tenso, arriscado, também. O olhar das lojistas os condenaram. Os sem terras comeram pão com mortadela na praça de alimentação do Rio Sul. Que delícia! O shopping se ofendeu. Algumas pessoas se ofenderam. A voz engrossou. Os ânimos se exaltaram. Deu merda! Tinha que dar! Ah,

Bill Willian · Roadie na empresa AC/DC

Não é o fato de serem pretos ou pobres... É o fato da pobreza do comportamento.. Eles estão levando o lixo pro shopping... Afinal o que querem fazer? um baile funk no shopping? Eu os aconselharia a combinarem de se reunir pra irem pra ESCOLA, estudar, aprender a ler, a falar, a entender como funciona as misérias do sistema, aprender a ouvir música de verdade e com qualidade, aprender a ler livros e tudo mais... Assim, ao invés de levar a pobreza cultural em que eles vivem pros shopping, ou qualquer lugar que seja, eles poderiam levar boas idéias e, provavelmente, recriminariam quem pensa que a vida é ostentação, drogas e sexo fácil. Responder · 182 · Curtir · Seguir publicação · 11 de janeiro às 21:40

(Comentário feito sobre o texto de Eliane Brum)

Mario Ianagui · COLÉGIO OBJETIVO

Estudar que é bom ninguém quer. Trabalhar que é bom ninguém quer. Agora bolsa-família todos querem. E por que não saíram pras ruas protestando contra aqueles que os mantêm na periferia, ou seja, os políticos ? Por que não fizeram o funk da ostentação política ? Consumir é bom ? Pra quem ? Se eu não trabalho ou vivo do bolsa-família, vou consumir o que ? Vou ter IPAD's, Iphone's, etc de que forma ? Não sou consumista mas já fui assaltado várias vezes. É duro ver uns fdp's levando um bem que você trabalhou anos para conquistar. Dó ? Pena ? Doe todos seus bens pras esses fdp's exatamente como o governo faz com o bolsa-família, ou seja, esmola!!! Por que não há um plano efetivo para colocar esse povo nas escolas (que sejam ESCOLAS mesmo e não essas merdas que chamam de escolas) e um plano para absorvê-los no mercado de trabalho ? A resposta é simples: massa de manobra política. Acho que você devia olhar além da cor da pele e da periferia. O buraco é muito mais embaixo. Você foi simplista demais. Só falou, falou, falou, e não disse nada além daquilo que estamos cansados de saber, ou seja, vazio igual a discurso político.

Responder · 52 · Curtir · Seguir publicação · 30 de dezembro de 2013 às 19:36

Livia Temer

Ah, para com isto! Quem não se assustaria de ver chegar um monte de gente - nem importa a idade - ao mesmo tempo, principalmente ostentando a força coletiva que está sempre há um passo da perda de controle? Não consta que algum destes meninos teria sido impedido de entrar simplesmente por ser pobre ou de periferia. De boné, jeans e camiseta, não há diferença de classes...

Responder · 6 · Curtir · Seguir publicação · 29 de dezembro de 2013 às 12:42

(Comentário feito sobre o texto de Eliane Brum)

Voltemos. Ainda que atingidos, feridos, por discursos que são como sinistros amoladores de faca (BAPTISTA,2012). O shopping é um espaço comercial que oferece aquilo que os espaços públicos são fabricados para não proporcionar: segurança, controle, organização, limpeza e, sobretudo, homogeneidade. Um espaço artificial, porém, experimentado como lugar seguro. A mistura de pessoas é um problema sério que deixa inúmeros com os pelos arrepiados. Tanto em 2000 quanto nos rolezinhos de 2014, os pobres ousaram fazer do espaço excludente do shopping, também o seu espaço. Tencionaram uma fronteira. O shopping virou rua. *Vem pra rua vem, gritamos em junho. Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça. Cantemos. Não vai ter copa. Que coisa mais linda mais... Não vai ter Copa!* No domingo dia 19, o Shopping Leblon fechou. Diante da notícia de um rolezinho iminente, nem abriram as portas. Sabe, disseram, não somos racistas. Porém, contudo, entretanto... As conjunções adversativas não ajudam a explicar, mas tentam colocar as coisas nos devidos lugares. Do lado de fora do shopping o pessoal do rolezinho fazia vigília. Queremos entrar, estamos aqui, abra os seus braços para nós Leblon! Nada. A polícia chegou junto e ficou na espreita. Até um helicóptero – vejam como o uso de tal dispositivo tem se banalizado desde as manifestações de junho de 2013 – sobrevoava o shopping. Nos sentimos perigosos, de verdade. Novamente, um helicóptero sobre nossas cabeças. A polícia nos olhando. Nós olhando a polícia. *Não vai ter copa, não vai ter copa, não... Que coisa mais linda, mais cheia de graça...*

As ruas sabem, os pobres sabem, todos sabem. Viver é muito perigoso. Viver é um negócio de doido, viu? *Não vai ter copa.* Os rolezinhos produzem faíscas. A realidade arde. A vida dói. Epa! O rolezinho, dizem, nasceu, também, a partir do movimento do funk ostentação. Diz o MC Danado: *Vida é ter um Hyundai e um*

*hornet, dez mil para gastar, rolex, juliet. Melhores kits, vários investimentos. Ah como é bom ser o top do momento. Clips super-produzidos. O barato é consumir, mesmo que seja o consumo de imagens de ostentação. Os jovens Mcs do Funk Ostentação protagonizam filmes onde passeiam em carros importados, caríssimos, com lindas mulheres, relógios de ouro, cordões de ouro, anéis de ouro etc. Muito glamour. Tudo dourado. Um funk que destoa de certa (e forte) tradição paulista de fazer música de periferia – e assumindo-se enquanto periferia – como música de protesto e questionamento. O hip hop, sem dúvida. Funk que é chamado, por certos aparelhos da grande mídia, de “funk do bem” em alusão ao funk “proibidão” do Rio de Janeiro. Epa! O funk ostentação não segue, porém, um script muito diferente do que aquele oferecido de segunda a sexta pelas novelas da Tv Globo. E isso não é novidade. Desejar ostentar uma vida de riquezas, não é novidade. Na década de 1980, cantava Jovelina Perola Negra em seu “sonho juvenil”, “*ai que vontade que eu tinha de ter um carango joinha e morar na Viera Solto em Copacabana*”. Produzem-se subjetividades consumistas. O tempo todo. Consumir mercadorias; consumir estilos de vida. A existência enquanto mercadoria. Criticar e condenar os jovens dos rolezinhos por seu “desejo consumista”, como tantos comentaram em matérias na internet, é, no mínimo, não sacar que existe uma produção subjetiva que se faz hegemônica.*

A imagem de jovens pobres curtindo na praia do Arpoador se torna, rápida e perigosamente, um arrastão. Jovens pobres curtindo num shopping é afronta, formação de quadrilha e vandalismo. O rolezinho tenciona. Mas eles, cantemos, não querem só comida. Eles querem bebida, diversão e balé. Eles querem viver outras vidas, outros mundos, novos sonhos. Há quantos quilômetros estamos de uma realidade sem apartheid? Sem racismo? Sem fascismos? É preciso que inventemos caminhos outros. Há faíscas no ar. Viver é perigo, a gente sabe. Eles sabem. Helicópteros nos vigiam. Vamos dar um rolé. Vem pra rua.

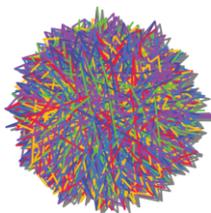
Janeiro de 2014.

## ||||| “Iracema você travessou na contramão”.

---

Marco Polo entra no Campo de Santana. O local é enorme e parece uma pequena floresta. As cutias correm de um lado para o outro. Os gatos dormem embaixo das árvores. Pavões chamam a atenção das crianças. Patos selvagens fazem um espetáculo à parte. Nos inúmeros bancos, apenas algumas pessoas sentadas. Gente muito humilde, parece à primeira vista. Àqueles que moram nas ruas por ali sentam e dormem. Por ali, vagam. Marco senta-se num dos bancos. Estica as pernas, mexe os ombros. Está cansado, mas o desejo de explorar o universo urbano carioca o leva a caminhar. Guardas municipais, vez e outra, fazem ronda pelo local. Um homem senta ao lado de Marco. De repente, abre uma bolsa e retira inúmeras canetas BIC. Desmonta e remonta cada uma delas, fazendo-as em mil pedaços. Feito isso, guarda tudo e vai embora. Uma moça desequilibra-se e tropeça em frente ao explorador. Este levanta ligeiro e ajuda a estranha a sentar-se no banco. Ela agradece, visivelmente acanhada. *Está tudo bem? E este corte no joelho?* Constrangida a moça apenas sacode a cabeça desengonçadamente. Retira uma pequena garrafa de água da bolsa e bebe a goles curtos. A nordestina está desempregada. O que ela sabe fazer? Coisas de casa, diz ela. Limpa, varre, faz comida. Nada muito complexo. Marco Polo balança a cabeça. Silêncio. De repente, ela diz: dói. Marco, preocupado e meio assustado com a declaração repentina, pergunta pelo que dói. Ela diz: tudo. Ora, pensa o explorador, tudo o que? Novo silêncio. Ela diz que sempre vai ali naquele horário. Pois, costumava-se encontrar com o namorado naquele banco. Homem sério, trabalha na obra do Porto Maravilha. Ele sumiu, de repente. A vida acontece assim: de repente. Marco olha intrigado. Comove-se com a simplicidade da estranha. Não sabe o que dizer, o que pensar. Silêncio. Ela faz nova confidência: vim de uma cartomante. Ela leu minhas mãos e pediu pra eu tirar umas cartas. Disse coisas sobre o meu futuro. Ensinou um feitiço para eu fazer. Marco sorri, sem graça. Pensa no quanto os cariocas são aproximativos. A estranha, enfim, levanta-se. Diz: tchau e anda meio torta. Ela é meio vesga, também. Meio esquisita, parece. Marco olha. Procurando seu namorado, o seu Godot, ela atravessa em direção ao Souza Aguiar e ali mesmo, em frente a emergência do hospital, é atropelada pelo ônibus

da linha 393 (Castelo-Bangu). Arremessada cai e bate a cabeça no chão. Morre. Parece morrer como viveu: de repente. As pessoas juntam-se para ver a acidentada. Olham curiosas. A velocidade parece parar, e a pressa sede para ver uma nova tragédia. O trânsito engarrafa. Os passageiros levantam dos assentos para expiarem. Marco, sem saber do ocorrido, percebe que a estranha deixou cair sua identidade. Ele lê: *Macabéia da Silva*. Agora é tarde. Enterrou-se, indigente.



## Eu não, meu senhor”: sobre as políticas do ódio

---

“É uma questão pessoal nos pegar no crime”

(Pichação no Elevado da Perimetral)

*“Era de noite. Foi no Flamengo. Trinta marmanjos chegaram em 15 motos. Os quatro adolescentes caminhavam para Copacabana, 'para tomar um banho de mar'. 'Era (um) fortão e tinha um magrinho. O magrinho já chegou jogando a moto em cima. Vou matar! Vou matar os quatro!' A moto e a enturmação fizeram o magrinho ficar fortão e valente. O magrinho foi acusando: 'Bando de ladrão, fica roubando bicicleta dos outros'. Três dos garotos conseguiram fugir. O menino de 15 anos, não. Nenhum deles estava de bicicleta”.*

(“Eu não meu senhor”, José de Souza Martins).

## “Eu não, meu senhor”: sobre as políticas do ódio

Na internet, observo, ainda que olhar dói e planta tristezas em meu peito, um adolescente – negro, pobre e em situação de rua – preso a um poste através de uma trava de bicicleta em seu pescoço. Ele apanhou e foi capturado por um grupo de jovens “justiceiros”. Jovens classe média indignados com a violência no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro. Vejam: eles diziam lutar contra a violência! E não reconheciam em seu ato o exercício de uma violência? Confessaram que “patrulham o 'Aterro em busca de potenciais autores de delitos” (MARTINS, 2014). Tramaram, então, talvez corajosos pela certeza do bem que faziam a sociedade, uma cruzada em nome da limpeza do Aterro. Há faíscas no ar. “As ruas tem cheiro de gasolina e óleo diesel”, como diz a letra da canção “Música urbana<sup>8</sup>” Um gosto ruim na boca. Que os meus olhos estivessem mentido, que fosse ficção. Ah, em meu silêncio eu pedi que fosse mentira. Uma montagem, como tantas outras. Mas não! Era mais verdade do que eu estava disposto a crer. É realidade, eu suspirei desenganado. Uma realidade dura de engolir, árida de experimentar, difícil de tentar entender. A cidade ferve. As ruas pulsam. A história insiste em se repetir? Seria ela um profeta? Os meninos negros-pobres-correndo-a-vida-fodidos-e-mal-pagos, amedrontam muita gente. Tiram o sono de muita gente. Eles são perigosos, traiçoeiros e marginais. O discurso faz-se hegemônico. Lhe dão/reforçam um destino, tão árido, tão sofrido, tão cruel. Eles são bandidos, e nada mais. Assunto encerrado. Eles são perigosos. Nada mais. Antes que lhe perguntem o nome; antes que ouçam o timbre da sua voz; antes que lhe vejam a cor de seus olhos, o perseguem, o espancam, o condenam. Antes que ouçam a sua história, que sintam os seus calos, que entendam a sua fome, lhe acusam de marginal. Fome de vida, eles têm. “No momento da fome eu me avanço<sup>9</sup>”, como canta Clara Nunes. Quem não avança? Mas a vida foi condenada para eles. Eles, meninos-pobres-negros-correndo-fodidos-e-mal-pagos. Eles... Sempre eles. Eles que trazem no corpo negro, no “corpo bandido”, a memória viva das chibatadas – sempre ressuscitadas – sobre as costas de seus antepassados. Sobretudo, nas suas próprias. Memória da escravidão que sequestrou a vida, que a diminuiu e que, para muitos, aniquilou a existência.

<sup>8</sup> Canção de Fê Lemos, Flávio Lemos e Renato Russo.

<sup>9</sup> Canção “Como é grande e bonita a natureza”, de Sivuca e Glorinha Gadelha.

Memória dos feitores, da discriminação, do olhar que os observam, mas que não os veem como gente. O escravo era coisa. A Lei Aurea “libertou os brancos do fardo da escravidão antieconômica”. (MARTINS, 2014). O negro foi submetido a outras formas – mais sutis, é claro – de escravidão e submissão. O menino-negro-pobre-correndo-a-vida-fodido-e-mal-pago ainda é coisa. Ainda recebe chibatadas, ainda é acusado e ameaçado. Milhares como ele trabalham escravizados em grandes fazendas pelo Brasil. A escravidão, a de ontem ou a de hoje, tem cor. Ela é preta no corpo. Como diz Sakamoto (2014), “e entre os mais de 45 mil resgatados da escravidão contemporânea pelo governo federal desde 1995, a presença de negros é maior que a proporção deles na sociedade”. E diante de trinta homens cercando o menino e o chamando de ladrão ele disse/implorou, como diziam seus antepassados: “eu não, meu senhor”. Ladrão, não. Não adiantou. O medo fazendo-se paisagem em seu rosto, os olhos assustados, o corpo acuado. Feito um bicho. Apanhou, teve a orelha cortada e foi preso. Fizeram justiça, alguém disse. Justiça? Escuto com dificuldade. Certas palavras agridem meu ouvido. Houve aplausos. Vivas. Uma comemoração. Minha cabeça dói. Pegaram um negro ladrão! Prenderam-no num improvisado pelourinho de cimento. Rio de Janeiro. Fevereiro de 2014. Século XXI. É o seu castigo! É a sua punição! É o fabricado destino de jovem descartável. É o coroamento da estupidez de certa, violenta e intolerante forma de estar e ver o mundo. Se ele chorou, enquanto apanhava, enquanto era despido de sua roupa velha, enquanto era preso ao poste, enquanto o fotografavam, enquanto o humilhavam, enquanto o condenavam, enquanto lhe roubavam a vida, ninguém viu. Ninguém chorou por ele, ali, naquele momento. Ninguém chorou com ele. Isso não importa, certo? “Direitos humanos para humanos direitos”, dizem. A violência reafirma o destino do menino enquanto coisa; de preto pobre sem serventia; de preto perigoso. Os feitores estão de olhos nele. De repente, o Aterro do Flamengo se atualizou – e as dinâmicas de poderes não somem, mas se atualizam, se reconfiguram – enquanto Casa grande e Senzala. A âncora-personagem do telejornal do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) comemorou. Em seu discurso o deleite de um clamor punitivo desavergonhado testando os limites do tolerável. Uma concessão pública usada para destilar e alimentar discursos de ódio. Ela disse:

*“O marginalzinho amarrado ao poste era tão inocente que ao invés de prestar queixa contra os seus agressores, ele preferiu fugir antes que ele mesmo acabasse preso. É que a ficha do sujeito está mais suja do que pau de galinheiro. Num país que ostenta incríveis 26 assassinatos a cada 100 mil habitantes, que arquiva mais de 80% de inquérito de homicídios e sofre de violência endêmica, a atitude dos vingadores é até compreensível. O Estado é omissivo, a polícia desmoralizada, a Justiça é falha. O que resta ao cidadão de bem, que ainda por cima foi desarmado? Se defender, é claro. O contra-ataque aos bandidos é o que chamo de legítima defesa coletiva de uma sociedade sem Estado contra um estado de violência sem limite. E aos defensores dos direitos humanos que se apiedaram do marginalzinho preso ao poste, eu lanço uma campanha: faça um favor ao Brasil; adote um bandido! ”* (SHEHERAZADE, 2014).

A jornalista não é a única. Outros, com discursos mais refinados, porém não menos fascistas, compartilham de sua mesma posição política e visão de mundo. De Wagner Monte a Sheherazade ambos compartilham do mesmo tipo de jornalismo “*espreme-que-sai-sangue*” (SAKAMOTO, 2014). Ambos conquistam audiência em horário nobre através da produção de discursos punitivos, vingativos e criminalizadores. Programas de jornalismo que se fazem enquanto programa de entretenimento, enquanto se almoça ou se janta assistisse mais uma notícia sobre violência urbana. Ambos amolam facas (BAPTISTA, 2012). Ambos alimentam preconceitos, racismos e discriminações. Mas lembremos: eles apenas personificam, para melhor exemplificarmos, uma lógica. Ambos são atravessados e produzidos por uma dinâmica de poder que aniquila vidas; por um modo de subjetivação capitalístico. Não falemos de Wagner e Raquel. Falemos dos poderes, que são inomináveis, que agem sutilmente, e que nos atravessam o tempo todo. Poderes que fabricam meninos pobres enquanto coisas e jornalistas medíocres enquanto vedetes do circo televisivo nosso de cada dia. As políticas do ódio constroem distanciamentos e violentas atitudes. Endurecem as relações, calcificam os sentidos, esterilizam a sensibilidade. Uma vida endurecida. A revolta tomou o

meu rosto ao ver um negro, tomado por justiceiros saudosistas da época dos mimos da Casa Grande, ser preso a um poste. Muita gente segurou a chibata. Como? Desliguei a rua para ficar em silêncio. Àquelas chibatas deixaram marcas, doeu em mim. “Porque é mais fácil condenar quem já cumpre pena de vida<sup>10</sup>”. Diz a canção. Diz a vida.

*Janeiro de 2014.*

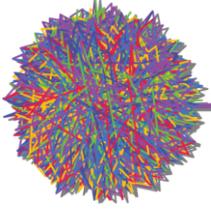
---

<sup>10</sup> Trecho da canção “Classe média”, de Max Gonzaga.

## ||||| *Tão próximo. Tão distante.*

---

Na Rua Abaldino do Amaral, próximo a Praça da Cruz Vermelha, Marco encontra o hotel onde ficará hospedado. Construção antiga, com visíveis sinais de deterioração e falta de cuidado. Ainda assim, o explorador está feliz em, enfim, poder descansar da longa viagem. Em frente a entrada do Hotel, um grupo de homens dorme sobre papelões. Numa pequena fogueira um homem tenta cozinhar algo. *O senhor teria sal?* Marco balança a cabeça. *Sal?* Desviando dos corpos com cuidado sutil, Marco consegue entrar no estabelecimento. Não, não tem sal. Também, não tem um real. Na recepção, apenas um gato preto. De novo, um gato. Pensou o explorador. Uma pessoa aparece. *Boa tarde senhor*, disse Marco. *Senhorita*, disse o funcionário com ar de exagerada impaciência. O explorador ficou convulso. Não era um homem? Enfim, desculpou-se. Mais confuso, ao saber que o preço da diária havia dobrado em pouco mais de uma semana! *Como?* Indagação. *Ora, é a Copa!* Com a testa franzida disse o explorador: *ah, a Copa?!* Não havia elevadores. Marco ficou no quarto andar. Subiu por uma velha escada de madeira que rangia ao ser pisada. O seu quarto era pequeno e a janela dava para a rua e para as janelas do prédio vizinho. Deitou-se, exausto. Em pouco tempo, contudo, sentiu-se invadido pelo olhar alheio. Tênuas cortinas o separam da curiosidade da vizinhança. Estranhos nas janelas. Tão próximos. Tão distantes. A cama é dura. Há um cheiro de poeira no local. Não importa, Marco refugia-se na certeza que se trata de um abrigo passageiro. Na rua, alguém briga. Juras de morte. Juras de amor, depois. Amor e ódio, tão próximo, tão distante. Um gato preto mia.



Quando uma flor rompe o asfalto, ou, “quanta dor cabe numa vida só” ?

---

*E hoje  
Quando tudo é esquecimento  
Uma flor sobrevive ao tempo  
E se desfolha em meu coração  
Para aliviar o meu sofrimento.*

(Paulinho da Viola, para fugir da saudade)

## Quando uma flor rompe o asfalto, ou, “quanta dor cabe numa vida só”?

[#Flores]

A flor de Drummond (2012b), mesmo que desbotada, insubordina-se contra a dureza do concreto, do asfalto. Ela rompe. Insiste. Persiste. Brota. É feia, não importa. Desobediente, sim. Não pede licença. Surge. Não é de plástico – como as flores da música do Titãs<sup>11</sup> –, por isso morre. Sobretudo, por isso, vive. Há nas ruas muitas flores a brotarem desobedientes sobre o concreto de uma realidade endurecida. E ainda que frágeis, leves, são potentes em produzir rachaduras, pequenos abalos, sobre a tessitura das linhas duras que compõe/impõe na construção de um mundo de horizontes calcificados e subjetividades formatadas. O vento sopra e as flores dançam. As flores de plástico olham, mas resgadas com as águas estéreis do medo, preferem esquecer que também podem dançar.

Mas há quem venha e, como diz Costa (2003) na poesia “no caminho com Maiakovski”, pise nas flores. Estas vão sumindo, como se tragadas pelo mesmo concreto que antes romperam. Em seu lugar, um vazio; um sentimento doloroso de perda. Menos uma flor que dança com o vento. Menos uma flor que brota sonhos e embeleza a terra. Em seu lugar, flores de plástico: formatadas. Por isso, controláveis e previsíveis. Subjetividades plastificadas seguem a rotina, mas não dançam com o vento. Sobre o concreto dos muros e paredes, com tinta branca, a palavra saudade nasce escrita para denunciar e, ao mesmo tempo, homenagear uma flor que se foi. Ela partiu, mas sua dança ficou inscrita numa desobediente memória que faz do não esquecimento resistência a um tempo em que a “amnésia obrigatória” (GALEANO 2012) se impõe enquanto imperativo. A violência da perda compõe-se com outras violências desta realidade intolerante a flores dançarinas. O asfalto não foi feito para ser rompido. Mas as flores, quando se recusam a fazer-se de plástico, saem a florear perigosas desobediências.

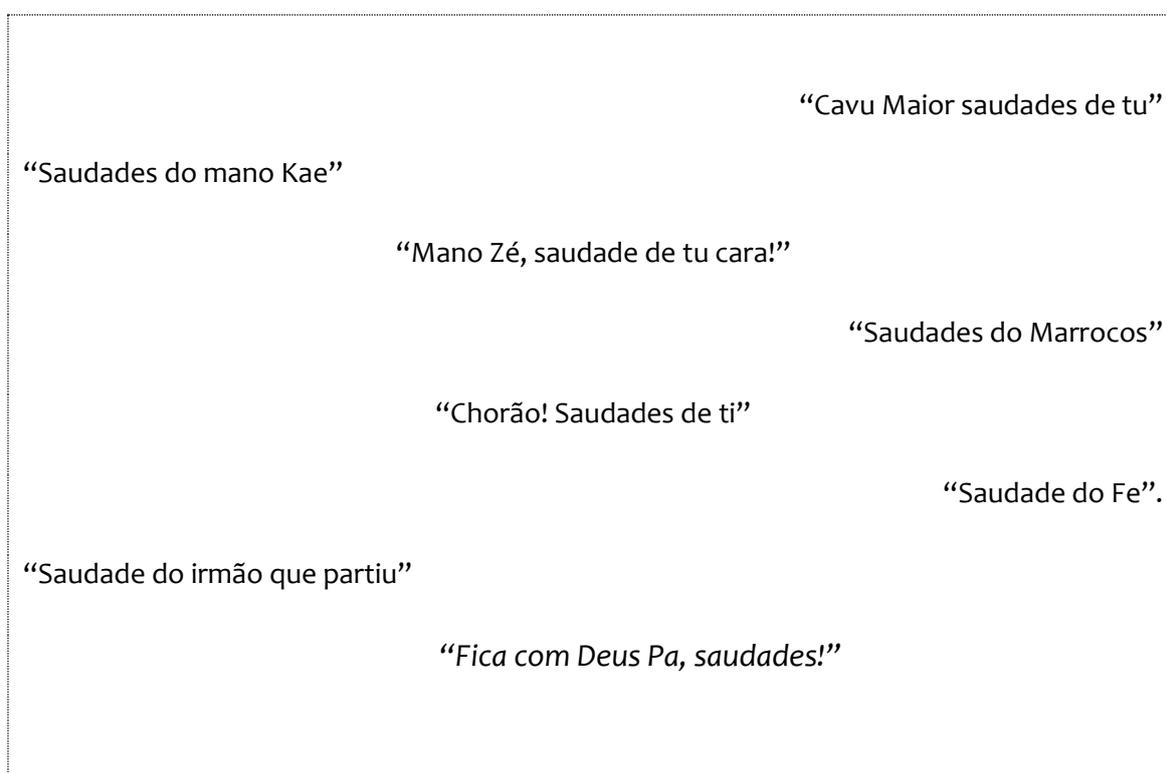
Enquanto as flores são pisadas, violentadas, tudo parece fazer-se de indigesto silêncio. Afinal, são dezenas de flores pisoteadas! E temos, como alertou Simon Bolívar (GALEANO, 2010), “guardado um silêncio bastante parecido com a

---

<sup>11</sup> Canção de Paulo Miklos, Sérgio Britto, Charles Gavin, Tony Bellotto.

estupidez”. Mas este silêncio em relação as flores– se é que ele existe, de fato – pode aparentar muitas coisas. Inclusive, que há falas que não conseguimos ouvir; práticas inventivas que não conseguimos perceber; resistências que ainda não podemos enxergar. Nós, digo, pesquisadores. Talvez o aparente silêncio não seja consenso, mas a produção de vozes dissonantes que escapam, inclusive, da nossa maneira de ouvir a realidade. O que parece silêncio poder ser, na verdade, intenso barulho. Os muros e as paredes das ruas estão repletos de vozes; de gritos; de sussurros; de denúncias, lamúrias, declarações de amor ou pedidos de desculpa. Aí eu me pergunto se é silêncio mesmo, ou se a gente não consegue ouvir. E todas estas vozes inscritas com spray não se querem enquanto pano de fundo. Uma pichação numa rua em São Paulo dizia: “eu ouço o silêncio”.

[# Da Zona Oeste a Zona Sul. Do subúrbio a Região dos Lagos]



Em baixo de nossos narizes, de nossos olhares despreocupados, eles se vão. Uma morte sem pirotecnia. Uma morte anunciada. Uma morte tão estúpida, tão covarde. Uma morte matada que se impõe enquanto inevitável e insuportável destino. A prisão ou o cemitério? De longe, as pichações parecem a epígrafe de uma lápide urbana. Falsa impressão. É um grito, um ato de resistência, uma

insubordinação. “Habilidosos na arte de não serem pegos” (OLIVEIRA, 2009, p.7), eles usam o spray como máquina de guerra. Não dizem: desistimos desta vida. É isso mesmo. Se assim fosse, nem trabalho se dariam de pichar. Pelo contrário, anunciam: sentimos saudade dos que partiram, infelizmente este sistema nos extermina. É fato. É uma cidade que mata e faz morrer seus jovens pobres. Um projeto político! Mas nós estamos aí, nas ruas, nas alturas, desafiando suas leis, rindo de seus moralismos, sobrevivendo; subvertendo. *E, para nós, viver é um ato de resistência. “Eu quero ser alguém um dia”*. Ao mesmo tempo, algumas pichações anunciam: “Nosso sucesso será a sua morte”. Da morte-captura para a morte-instrumento de luta. Caminhos que se bifurcam em torno de uma vida vivida no limiar; sentida, no limiar. Alguém pichou: “A vida é longa, a morte também”.

“É só ra-tá-tá pipoco, irmão matando irmão, destruindo uns aos outros<sup>12</sup>”. Canta Happin Hood. Os olhos se perdem lá no alto. É preciso inclinar a cabeça para cima. Olhar e descobrir antenas, telhados, calhas, anúncios, altura, perigosa, altura. Lá, onde nossos olhos não costumam passear, há rabiscos, frases... Coisas que, sabe, parecem não fazer muito sentido. Pelo menos, para quem olha de baixo. Coisa de doído, parece. Subir tão alto para fazer uma pichação? E o perigo de despencar lá de cima? Como deve ser olhar as ruas do alto? A cidade vazia, as ruas vazias, as pessoas dormindo, e as pichações nascem no silêncio da madrugada. Filhas da rebeldia. O vento no rosto. “Filhos da ousadia”, picharam na rua do Riachuelo, Lapa. Ousadia. Uns morrem. Ousadia. Despencam. Ousadia. Uma *parresia* (FOUCAULT, 2010) contemporânea? Um dizer verdadeiro que implica num risco. Risco de perder a vida. Mas que vida eles vivem? “Eu quero ser alguém um dia”, insistem. Alguém que não vire estatística, que não apareça na página policial, que não suma dentro do valão, que não leve tiros, que não seja torturado, que não saiba que, mais cedo ou mais tarde, sua mãe deverá encomendar o caixão. Ela que enterrou seu pai, seus irmãos, seus sobrinhos. As mulheres sobrevivem. A saudade cresce. É preciso fazer alguma coisa. Lá no alto, em duvidosa e arriscada altura... é lá que escrevem a palavra saudade com tinta branca enquanto esta se inscreve em seus corpos, em suas vidas. É só ra-tá-tá pipoco. “Vício rebelde. Esquadrão suicida”. Ousadia.

---

<sup>12</sup> Trecho da canção “Axé”, de Happin Hood.

A violência persegue estes jovens, mas não falamos de todos os jovens como se qualquer um, apenas por ser jovem, pudesse se ver nesta trincheira entre a prisão e o cemitério. Não. Falamos de quem? Trata-se de um grupo específico. Historicamente marginalizado e perseguido.

[#Pesquisas-analisadoras]

A pesquisa “Global Study of Homicide” realizada pela Organização das Nações Unidas (2014), anuncia, o que todos parecem desconfiar, mesmo sem as estatísticas: o Brasil tem 11 das 30 cidades mais violentas do mundo!

No “Ordenamento dos países segundo Taxas de Homicídio” (WAISELFISZ, 2014), o Brasil aparece na 7ª posição com uma taxa de 27,4 homicídios. A sua frente estão El Salvador (1ª), Guatemala (2ª), Trinidad e Tobago (3ª), Colômbia (4ª), Venezuela (5ª) e Guadalupe (6ª).

Por outro lado, no “Ordenamento dos países segundo Taxas de Homicídio na População Jovem” (WAISELFISZ, 2014), o Brasil aparece em 8ª com uma taxa de homicídios de jovens de 54,5%.

O Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2014), aponta que “os homicídios são hoje a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos no Brasil, e atingem especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos”. Dados do Ministério da Saúde (WAISELFISZ, 2014) mostram que mais da metade dos 56.337 mortos por homicídios, em 2012, eram jovens, dos quais 77,0% negros (pretos e pardos) e 93,30% do sexo masculino.

A cidade do Rio de Janeiro aparece no Mapa da Violência com 56,5 homicídios por 100 mil habitantes. Ou seja, o seu índice está acima da média nacional. Segundo Braga, Martins e Silva (2014), desde 1990 percebe-se uma nova tendência em relação aos padrões de mortalidade: “os jovens morrem mais por causas externas, como por homicídios, do que por motivações relacionadas às doenças”.

Assistimos no Brasil um verdadeiro extermínio de jovens pobres. Para Brum (2008, p. 203), a morte de tais jovens produz um sofrimento inenarrável na vida das

famílias. “Em 24 anos, de 1979 a 2003, a população brasileira cresceu 52% -e os homicídios por armas de fogo 543%. O aumento foi causado pelo assassinato de adolescentes: das 550 mil mortes, quase a metade atingiu brasileiros entre 15 e 24 anos. A violência matou mais no país do que a Guerra do Golfo e os conflitos entre Israel e Palestina”.

Tais pesquisas apontam para um sinistro cenário de violência e morte que afeta anualmente uma parcela significativa da população jovem brasileira. Problema este que produz sofrimento em centenas de famílias e um cenário de morte e dor. Como afirma o Mapa da Violência (WAISELFISZ, 2014), “o problema também revela uma experiência negativa que já marca toda uma geração de jovens brasileiros: pesquisa recente da Secretaria Nacional de Juventude aponta que 51% dos jovens ouvidos, em todos os estados, em cidades de pequeno, médio e grande porte, e em todos os estratos sociais, já perderam uma pessoa próxima de forma violenta”.

Como afirmam Dimenstein, Zamora e Vilhena (2014), “além de lidar com pobreza, desemprego e falta de perspectivas futuras, eles devem lidar ainda com a violência”.

Este sistema funciona como “uma máquina de moer pobres<sup>13</sup>” a passar por cima das flores que dançam e picham para dizerem que estão vivas, que estão lutando. Flores jovens. Flores pretas. Flores pobres. Não é isso que as pesquisas apontam? Estão aí escalando paredes e pulando entre telhados. Flores. Arriscando a vida para dizerem que lutam pela vida. Rebelam-se contra um sistema e como deve ser pesado viver assim. Entre a prisão e o cemitério? Eu prefiro imaginar as flores dançando e, para usar um verso do Djavan em música de Dominginhos, “estes campos não tardam a florir<sup>14</sup>”. Flores dançarinas. Como na poesia de Manoel de Barros (2013), é preciso fazer “uma pedra dar flor”.

Janeiro de 2015.

---

<sup>13</sup> Trecho da canção “Samba do fim do mundo”, de Emicida e Felipe Vassão.

<sup>14</sup> Trecho da canção “Retrato da vida”, de Dominginhos e Djavan.

*“Quando morreu o terceiro, achei que eu fosse morrer também e comprei uma mortalha de tergal branco. Quem morreu foi minha filha. Vesti nela a mortalha que era para mim.”* (“Silvina Francisca da Silva perdeu quatro filhos, um quinto sumiu. Ela sobreviveu”).

*“Saber que o meu filho acabaria assassinado era insuportável. Decidi então botar fogo em nós dois.”* (“Naquele dia ninguém vendeu álcool a Maria de Fátima da Silva Souza. Como temia, seu filho foi assassinado anos depois. Ela sobreviveu”).

*“Quando o meu filho apareceu em casa vivo, mas com um tiro no peito, comecei a pagar o caixão. Agora pago as prestações do caixão do meu segundo filho. Ele ainda está vivo, mas sei que vai morrer.”* (“O primeiro filho de Enilda Rodrigues da Silva foi executado pouco antes do natal. Ela sobreviveu”).

*“Meu filho levou um tiro na barriga que atravessou. A polícia disse que o único trabalho seria enterrar”.* (“O filho de Josefa Inacio Farias foi executado, ensacado e jogado pela escada. Ela sobreviveu”).

*“Meu terceiro filho foi assassinado na boca de fumo com um tiro no peito. Tinha 22 anos. Eu já tinha perdido outros dois. Minha cabeça bate. Parece que tem um tambor. Ouço esse barulho dia e noite.”* (“Eva Sebastiana Araújo perdeu três filhos. Ela sobreviveu”).

*“Não fui ao enterro de nenhum dos meus filhos. Se pudesse, eu me enterrava”.* (“Graça Mary Azevedo carneiro teve três filhos assassinados. Ela sobreviveu”).

*“O primeiro que morreu era pequenininho, desse tamanhinho assim. Setenta e oito facadas. Tinha treze anos.”* (“Helena Silva Cruz perdeu dois filhos. O terceiro virou assassino ao vingar os irmãos. Ela sobreviveu”).

*“Meu filho gritava porque estava perdendo muito sangue. A polícia ouviu, arrombou a porta e ele morreu. O tráfico pagou o enterro.”* (“O filho de Francisca Maria da Silva Porfírio durou um ano no tráfico antes de ser executado. Ela sobreviveu”).

---

<sup>15</sup> Trechos da reportagem de Eliane Brum (2008): “Mães vivas de uma geração morta”.

## ||||| A Praça da Cruz Vermelha e os seus fios.

---

Marco caminha como é de seu gosto. Deseja percorrer as ruas do Rio como percorreu horizontes atrás de caminhos para o distante Oriente. Seus olhos se deixam perder por entre a paisagem pulsante e, às vezes, desconcertante. Na Praça da Cruz Vermelha para. Senta-se num banco. Olha ao redor. Vê a faixada simples dos prédios de gente simples e a dança previsível dos carros no entorno. Observa a entrada do Instituto Nacional do Câncer (INCA) e sente uma dor que não pode traduzir. Uma dor que lhe captura, que lhe exige total atenção e que lhe cobra um preço. Vê pessoas em cadeiras de roda, com a cabeça raspada; velhos doentes carregando sondas pegando sol com ar de quem já morreu, mas ainda não sabe. Ao lado do Hospital, o carro do Instituto Médico Legal (IML) esperando um corpo. Outro. Mais outro. Na lanchonete dos chineses, uma mãe com uma garotinha careca e uma máscara na boca. Ela ajuda a menina a tomar suco. Marco sabe que carregará a lembrança desta cena como uma marca. Mais uma. Ele parece lembrar da canção que ouviu outrora na rua e se vê fazendo a mesma pergunta que fez o cantor: *mas e a vida, e a vida o que é meu irmão*<sup>16</sup>? Marco não procura respostas, mas o peito procura amparos para acalmar os afetos que o desterritorializam. No meio de tantas misérias que já viu e das novas que vê pelas ruas cariocas, não deixa de se perguntar: *é isso vida?!* A experiência de estar na Praça – (ou, nas ruas) e se permitir tocar pelo mundo que a mesma lhe oferece às vezes lhe salta com intensa força como se violência fosse. E quando se pergunta pela vida que vê padecer, Marco sente que esta, mesmo quando maltratada, diminuída, severina – como diz o poeta – ainda é vida e, por isso, desfia-se fabricando a si mesma. E que as nossas partes neste latifúndio são mais os caminhos que inventamos do que o destino que temos que obedientes nos submeter. Marco vê um mundo de fios, alguns vida, alguns morte, mas todos processos em movimento incessante de reinvenção. Marco vê o mundo e se cala. Prefere apenas sentir.

---

<sup>16</sup> Trecho da canção “O que é, o que é?”, de Gonzaguinha.

## O menino e a vitrine

Ele é apenas um garoto com uma garrafa de cola  
E suas mãos parecem atadas e o seu grito emudecido  
Vagueia pelas ruas como quem vai sem saber para onde ir  
E no meio de seus gritos, talvez ninguém o tenha percebido  
Talvez ninguém tenha querido lhe perceber, de fato  
E o garoto anda como se não existisse  
Ou, como se nunca tivesse existido  
Como se o seu corpo fosse pedra  
No meio do caminho daqueles que correm  
Desenfreada e anestesiada pressa  
Enquanto ele caminha e cheira  
Os ônibus se enchem, a ponte engarrafa  
Uma fila enorme se faz nos pontos  
É hora anunciada de voltar para casa  
E ele parece não ter para onde voltar  
Talvez, sozinho na multidão, chore  
Porque a vida dói. Porque a vida....  
Ah, mas que vida!  
Ele é apenas um garoto com uma garrafa de cola  
E os seus olhos curiosos caem na vitrine da loja

Como se pecado ou injuria fosse desejar, sonhar  
Como se uma pedra ele tivesse atirado  
E com força partido em mil aquele vidro  
E nas roupas caíssem pedaços espedaçados  
De seus próprios sonhos sinceros, mas negados  
E ele é o único culpado, o único vilão, maldito!  
A espantar as freguesas mais sensíveis  
Seus olhos são como pedras que ferem  
Como perigosas faíscas a disparar mísseis  
Sobre a fina loja de roupa importada  
O segurança não conversa, o empurra  
E a sua violência espanta, mas sossega as freguesas  
Que não reconhecem no garoto  
Um garoto, como outro qualquer  
Em seu olhar, tão sincero, tão forte  
Ele quase cai. Olha para todos e se retira  
Prefere sair, mas revoltado xinga  
Olha para os lados e percebe que o olham  
O observam com um misto de medo e pena  
Com olhares carregados de coisas não ditas  
Mas tudo já está dito e colocado  
Ele caminha com as costas doendo

Pela força das chibatas, do capitão do mato.

Pela violência daqueles olhares

Ele cheira

A vida lhe dói em demasia

E ele é apenas um garoto.

Em silêncio, caminha.

Augusto senta-se ao lado de Marco Polo. Nas mãos um pequeno caderno onde faz anotações. Distraído, o italiano sequer percebe a presença do estranho. Depois chega Kelly com a fisionomia fechada e senta no lado oposto de Augusto, deixando Marco entre os dois. *Olha só, disse Kelly, já cansei deste negócio de ficar andando para cima e para baixo. E esta sua mania de ficar conversando com mendigo. Vai pegar uma sarna!* Augusto parece não se importar com o que ouve e continua anotando. Marco olha sem saber o que se passa. *Você sabe o que ele faz?*, disse Kelly apontando para Augusto. Não, disse Marco. *Anda por aí escrevendo um tal de livro. Vê se pode!* E sobre o que se trata, pergunta Marco voltando-se para Augusto. *Andar pelas ruas é uma arte. Mais do que simplesmente saber por onde ir – afinal, o destino não importa tanto – é preciso inventar um jeito de estar nas ruas. Criar uma atitude diante daquilo que todos chamam de caos ou baderna. Não entendem! Onde veem bagunça, enxergo um balé de gente criando seus modos próprios de se relacionar e se entender. As ruas são um barato se você não olhar com os olhos de Narciso que acha feio o que não lhe é espelho. As ruas não são espelho ou explicação de nada. Escrevo e ando. Tento inventar uma escrita que caminhe feito pernas a compor um corpo de texto. Não é nada demais. Escrevo sobre o que vejo. E o que você vê?* Interrompeu Kelly. *Ah, mendigos sujos, velhos.... Sabe, amigo, as putas não gostam de mendigos. Por mim, morriam todos.* Respondeu Kelly. *Ao caminhar eu penso melhor.* Marco sorriu. Achou tudo inusitado, mas divertiu-se com o diálogo entre Augusto e Kelly. De repente, ambos se foram. Marco ficou pensando sobre a tal escrita que se faz ao caminhar. Ou, do caminho que se inventa ao escrever. Marco viu um pouco dele em Augusto e sentiu por este uma afinidade.

---

<sup>17</sup> Os personagens Augusto e Kelly foram pegos emprestados do texto “a arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro”, de Rubem Fonseca (1992).

## Mundo Kit Kat

No grupo dos garotos

Que andam pelo centro

Ela é a menina mais nova

Há tantos mundos dentro

Dos seus olhos claros

Mas em seu bolso furado

Talvez, 10 ou 20 centavos

Seus dedos magros seguram a caixa

Enquanto ela se aproxima dos carros

Sai pelas ruas vendendo balas

Num mundo feito de “Kit Kats” e “Iphones”

E carros importados, coisas de marca

Ela é apenas uma criança com fome

O sinal fica vermelho

Os carros param e ela avança

Vidros se fecham

Cabeças fazem sinal negativo

Uns nem olham. Melhor fingir que não vê

Outros ainda esboçam uma desculpa.

Mas o que nela sugere perigo ou ameaça?

É só uma criança, mas não cabe

Dentro deste mundo Kit Kat

Ela sobra, mas insiste. Eis o seu crime

O sinal abre, os carros aceleram

Ela vai para a calçada e lá brinca

Diverte-se, inventa um brinquedo

Para logo voltar com a caixa, algumas balas

E um olhar sem rancor ou mágoa

A pedir alguns centavos

E receber janelas se fechando

E olhares desconfiados

Os motoristas sentem medo

E ela quer apenas brincar

## ||||| Os fios que nos tecem

---

A Praça da Cruz Vermelha estava ali, para quem quisesse no seu mundo mergulhar, e Marco Polo resolveu ficar a pensar, a espiar, a anotar. Um grupo de homens parece jogar carta. Um vendedor ambulante caminha cantando alto, soltando a voz. Fazendo esta ressoar atrás de fregueses para os seus produtos. Um idoso senta ao lado do italiano. *Sabe a situação está difícil! É uma pouca vergonha só, uma bagunça! Para finalizar, esta baderna nas ruas! Estes vândalos quebrando tudo! Sabe o que falta? Uma boa ditadura para dar jeito nesta desordem. Porque com os militares não há brincadeira. Eles ajeitariam as coisas e estes vagabundos ou seriam presos ou mortos. Começaríamos por Brasília. Eu pegaria cada político corrupto, tiraria a roupa dele e o colocaria amarrado, assim mesmo, nu, no asfalto da Av. Presidente Vargas. Isso no calor de 12h dia. Deixaria ele queimar. Depois a população chegaria e cada um cortaria um pedacinho de seu corpo. Isso durante horas para sentir muita dor e aprender a lição.* Em silêncio, Marco olhou bem para os olhos daquele estranho que evocava com tanto ódio uma cena estúpida de martírio. Nos seus olhos viu o reflexo do ódio que já havia visto em outros tempos, quando outros povos, em nome dos mais altos sentimentos humanitários, se deram o direito de trazer/manter a “ordem”, de disciplinar, de civilizar. Lembrou, com muito pesar, de olhos e discursos parecidos que viu e ouviu quando da emergência do movimento fascista na Europa. Uma fabricada solução que se desenhava, quase obrigatoriamente, pelo uso indiscriminado da violência. Uma estupidez! Antes que Marco tivesse tempo de contar ao homem o horror que já havia vivido pela vivência de práticas de violência em outras terras, este se levantou ao ver a sua neta (com pouco mais de três anos) caminhando em sua direção. Marco percebeu que, de repente, a face do homem mudou. Onde havia ódio, raiva, um clamor por violência, surgiu carinho, amor, atenção e cuidado. O italiano ficou pensando nas paisagens que se esboçam em nossas faces e de como podemos ser, quase simultaneamente, tanto amorosos como fascistas. Tudo, em poucos minutos! Pois, *a natureza do homem deve ser mesmo não ter natureza nenhuma. Somos uma produção incessante. Um emaranhado de fios nos tecem e destecem. Irremediável bricolagem. É preciso perceber quais são os*

*fos que em nós desenham ódio e violência em nossas atitudes e quais esboçam potentes atos de coragem, amor, cuidado e rebeldia. Talvez, ao fortalecer estes e combater aqueles possamos criar condições para a invenção de outros mundos onde caibam mais vida e menos práticas fascistas.*

## **Mas queriam que ele morresse mesmo**

Mataram

O pobre

O moleque

O de rua

Aquele que corria solto

Comia

Cheirava

Deitava

No chão duro e sujo

Que pela manhã

Lavavam

Desinfetavam

Purificavam

Mas o moleque morreu

Seu corpo caiu

Seus olhos viraram

Sua lembrança

Nada

Nem uma vela

Uma lágrima

Um remoer de dor

Nada

Apenas a indignância

Solitária

Sombria

Silenciada

Retrato de uma vida

Tão covardemente

Castrada

Usurpada

Perseguida

Dilacerada

Mataram

Mas queriam que ele

Morresse mesmo

## ||||| Porto, mas que maravilha?

---

Ao caminhar pela Região Portuária, Marco se depara com o Cais do Valongo. Se arrepia e sente-se tocado quando fica sabendo se tratar do maior cemitério de escravos das Américas! Ali milhares de negros roubados da África foram enterrados. *Seres humanos transformados em mercadoria.* Os pretos novos, como eram chamados, tiveram parte de sua história apagada quando no início do século XX, o Cais foi aterrado. Momento em que aquela história de escravidão e matança já não interessava mais. Momento em que o Rio almejava se tornar uma espécie cidade luz. Com as obras do Porto, talvez por acaso, o Cais dos Pretos Novos ressurgiu. Marco fica parado, olhando para o local. Ainda consegue lembra-se, como se fosse ontem, da fisionomia entristecida, da vida dilacerada, dos escravos com os quais cruzou na Europa. *Uma estupidez,* ele repetia. Mas hoje, em nome dos interesses político econômicos na região, os descendentes dos escravos de ontem, que habitam em comunidades na Região Portuária são, por força, removidos. As paredes de suas casas são pichadas com SMH – Secretaria Municipal de Habitação. *Feito os Nazistas marcando a casa dos judeus!* Tanta violência vejo e sinto aqui neste local. A placa diz: Porto Maravilha. Não entendo a mensagem. Onde está a maravilha se milhares de famílias estão sendo expulsas de seus lares? Se há um cemitério lembrando de um passado recente de violências contra os povos negros. Onde está a maravilha? “Suas grades não podem prender nossa revolta”, picharam ali no muro. A funcionária sorri simpaticamente para Marco Polo. Ela trabalha na concessionária que administra a região e diz que a reurbanização promovida pelo Porto Maravilha permitiu o resgate do sítio arqueológico do Valongo. Ele permanece sério, olhando para ela que trabalha no setor de atendimento a turistas. *E para comemorar o feito, expulsam as famílias dos pretos de hoje?* Ela emudece. Olha assustada para o italiano. Não esperava uma pergunta assim. Senhor, nenhuma família está sendo expulsa... o que acontece é um processo de realocação... Marco irritado interrompe a explicação. *O que fizeram com o povo negro sequestrado da África foi um crime. Em nome de que ou de quem se escravizou outro ser humano? Mas agora, vem vocês, com ar de quem está fazendo muito pelo povo negro ao “resgatar”*

*um cemitério que havia sido escondido, e me diz que nenhuma família está sendo removida?! Ora, o crime de ontem se soma agora ao crime de hoje! Em nome do progresso, da economia, se escravizou! Em nome do progresso, do Porto Novo, se expulsa famílias! Não consigo enxergar a maravilha que vocês anunciam. E sai batendo a porta. A funcionária fica estática.*

## Saco preto

Cabia naqueles vários sacos

Tão sujos, tão seus, tão pretos

A solidão indigesta de um hiato

A fome, a violência, o seu corpo

Corpo todo descartado

Violentado e cuspidado

Talvezoubessem sonhos

E pesadelos, também

Sacos que continham restos de comida

Que delimitavam a extensão de sua sorte

Sacos que eram a sua salvação, perdição

E a nossa ilusão de beleza e higiene

Um mundo sem lixo, nem catadores

Mas ele insiste em querer o lixo

Ele é o lixo, em carne, osso e fome

E pelas ruas carrega o peso de seu mundo

De farrapos, latinhas, bagulhos e sustos

Ele caminha sem pressa, sem alarde

Enquanto todos correm para a barca

Ele abre uma lixeira atrás de algo pra comer

E ele cata os restos

E ele come as migalhas

E ele se suja de sangue

E, engole, engole-se

Tão preto, tão miserável, tão ele

Sozinho no meio de uma multidão

Inconfundível, preterido, enxotado

Dos restos tão restos como ele

A gente já não se choca.

É apenas mais um pedaço de lixo

Próxima barca sentido Arariboia às 20h

## ||||| O som do helicóptero

---

Marco Polo está em seu quarto. Descansa, mas percebe que algum tempo escuta o som de um helicóptero sobrevoando a região. Liga a TV e no noticiário local a apresentadora fala sobre uma manifestação na Av. Presidente Vargas. *Aqui perto!* Marco se levanta e corre para lá. Sente que ali, no meio da tal manifestação, é que deve estar. *Um momento importante!* Quer viver isso e saber o que acontece. Antes mesmo de chegar na avenida, cruza com centenas de pessoas indo na mesma direção. Inúmeras com roupas brancas, carregando cartazes. Ele segue, como se com elas estivesse conectado. Ao chegar na Av. Primeiro de Março avista uma multidão. Há música em alguns carros, vendedores ambulantes, máscaras e muita gente nas esquinas conversando, rindo. O clima não é de revolta, como Marco pensou que fosse. *Parece aquilo que os baianos chamam de micareta.* Na Presidente Vargas quase um milhão de pessoas caminhavam em direção a Prefeitura do Rio. No meio do caminho, havia fogueiras no chão onde grupos dançavam em torno da mesma cantando o hino nacional abraçados em bandeiras do Brasil. Estas eram várias. Inúmeros com caras pintadas. Cada grupo carregava um cartaz com algum pedido, indignação. Era muita gente e o italiano se sentiu feliz por estar vivendo aquele momento. Ao passar pela altura da Central do Brasil, as luzes da Presidente Vargas foram desligadas. Helicópteros da polícia começaram a sobrevoar, de maneira acintosa, a multidão. Um clima de tensão se espalhou. De repente uma correria e as pessoas, como se fossem uma onda, vão juntas para um lado. Dezenas de pessoas começavam a retornar denunciando o conflito que havia se instalado logo a frente. O enfrentamento era entre policias e manifestantes. Marco resolveu seguir. *Estou diante de uma trincheira. De um lado policiais, de outros manifestantes. As bombas explodem de todos os lados. Muitos tiros. Vejo pessoas fugindo, gente caindo ao chão, quase sufocando pela bomba de gás lacrimogêneo. Respirar se tornou difícil. Recuo, mas para onde correr? Sigo a multidão que foge, acuada. Uma praça de guerra!*

## **O bagulho é doido!**

O bagulho é doido!

Garoto grita e ri alto

Que é pra ser ouvido mesmo

E para que os bacanas

Lá de Copacabana

O olhem assustados

Com o rabo de olho

Pois na cara, na lata

Coragem não tem de

O encarar, de o inquirir

Ele ri, pois é isso

Até de seu riso

De sua alegria

Desta sua gargalhada

Os caras têm medo

E o que nele, em seu corpo

Emagrecido, em sua voz rouca

Em seus olhos diminuídos

Em sua altura

Tamanho P

Pocket

Enseja tanto pavor?

O bagulho é doido!

A vida é muita doida

E ele, fabricado bagulho

A perseguir sobrevivências

Num mundo em escombros

Sabe de tudo. Sente tudo

Porque tudo lhe dói

Num peito que não acostuma

A ser tratado feito bicho

A ser rejeitado como lixo

O peito não pode acostumar

Com uma situação destas.

Porque os caras fogem

Desviam de seu corpo

Viram a cara quando pede

Seguram a bolsa

Quando ele passa

E em cada esquina

Cruza com o racismo

Bate de cara com o preconceito

Toma muita porrada  
E porrada aprendeu a dar  
também, assim  
Que é pra se impor  
Senão já era, cara  
Tem que se impor  
E o bagulho é doido demais  
Arrumou uma caixinha  
Destas que engraxam sapatos  
Mas o dono cobra sua parte  
Dezesseis real, é o preço  
E ele fica com oito real  
E o sentimento que está  
Sendo explorado  
Que o seu trabalho  
Vale mais, que sua vida  
Sim, ela vale muito mais  
Mas vai discutir?  
Vai criar confusão  
Com o cara que  
Tem um pedaço em  
Copa? Os poliça chega junto

A mando do cara, matam

É foda, viu?

Ele preto

É de rua

Se amanhã morrer

Não tem missa

Não tem fita

Amarela, nada

Vão dizer: menos um

O bagulho é doido!

E quem passa assim

Correndo, fingindo

Que não o vê

Não sabe da missa

A porra da metade.

Os turistas tiram fotos

Com câmeras alta resolução

Acham bonita a paisagem

Andam lá no calçadão

É tudo tão bonito

Rio de Janeiro

Copacabana, princesinha

Do mar...  
E ele não faz parte  
Deste mundo Rio  
Feito de “belezas naturais”  
Não, neste mundo ele só  
Entra se roubar a carteira  
Do turista  
Se na praia puxar um cordão  
Se pedir uma esmola  
E olhe lá  
Este mundo o repele  
Com violência  
E com violência  
Ele pensa em entrar  
Em fazer tremer  
As fronteiras  
E ruir a porta  
A porteira  
Se impor  
Mas o bagulho é doido!  
Ele evita fazer assaltos ali  
Achou melhor não tentar

Cada semana some um  
Que tava roubando  
E veio os poliça  
Que são segurança  
Que vigiam o comércio  
Que recebem grana  
Para matar quem incomoda  
Pra faxinar e garantir  
A paz dos lojistas  
A paz suja de sangue  
Dos turistas e moradores  
Mas deste sangue  
Ninguém quer ser  
Responsável  
Responsabilizado  
Lavam as mãos  
Cruzam os braços  
Alguém faz o trabalho sujo  
Pra exterminar quem incomoda  
Quem chega junto  
Ali nos barzinho  
Pra bater uma carteira

Pois ele já perdeu  
Na verdade,  
Deixou de ganhar  
Tantas coisas  
E ele tem fome  
E é de vida, sobretudo  
Todos querem sossego  
Talvez, Garoto também queira  
Mas terá sossego ali na rua  
Tomando porrada  
E passando fome?  
O bagulho é doido!  
Ele tem a certeza  
Ninguém se importa  
Ninguém se importará.  
O problema não é seu?!  
Porque a felicidade  
Não é sozinha  
É coletiva.  
Se um tá na merda  
Sofrendo na rua  
Isso é um problema

De todos. É político.  
Aí sai com a camisa  
Gentileza gera gentileza  
Faz passeata pedindo paz  
Se diz indignado  
Quer mudar o mundo  
Mas que mundo?  
Seu pequeno mundo  
De condomínio  
Com entrada de  
Selecionados.  
Com câmeras  
E seguranças armados  
Mundo controlado  
Hiper vigiado  
Mas é tudo  
Pra si mesmo  
Porque o outro  
O diferente  
O pobre  
Não é nada não.  
Indigna-se com a notícia

Da revista  
Semanal que acusa  
O governo de corrupto  
Como se corrupto  
Não fosse todo  
Este sistema.  
Mas quando  
Cruza com o garoto  
De rua, cadê a indignação?  
De ver uma criança  
Cheirando cola?  
Tomando porrada?  
Tendo que roubar  
Pra mostrar que está vivo  
Roubar pra sobreviver?  
Não tem indignação  
Vê a criançada correndo  
“nos becos que nem ratazana<sup>18</sup>”  
Talvez, às vezes,  
Sinta pena  
Que merda!

---

<sup>18</sup> Citação da música “Tiro de misericórdia” (João Bosco e Aldir Blanc).

O bagulho é doido!

A noite o garoto se enrola

Com um pedaço de pano

Tão encardido quanto ele

Já tão velho e gasto como ele

Sobre o papelão

Ao lado dos amigos de rua

Deita, mas de olhos abertos

Que é pra ficar esperto.

Deve ter sonhos

E alguns pesadelos

Também.

Deve ter alegrias

E medos também.

Tem uma vida pela frente

Talvez, não.

A garantia da TV da moda

Do comercial bonito

Com a atriz bonita

Vai até a Copa

A sua expira todos os dias

E todos os dias

Permanecer vivo

Em pé, esperto

É o seu desafio.

É a sua sina

Sobreviver, resistir

Numa realidade

Que estupidamente

O extermina

E ele só tem dez anos

E as dores do mundo

## ||||| A Tropa de Choque e o choque de realidade

---

*Chego a Praça da República e de repente me deparo com a Tropa de Choque marchando em minha direção. Corro, feito um bandido, e entro em ruas estreitas. O Choque nos persegue. Sim, estou ao lado de vários desconhecidos. De repente, cúmplices. Companheiros. Muitos procuram abrigo na Faculdade de Direito. Ando tateando as ruas tentando encontrar caminho que me leve para o Hotel. Em cada esquina, um grupo de soldados. Preciso de refúgio. Fujo da violência que me quer fazer menor. Estou ofegante. Uma revolta toma meu corpo. O que vejo, o que vivo, é de uma enorme covardia. Pessoas que apenas caminhavam, riam, protestavam foram violentadas. Por esta mesma polícia que supostamente deveria garantir a segurança delas. Chego a Gomes Freire. Vou até a Lapa e me surpreendo por perceber que esta está cercada, com policiais do Choque espalhados pelo local. Caminho, pois nada me denuncia como manifestante. Sim, de repente virei manifestante. Passo despercebido. Curioso imaginar se eu não tivesse corrido junto aos outros, talvez não fosse alvejado. Mas quis correr, porque estava ali junto com aqueles que apanhavam não com aqueles que batiam. Sigo em frente. Enfim, chego ao Hotel. Desabo sobre a cama. Fico em silêncio olhando para o teto. Meu corpo dói, mas dor maior é sentir tamanha opressão sobre o peito. Que cidade é esta que violenta e persegue seus moradores? Já vi exércitos se destruírem. Vi inimigos de um povo serem aniquilados. Vi governadores ordenar atos de selvageria contra seu próprio povo. O objetivo da violência, de toda esta repressão, não é outro senão fazer calar, paralisar, diminuir todos aqueles que oferecem suposto perigo a ordem. É uma forma covarde de silenciar um povo. Lembro do Império dos Tártaros, da minha querida Itália, e de todas as violências que vi. A garganta fecha e a tosse, novamente, me faz companhia. A violência tem sido o instrumento de controle e dominação usada pelos governos fascistas.*

Em junho de 2013, manifestações se espalharam pelo Rio de Janeiro e pelo Brasil. Atento e sensível a efervescência das ruas, Marco Polo foi aos protestos como quem ia a um compromisso marcado há séculos. Muito passou a anotar e a questionar. Imaginou que Klubai Kahn acharia tudo aquilo muito curioso. Viu os Black Blocs aparecerem mascarados e serem perseguidos pela polícia e demonizados pela mídia. Mas quando os viu, no meio da Rio Branco, não conseguiu deixar de imaginar que eram apenas jovens (quase garotos) num exercício de indignação e rebeldia. Não eram os monstros narrados nos noticiários. Não era a “formação de quadrilha” que atentava contra a ordem. A mídia e o governo chamavam de violência os vidros que os Black Blocs quebravam, mas não chamavam de violenta a truculência da polícia. É como, lembrou o italiano, a poesia de Brecht: *chamas de violenta as águas do Rio, que são intensas, arredias, mas não as margens que as cerceiam. De fato, o problema, pensava o explorador, era esta ordem/margem; esta realidade que violentava a todos. A ordem não deveria ser mantida, tal como aí vergonhosamente está. Como dizem os seus arautos. Ela precisa ser, com urgência, transformada. Não sei se as manifestações farão isso. Na verdade, ninguém sabe ao certo o que acontece nas ruas. Estamos vivendo algo, mas ainda não é possível nomear este acontecimento. Muito menos, especular pelos efeitos que os protestos irão produzir. É tudo uma incógnita. É preciso viver esta incógnita e abrir caminho.* Marco ficou animado com todo este cenário político que passou a viver e a respirar no Rio. Jamais teria sonhado com algo do tipo. Quando Kahn havia lhe pedido para visitar a cidade, não deixou de pensar no Rio a partir das imagens e dos discursos que são produzidos sobre o mesmo no exterior. Imaginou uma cidade turística. Agora, no bojo dos acontecimentos, vê a cidade como um emaranhado de fios complexos a lhe tecerem e produzirem cenários e acontecimentos inumeráveis. No meio da manifestação, Marco sorri.

As bombas começaram a explodir. De todos os lados surgiram policiais. Os manifestantes tentaram se abrigar. Marco Polo pensou em voltar para o Hotel na Lapa, mas foi pego antes. Um policial o segurou pelo braço e, sem que ninguém percebesse, deixou cair em seus pés um morteiro. Em flagrante, o italiano foi preso acusado de disparar bombas contra os policiais. Atônito, Marco tentou argumentar, mas rapidamente foi jogado no camburão e levado para a delegacia. Naquela noite, dezenas de manifestantes foram levados para diferentes delegacias do Rio. Já de madrugada, Marco pôde sair. Do Catete, onde estava, resolveu ir a pé para o hotel. Caminhou em silêncio olhando a cidade que não dormia. Nos bares, sorrisos pareciam lhe violentar. A TV ligada no noticiário local anunciava a prisão de uma dezena de terroristas. Marco sentiu vontade de ir em cada mesa e dizer que foi preso injustamente, que a repressão violenta a todos, que vivemos numa cidade fascista... mas a prisão havia lhe roubado as forças. O italiano estava triste e aquela amarga tristeza lhe vazia voltar a tossir. Tossiu noite a dentro e não conseguiu dormir. De olhos abertos, deitou sobre a cama, passou a noite em claro ouvindo o som ininterrupto do helicóptero da polícia. Tossiu.

## ||||| PORRA!

---

Junto a mais de vinte manifestantes, Marco viu o seu nome aparecer nos jornais como fazendo parte de uma organização criminosa. *Agora sou um foragido?* Gritou o italiano, pouco se importando com os olhares de seus vizinhos de hotel. *É absurdo!* Segundo o noticiário, o grupo era formado por acadêmicos, professores, advogados, jornalistas e até por estudantes. As posições políticas variavam entre comunistas, anarquistas, sociais-democratas e socialistas. O noticiário apontava que haviam provas concretas do envolvimento de todos. Em site jornalístico, fizeram um perfil dos ativistas acusados de formação de quadrilha. “Marco Polo, vulgo Italiano, faz parte da alta cúpula do Partido Operário Revolucionário da Resistência Anarquista (PORRA!). O perigoso PORRA! A pouco tempo no Rio de Janeiro, ele veio para treinar vândalos e construir uma célula do PORRA! na cidade. O seu papel, desde então, tem sido de destaque. Em seu apartamento, usado como sede do PORRA!, no Alto Leblon, a polícia apreendeu computadores, livros de colorir, receitas de bolo, de cookies e um passo a passo de como fazer uma bomba... de chocolate. Além disso, uma camisa da seleção italiana com assinatura de Paolo Rossi. A assinatura do carrasco da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982 fez com que a polícia acredite que o PORRA! pode ter influenciado no resultado do jogo que fez com que a Itália eliminasse o Brasil naquela Copa. Segundo o delegado responsável pelo caso, o italiano é um criminoso perigosíssimo”.

Para despistar a polícia, Marco Polo passou a se vestir com a camisa do Flamengo. Deste jeito, pôde continuar andando pela cidade sem levantar maiores suspeitas. Entretanto, em sua fisionomia ele não escondia a tristeza que sentia. Assim como ele, dezenas de pessoas estavam sendo presas e perseguidas apenas por pensarem diferente e manifestarem sua posição política contrária a ordem estabelecida. *Isto aqui é uma ditadura! Me sinto atado dentro de um sistema onde as pessoas parecem sequer perceber o grau de violência que atravessa a todos. E aqueles que se insurgem contra estas violências são acusados de vandalismo! Não posso deixar de lembrar as palavras de meu amigo Aldous Huxley, “a ditadura perfeita terá as aparências da democracia, uma prisão sem muros na qual os prisioneiros não sonharão com a fuga. Um sistema de escravatura onde, graças ao consumo e ao divertimento, os escravos terão amor à sua escravidão<sup>19</sup>”*. Marco Polo tosse.

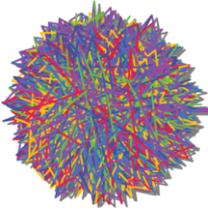
---

<sup>19</sup> Trecho atribuído a Aldous Huxley.

Durante semanas, Marco viu os noticiários da TV anunciarem a prisão e a perseguição aos “líderes do vandalismo”. A violência policial se transformou em operação exemplar de luta contra o suposto vandalismo. Tossiu. A realidade se mostrava dura e áspera em demasia para engoli-la assim, de uma vez só. Ele queria o silêncio, mas nem este lhe dava sossego. Se sentiu vândalo e até orgulhoso por, de repente, fazer parte de um grupo que lutava contra a ordem. Ao mesmo tempo, se sentiu vulnerável. *Qualquer um pode ir parar na prisão! Me sinto num conto kafkiano. Mesmo alguém que estivesse ali na rua passando poderia ser pego acusado de terrorismo! Como viver esta experiência? Como dizer ao outro que enxerga a realidade a partir do que diz a TV que aquilo ali apresentado é uma produção de verdades competentes? Ao mesmo tempo, pela intensidade da experiência que vivi, é preciso construir um corpo para tal embate. Um corpo que seja capaz de estar nas ruas, tentando habitar aquelas de outra forma, compondo com um corpo coletivo de manifestantes. Da experiência destes últimos dias, ficou-me a tristeza.* Após o café, Marco subiu para o seu quarto e passou o dia tentando escrever uma carta para Kublai Kuhn. Ele tinha tanto a dizer, mas as palavras se negavam a sair como queria. Estava mal e lembrou de um trecho escrito por um velho amigo. "O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: procurar e reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço<sup>20</sup>". *Calvino, velho amigo, suas palavras me fazem lembrar que, apesar de todos os pesares, dos fascismos diários, é preciso abrir espaço.* Se sentiu mais forte, mais vivo, ao pensar que pode, em atos micropolíticos, inventar espaços de luta, de resistência e liberdade. Apesar da tosse renitente e do amargor na boca, sorriu.

---

<sup>20</sup> Trecho de Ítalo Calvino (2003, p. 158), em “Cidades Invisíveis”.



## Deixe-me ir, preciso andar.

---

*“Escrevo porque a vida me dói, porque não seria capaz de viver sem transformar dor em palavra escrita. Mas não é só dor o que vejo no mundo. É também delicadeza, uma abissal delicadeza, e é com ela que alimento a minha fome (...) Não escrevo para apaziguar, nem a mim nem a você. Para mim só faz sentido escrever se for para desacomodar, perturbar, inquietar (...) Escrevo porque acredito no poder da narrativa da vida em transformar a própria vida”.*

(Eliane Brum, Um percurso de (des)identidade, 2013 p.19)

## **Deixe-me ir, preciso andar.**

É cedo e Marco Polo resolveu caminhar. Foi como quem não sabe bem para onde ir. Subiu a Rua Monte Alegre e descobriu caminho para Santa Teresa. Ruas estreitas e ainda vazias. Ele também se sentia vazio. Com o olhar descortinando horizontes parou diante dos muros com intervenções urbanas: “mais amor, por favor!” Havia nos muros uma sabedoria que parecia já estar extinta. Marco sorriu. Seguiu em frente, encontrou o Cine Santa, o Mercado das Pulgas e continuou pela Almirante Alexandrino. Foi apresentado as caóticas obras para o anunciado, porém incerto, “Bonde Novo”. Andou até chegar ao Museu Chácara do Céu e ao Parque das Ruínas. Do alto do Parque avistou uma cidade que parecia sonolenta. Lá estava o Aeroporto, a Marina, a Catedral Metropolitana, os Arcos da Lapa, o Quartel Central da Polícia Militar, a Favela Santo Amaro, o Pão de Açúcar, a Glória, Catete, Flamengo, Botafogo, a Ponte Rio Niterói, Niterói, a Igreja da Penha, o Complexo do Alemão... Eram tantas cidades numa mesma cidade. Centro, Zona Norte e Zona Sul. Marco não estava sozinho. Um homem também olhava a cidade e ele e o italiano pareciam comungar do mesmo olhar.

- Sabe o que isso aqui me lembra? Do garoto Diego. Quando ele olhou o mar pela primeira vez ficou tão deslumbrado que disse: pai, me ajuda a olhar. Estamos nós aqui a olhar para o Rio como quem diz para o horizonte: me ajuda a olhar? Tantas vezes aqui já vim e sempre me deslumbro como se fosse a primeira vez<sup>21</sup>. Ou, como canta Delcio Carvalho<sup>22</sup>, “olha como a flor se ascende quando o dia amanhece”. Quantos dias, quantas flores, cabem num único dia?

Marco sorriu. Achou curiosa a fala do estranho.

- Imagino que tantos venham aqui se deslumbrar com esta beleza, mas se esquecem das violências silenciosas (ou, silenciadas) que esta mesma bela cidade produz. Disse Marco, não se esquecendo das violências da noite passada.

- Fazer turismo implica em uma forma de habitar a cidade pouco sensível a percepção de práticas que não ensejam lazer, alegria e entretenimento. Os turistas

---

<sup>21</sup> Trecho inspirado no texto de Eduardo Galeano (2005, p.12): a função da arte 1.

<sup>22</sup> Trecho da canção “Amanhecer”, de Delcio Carvalho e Dona Ivone Lara.

- mas não vamos generalizar! – “vão para a Zona Sul conhecer água de coco e o pobre na favela passando sufoco<sup>23</sup>”, como diz a letra do funk – Respondeu o estranho.

- Será que apenas os turistas habitam a cidade de forma a não querer ver suas práticas de violência? - Perguntou o italiano.

- E quem se importa com a violência quando esta, aparentemente, não bate em sua porta? A violência é lucrativa para muita gente. A própria dinâmica de funcionamento do sistema implica em práticas de violência que atravessam, de uma forma ou de outra, a todos – disse o estranho.

- E o que você faz aqui? É também um turista atrás de paisagens deslumbrantes? – perguntou Marco Polo.

- Moro aqui perto. Gosto de caminhar até o Parque e olhar a cidade de outro ângulo. Isso faz parte de meu trabalho, no momento: fazer do andar pela cidade o exercício crítico de inventar outros olhares. Contudo, não qualquer olhar. Falo de um olhar que se espanta diante do que é cotidianamente naturalizado. Como diz a canção, “por toda terra que passo me espanta tudo que vejo<sup>24</sup>”. Ou, aquela outra: “eu ando pelo mundo prestando atenção / em cores que eu não sei o nome / Cores de Almodóvar, cores de Frida Kahlo, cores / Passeio pelo escuro, eu presto muita atenção<sup>25</sup>”. Caminho e presto atenção.

- Como assim, o seu trabalho? Perguntou o italiano, achando cada vez mais curioso o caminho que a conversa parecia seguir. Ele não conhecia as músicas que o estranho falava.

- Meu trabalho? Tenho dificuldade em definir o que tenho feito... Talvez, arrisque a dizer que se trata de uma experimentação. Porém, ainda seria uma explicação insuficiente. Tenho tentado fazer uma cartografia das ruas do Rio de Janeiro. Ou, ainda, dos encontros que tenho vivido nas/com as ruas.

---

<sup>23</sup> Trecho do “Rap da Felicidade”, de Juninho Rasta e Kátia.

<sup>24</sup> Trecho da canção “Desenredo”, de Dori Caymmi.

<sup>25</sup> Trecho da canção “Esquadros”, de Adriana Calcanhoto.

- Então, você está fazendo um mapa das ruas? – disse Polo.

- Não. A cartografia que falo não implica na criação de mapas, mas de desenhos provisórios; a esboçar provisórias análises sobre a dinâmica de funcionamento de determinado território. Colocando em análise as linhas de força que compõe um plano. Como dizem Passos, Kastrup e Escócia (2009, p. 10), “eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas”. Contudo, esta explicação também pode ser insuficiente. Me sinto como uma espécie de Flâneur. Como diz João do Rio (2012, p. 31), “é preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâuner* e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flanar. (...) Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da populaça...”

- Então, o que você faz é falar sobre as ruas como quem fala de algo que sabe que é processo e mudará, amanhã? – Perguntou o italiano.

- Sim, falo das ruas estando imerso nelas. Colocando em análise processos. Meus textos nasceram assim. Não planejei no projeto da pesquisa fazer uma cartografia. Eu tinha um cenário que me instigava: a transformação do Rio de Janeiro em internacional “cidade olímpica”. Entrei no doutorado disposto a me debruçar sobre o processo de fabricação do Rio. Contudo, dentro deste cenário, podemos destacar inúmeros campos de análise! – disse o estranho.

- A cidade é enorme! Retrucou Marco Polo.

- Mas para mim, o mais problemático não era nem tanto o que pesquisar, mas o “como” pesquisar – disse o estranho.

- E você descobriu um “como”?

- Não! Eu inventei um! Na verdade, as ruas me ajudaram a compor um “como” da pesquisa. De repente, comecei a escrever sobre pequenos acontecimentos que vivia nas ruas. Por exemplo, a fala de um ambulante, a visão de um menino de rua jogando pedras, um homem pedindo esmolas... Eu estava lá passando pelas ruas de sempre, indo ou voltando para a UFF. Passei a escrever sobre o que vivia nas ruas e

este escrever foi sendo “lapidado” a ponto cogitar transformar este exercício de escrita e andança num método de caráter provisório, imanente e “experimentante<sup>26</sup>”.

- Mas inúmeros poderão criticar este método que você fala – disse Marco Polo.

- É como diz Foucault (1998, p.12), “quanto àqueles para quem esforçar-se, começar e recomeçar, experimentar enganar-se, retomar tudo de cima a baixo e ainda encontrar meios de hesitar a cada passo, àqueles para quem, em suma, trabalhar mantendo-se em reserva e inquietação equivale a demissão, pois bem, é evidente que não somos do mesmo planeta”.

- Interessante! Mas por que você fala em pequenos acontecimentos? Marco Polo.

- Por uma questão de olhar. Nas ruas o que eu via (ou, queria ver) eram pequenos acontecimentos; micro rebeliões despreziosas. Situações ou falas de sujeitos “sem luz”..., vidas infames, os ninguéns. Quem se importa com a fala de um “morador de rua” cadeirante que fica em frente às barcas pedindo dez centavos? – disse o estranho.

- Mas por que a fala dele é tão importante? É apenas mais um anônimo. Não seria mais estratégico pegar a fala do governador? – Inquiriu o italiano.

- Ele é um desimportante. Mas, como diz Manoel de Barros (2013) “dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes”.

- Interessante!

- A fala deste sujeito – produzido enquanto ninguém – é importantíssima! O seu discurso, o seu exercício de mendicância, a sua vida falam sobre um funcionamento desta cidade! Conta-nos sobre algumas relações de poder que atravessam as ruas. Uma cidade que se faz olímpica e turística para uns, e repressiva e exterminadora para outros.

---

<sup>26</sup> Expressão usada por Heliana Conde em prefácio do livro de Bandeira (2012): “a longa experiência da autora no sistema prisional do Rio de Janeiro não fez dela uma psicóloga experimental, mas uma intelectual experimentante”.

- Sim, repressão! Pelo que entendi você está fazendo doutorado. Certo? E por que falar das ruas? – Marco Polo estava cada vez mais curioso.

- Eu falo daquilo que me toca, desconcertando-me. E estar nas ruas – sobretudo, as do centro da cidade – produzem um efeito de afetação muito grande em mim. É um espaço de grande mistura. Como João do Rio (2012, p. 28), “eu amo a rua”. Quando falo das ruas, falo também deste corpo de pesquisador que fui criando. Penso a pesquisa como uma forma de habitar as ruas e “criar” um corpo. Afinal, não existe manual de como fazer um doutorado. Na verdade, até existe sim... Mas não me interessa.

- Você fala, então, de uma realidade parcial? Marco Polo.

- Falo de fragmentos tentando compor uma tese em fragmentos. Não penso as ruas como uma suposta totalidade homogênea (plano da transcendência), mas um emaranhado complexo de linhas que estão o tempo todo se atravessando e produzindo mundos (plano da imanência). Ao mesmo tempo, fazer do olhar/caminhar pela cidade um dispositivo da pesquisa é colocar em análise as armadilhas que vão nos capturando cotidianamente e produzindo um corpo dócil (FOUCAULT, 2004), uma subjetivação capitalística (GUATARI, 1996), um olhar fatalista (FREIRE, 2011), etc.

- Mas como lidar ou evitar que estas armadilhas – as tais capturas que você fala – não atrapalhem a pesquisa? – Marco Polo.

- Mia Couto (2012, p. 98) nos deu uma pista: “quebrar as armadilhas do mundo é, antes de mais, quebrar o mundo de armadilhas em que se converteu o nosso próprio olhar”. A pesquisa se constituiu, também, como um exercício de quebrar as armadilhas do olhar do pesquisador. Ainda no exercício de quebrar armadilhas, Mia Couto (2012, p. 103) diz que “tudo pode ser página”. O autor falar de seu pai quando este lhe convidava para catar pedras brilhantes no chão. Isso em uma Moçambique que vivia uma sangrenta guerra civil. Diz Mia Couto (2012, 104): “em redor, havia um mundo que se desmoronava mas ali estava um homem ensinando o seu filho a catar

brilhos entre as poeiras do chão”. Promover o chão em página. No nosso caso, promover a rua em página. Mia Couto está falando sobre método!

- Por este viés, me sinto como um pesquisador que viaja atrás, não meramente de paisagens bonitas para apaziguar, mas de horizontes que desestabilizem o meu olhar; que joguem meu corpo em outras composições; que me forcem a pensar e a viver de maneira diferente – disse o italiano.

- Foucault (1998, p.12) disse belamente: “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e a refletir”.

- É realmente bonito! Mas eu fico pensando no que podemos fazer. Digo: como podemos construir alternativas – Pergunta Marco Polo.

- A gente vive uma vida pouco viva, entorpecidos numa espécie de subjetividade “modo avião” (BRUM, 2014). A gente acorda, mas não desperta. A velocidade dos dias, carregados de burocracias e tarefas para dar conta, parecem dificultar a possibilidade de viver uma experiência de vida de outra ordem. Menos da pressa, e mais da sensibilidade. No tumulto das ruas a gente não se encontra, apenas esbarra.

- Você quer dizer, de outro tempo? – perguntou Marco Polo

- Outra pulsação. O pulso ainda pulsa, certo? Mas em que ritmo? Em que intensidade?

- Aqui no Rio percebo algo muito forte... as pessoas temem as ruas. Claro, já vi isto em outros lugares, até mesmo em outras épocas! Mas aqui isso ganha outros contornos – disse Marco Polo.

- Vi estes dias um vídeo muito interessante. Um grupo de zen budistas promovendo meditações no meio de ruas. Uma participante disse uma coisa que achei potente:

“Com a meditação a gente quer estabelecer outra relação com o espaço público, que é de cuidar da rua e não ter medo dela” (ZANOLLI, 2015).

- Imagina um grupo meditando no meio da Carioca? – Disse Marco Polo sorrindo.

- Estratégias para habitar as ruas de outra forma. A gente pode inventar outras experiências de viver a cidade; suas ruas e misturas... – disse o estranho.

Calado e tocado pela ideia de inventar outras estratégias de habitar as ruas, Marco Polo deixou o olhar perder-se no horizonte. Olhou para aquela imensidão deslumbrante e sorriu ao imaginar o quanto de estratégias alegres e potentes podem ser criadas para reinventar a experiência de estar nas ruas.

- Um grupo de monges começam a meditar nas ruas. Uns vão dizer que é loucura. Outros vão passar com pressa. Alguns poderão parar e, curiosos, tentar entender o que está acontecendo e experimentar viver aquele acontecimento, também. Sabe, eu aposto na potência da contaminação – disse o estranho.

Em silêncio, os dois olhavam para o horizonte e para a cidade que parecia acordar vagarosamente.

- E o que eu estou fazendo aqui? Por que me trazer da Itália para cá quando você poderia convidar tantos outros personagens...

- Você surgiu de um potente encontro que tive com Maria Helena e Manuela<sup>27</sup>. Com elas, trouxe você para o Rio. Depois deste encontro, achei que você poderia ficar mais um pouco e me ajudar a construir a tese. Você é o meu diário de campo inventado. Por onde andei, você andou. O que vivi, você viu. Mas, como boa invenção que você é, você foi além. E nem tudo que você narra eu vivi, mas estamos falando de virtualidades – sorriu o estranho.

- E agora, o que acontece? Você termina a tese e eu vou para a companhia de Kublai Kuhn? Acordarei com a sensação de ter vivido um sonho... – indagou Polo.

---

<sup>27</sup> ROMERO, M.; ZAMORA, M.; ALVARENGA FILHO, J. R. Cidade, política e subjetivação: Marco Polo visita o Rio de Janeiro. Revista Mnemosine, volume 9, n 2 (2013). Disponível em: <http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/305>

- Não vou terminar a tese. É como dizia, segundo Agamben<sup>28</sup>, um pintor italiano que sustentava que não acabava seus quadros. Simplesmente, os abandonava. Vou abandonar a pesquisa porque é momento de inventar outros caminhos. Mas não vou concluí-la. A conclusão é que não há conclusão. Não sei o que acontecerá depois. Não faço ideia de como este trabalho poderá (ou, não) ser utilizado. Que seja utilizado como ferramenta para outras análises. É uma aposta! Um possível. Quanto a você Marco, sua estória aqui no Rio de Janeiro talvez esteja apenas começando. Talvez, você ainda viaje por outras cidades, conheça pessoas, se emocione com horizontes, viva novos e arrebatadores acontecimentos. Continuemos, enfim. É preciso seguir. E como diz a canção: “é preciso estar atento e forte<sup>29</sup>”.

Marco Polo e o estranho sorriem.

- É assim que termina a estória... com nossos sorrisos? Perguntou Marco Polo.

- Não. É assim que começa – disse o estranho.

---

<sup>28</sup> “Giacometti disse uma coisa que eu realmente gostei: você nunca termina uma pintura, você a abandona. Suas pinturas não estão acabadas, seu potencial nunca se esgota” (AGAMBEN, 2015).

<sup>29</sup> Trecho da canção “Divino Maravilhoso”, de Caetano Veloso.

## AGRADECIMENTOS

O estranho se foi e Marco Polo continuou no Parque das Ruínas olhando e sendo olhado pela cidade. Lembrou-se do brilho nos olhos daquele quando este falou sobre o fim do doutorado e da gratidão que sentia por todos que atravessaram seu caminho e potencializaram o exercício de invenção da sua tese. Eram tantos e tão variados que, ao invés de nomes, preferiu falar de territórios e acontecimentos. Ao invés de frases prontas, para agradecer cantarolou sambas enquanto batucava o ritmo na palma das mãos. “Foi um rio que passou em minha vida”... Rio de águas arredias e intensas. Como na canção de Paulinho da Viola, seu coração se deixou levar por entre arrebatadores encontros que o produziram enquanto outro. O espaço de orientação da “Cecilândia”: afetos de alegria e potentes contágios na composição sensível de um coletivo heterogêneo e acolhedor. Espaço este que o fortalecia para embates em territórios mais endurecidos. Falou da música, da família, dos amigos, destes importantes vetores existenciais que lhe atravessam, dos encontros felizes com os inúmeros coletivos cantantes, do violão, do cavaco, da música aos sábados. Cantarolou João Nogueira, “e o verso vem vindo e vem vindo uma melodia/ e o povo começa a cantar”. Poder da criação! Poder das afetações num mundo, feito moinho, que gira a triturar sonhos (Cartola), mas que, também, enseja encontros que são como desobedientes filosofias (Noel) nesta roda viva (Chico). Sorriu ao falar das aulas, de seus alunos, das experimentações, dos contágios. “E eu solto um canto da garganta”, “minha missão”! Agradeceu aos professores, aliados que teve. Em especial, a Cecília, parceira inspiradora na composição da tese. “Não sou de brincadeira/ Canto pelos sete cantos/ Não temo quebrantos/ Porque eu sou guerreira” (na voz de Clara). Agradeceu a Lívia, ao Luís, a Heliana, a Maria Helena e a Vera. “Canta, canta minha gente!” (Martinho). A CAPES, pela bolsa. Falou, agradeceu, sorriu e, já indo embora, cantou... “diz que fui por aí/ levando um violão embaixo do braço” (Kéti).

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro/ IPP, 2011.

AGAMBEN, G. Estado de exceção. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_ O pensamento é a coragem do desespero. Disponível em:

<<http://blogdaboitempo.com.br/2014/08/28/agamben-o-pensamento-e-a-coragem-do-desespero/>> Acesso em maio de 2015.

ALVARENGA FILHO, J. R. A chacina do pan: a produção de vidas descartáveis no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

ANDRADE, C. No meio do caminho. Disponível em:

< <http://www.jornaldepoesia.jor.br/drumm2.html> > Acesso em abril de 2013.

\_\_\_\_\_ O medo. Em: ANDRADE, C. A rosa do povo. São Paulo: Cia. das letras, 2012a.

\_\_\_\_\_ A flor e a náusea. ANDRADE, C. A rosa do povo. São Paulo: Cia. das letras, 2012b.

BANDEIRA, M. Sistema prisional – contando e recontando histórias: as oficinas de leitura como processos inventivos de intervenção. Curitiba: Juruá, 2012.

BANDEIRA, M. O Bicho. Disponível em:

<<http://www.jornaldepoesia.jor.br/manuelbandeirao3.html>>

Acesso em abril de 2013.

BAPTISTA, L. A. O veludo, o vidro e o plástico. Niterói: EdUFF, 2012.

\_\_\_\_\_ A fábula do garoto que quanto mais falava sumia sem deixar vestígios: cidade, cotidiano e poder. Disponível em:

<[http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos\\_sti/Luis%20Antonio%20Baptista/texto94.pdf](http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos_sti/Luis%20Antonio%20Baptista/texto94.pdf)> Acesso em abril de 2013.

BARCELLOS, T. Subjetividade e samba: a dor pede passagem. *Psicologia em Revista*, BH, V. 16, nº1, p. 17-27, 2010.

BARROS, M. *Obra completa*. São Paulo: Leya, 2013.

BATISTA, V. M. *O medo na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BAPTISTA, L. A atriz, o padre e o psicanalista: os amoladores de faca. Disponível em: <[http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos\\_sti/Luis%20Antonio%20Baptista/texto95.pdf](http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos_sti/Luis%20Antonio%20Baptista/texto95.pdf)> Acesso em abril de 2012

\_\_\_\_\_ A fábula do garoto que quanto mais falava sumia sem deixar vestígio. Disponível em:

<[http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos\\_sti/Luis%20Antonio%20Baptista/texto94.pdf](http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos_sti/Luis%20Antonio%20Baptista/texto94.pdf)> Acesso em junho de 2013.

BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: JZE, 2005.

BAUDELAIRE, C. *Pequenos poemas em prosa*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São paulo: Cia. Das Letras (Cia de Bolso), 2011.

BOTTARI, E.; RAMALHO, S. Milícias avançam pelo corredor do Pan 2007. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/milicias-avancam-pelo-corredor-do-pan-2007-4541223>> Acesso em maio de 2012

BRAGA, M.; MARTINS, S.; SILVA, G. Violência, homicídio e vitimização juvenil no Brasil: alguns indicativos de suas maiores incidências. Disponível em: <<http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT25-35.pdf>>

BRUM, Eliane. *O olho da rua*. São Paulo: Editora Globo, 2008.

\_\_\_\_\_ Rolezinhos: o que estes jovens estão “roubando” da classe média.  
Disponível em:

<<http://arquivo.geledes.org.br/em-debate/colunistas/22538-rolezinhos-o-que-estes-jovens-estao-roubando-da-classe-media-brasileira-por-eliane-brum>> acesso em dezembro de 2013.

\_\_\_\_\_ Antiautoajuda para 2015. Disponível em:

<[http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/22/opinion/1419251053\\_272392.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/22/opinion/1419251053_272392.html)> Acesso em dezembro de 2014.

\_\_\_\_\_ A menina quebrada. Porto Alegre: Arquipélago, 2013.

CALVINO, I. As cidades invisíveis. São Paulo: O Globo, 2003.

\_\_\_\_\_ Seis propostas para o novo milênio. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

CARROLL, Lewis. Alice edição comentada: aventuras de Alice no país das maravilhas e através do espelho. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

COIMBRA, C. Operação Rio: o mito das classes perigosas. Niterói/ Rio de Janeiro: Intertexto/Oficina do Autor, 2001.

CORALINA, C. Desistir. Disponível em:

<<http://frases.art.br/cora-coralina>> Acesso em janeiro de 2013.

COSTA, E. No Caminho Com Maiakovski. Rio de Janeiro: Geração Editorial, 2003.

COUTO, M. Os fios da missanga. São Paulo: Cia. Das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_ Terra sonâmbula. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_ E se Obama fosse africano. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_ Vozes anoitecidas. São Paulo: Cia. das letras, 2013.

DAVIS, M. Planeta Favela. Rio de Janeiro: Boitempo, 2006.

DELEUZE, G. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992.

DIMENSTEIN, M.; ZAMORA, M. H.; VILHENA, J. Da vida dos jovens nas favelas cariocas. Drogas, violência e confinamento. Disponível em:

<<http://www.ichf.uff.br/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-1-Cap2.pdf>>

Acesso 2014.

FERNANDES, M. C. Juventude pobre e políticas de (i)mobilidade urbana: Há ainda o que se ver quando tudo parece ter se dado a se ver e pensar? Programa de Pós Graduação em Psicologia (Dissertação de mestrado), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

Disponível em:

<<http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/dissertacoes/2011/MariaClara.pdf>> Acesso em 2011.

FLAUZINA, A. L. Corpo negro caído no chão. O sistema penal e projeto genocida do Estado brasileiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

FONSECA, R. A arte de andar pelas ruas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FORRESTER, V. O horror econômico. São Paulo: Unesp, 1997.

FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_ *Direito de morte e poder sobre a vida*. In: História da sexualidade I: a vontade de saber. São Paulo: Graal, 2003.

\_\_\_\_\_ *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_ *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_ *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_ *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FÓRUM. Racismo o que eu tenho a ver com isso? Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2013/12/racismo-o-que-eu-tenho-a-ver-com-isso/> Acesso em dezembro de 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e terra, 2011.

GALEANO, E. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM editora, 2005.

\_\_\_\_\_ *Os filhos do dia*. Porto Alegre: L&PM editora, 2012.

\_\_\_\_\_ *El derecho ao delírio*. Disponível em:

< <https://www.youtube.com/watch?v=rpgfaijyMgg>> Acesso em outubro de 2012.

\_\_\_\_\_ *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM editora, 2010.

\_\_\_\_\_ *Entrevista com Eduardo Galeano*. Disponível em:

<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/07/entrevista-com-eduardo-galeano-sobre-rumos-do-planeta.html>> Acesso em abril de 2013.

GOULART, G. *Consulado dos EUA emite alerta sobre arrastões na orla do Rio* Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/consulado-dos-eua-emite-alerta-sobre-arrastoes-na-orla-do-rio-10876696> Acesso em novembro de 2013.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

G1. *Beltrame admite que houve arrastão em praias do Rio e pede mais apoio*.

Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/11/beltrame-admite-que-houve-arrastao-em-praias-do-rio-e-pede-mais-apoio.html> Acesso em novembro de 2013.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓCIA, L. *Pistas para o método da cartografia*. Rio Grande do Sul: Editora Sulina, 2009.

LISPECTOR, C. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_ *Mineirinho*. Disponível:

<[http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4396%3Aconto-qmineirinhoq-clarice-lispector&catid=409%3Aarquivo-ip&Itemid=220&lang=pt](http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4396%3Aconto-qmineirinhoq-clarice-lispector&catid=409%3Aarquivo-ip&Itemid=220&lang=pt)> Acesso em

MACHADO, A. *Apólogo brasileiro sem véu de alegoria*. Disponível em: [http://www.releituras.com/amachado\\_apologo.asp](http://www.releituras.com/amachado_apologo.asp) Acesso em agosto de 2013.

MANSUR, A. O Velho Oeste Carioca: Mais histórias da ocupação da zona oeste do Rio de Janeiro (de Deodoro a Sepetiba) – do século XVI ao XXI. Volume II. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2011.

MARTINS, J. Eu não, meu senhor.

Disponível em:

<<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,eu-nao-meu-senhor,1128202,0.htm>> Acesso em fevereiro de 2014.

MELLO NETO, J. C. Morte e vida Severina. São Paulo: Alfaguara Brasil, 2007.

MONTES, W. Texto do discurso. Disponível em:

<<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/taqalerj.nsf/8b99ca38e07826db032565300046fdf1/88b9add05f8650cf8325729f0073c68c?OpenDocument>> Acesso em janeiro de 2013.

NICOLINO, A. Cultura ocidental, juventude pobre e primazia da beleza: notas de uma relação conflituosa. Disponível:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832012000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000100007)> Acesso em 2012.

OLIVEIRA, G. PiXação: arte e pedagogia como crime. Dissertação (mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2009. Disponível em:

<[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=159383](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=159383)>

ONU. Global Study of Homicide. Disponível em:  
<[http://www.unodc.org/documents/gsh/pdfs/2014\\_GLOBAL\\_HOMICIDE\\_BOOK\\_web.pdf](http://www.unodc.org/documents/gsh/pdfs/2014_GLOBAL_HOMICIDE_BOOK_web.pdf)>

Acesso em 2014.

PELBART, P. Vida nua, vida besta, uma vida. Disponível em  
<<http://search.4shared.com/q/1/Pelbart>>. Acesso em maio de 2010.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

RIO, J. A alma encantadora das ruas. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2008.

ROSA, G. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SAKAMOTO, Leonardo. O pelourinho carioca e a transmissão do ódio via concessão pública de TV. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/em-debate/23182-o-pelourinho-carioca-e-a-transmissao-do-odio-via-concessao-publica-de-tv-por-leonardo-sakamoto>> Acesso em fevereiro de 2014.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. Pequeno Príncipe. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, S/d.

SEIXAS, W. “Hiato: um documentário de Wladimir Seixas”. Rio de Janeiro, 2008.

SENNETT, Richard. O declínio do homem público: tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SONTAG, S. Sobre a fotografia. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_ Diante da dor dos outros. Rio de Janeiro. Cia das Letras, 2003.

SOUZA, M. L. Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

VEJA. Arrastão provoca correria na Praia de Ipanema, no Rio. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/arrastao-provoca-correria-na-praia-de-ipanema-no-rio> Acesso em 2013.

WAISELFISZ, J. Mapa da Violência: os jovens do Brasil. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf)> Acesso em maio de 2014.

SHEHERAZADE, R. Rachel Sheherazade fala sobre o adolescente vítima de justiceiros no Rio - 04/02/2014

<https://www.youtube.com/watch?v=nXraKo7hG9Y> acesso em 2014.

ZANOLLI, J. Meditação na rua resgata afeto pela cidade. Disponível em: <  
<https://catracalivre.com.br/geral/gentileza-urbana/gratis/meditacao-na-rua-resgata-afeto-pela-cidade/>> Acesso em maio de 2015